

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais

Cristina Xavier Cordeiro

**VIVÊNCIAS DE JUVENTUDE EM NOVA LIMA: um estudo no bairro Cruzeiro**

Belo Horizonte

2019

Cristina Xavier Cordeiro

**VIVÊNCIAS DE JUVENTUDE EM NOVA LIMA: um estudo no bairro Cruzeiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Cristina Almeida Cunha Filgueiras

Área de Concentração: Políticas Públicas, participação e poder local

Belo Horizonte

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C794v Cordeiro, Cristina Xavier  
Vivências de juventude em Nova Lima: um estudo no bairro Cruzeiro /  
Cristina Xavier Cordeiro. Belo Horizonte, 2019.  
153 f.: il.

Orientadora: Cristina Almeida Cunha Filgueiras

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

1. Juventude - Nova Lima (MG). 2. Desigualdade social. 3. Estigma  
(Psicologia social). 4. Territorialidade humana. 5. Interação social. 6. Sociologia  
urbana. I. Filgueiras, Cristina Almeida Cunha. II. Pontifícia Universidade  
Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III.  
Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 301.18(1-21)

Cristina Xavier Cordeiro

**VIVÊNCIAS DE JUVENTUDE EM NOVA LIMA: um estudo no bairro Cruzeiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Cristina Almeida Cunha Filgueiras

Área de Concentração: Políticas Públicas, participação e poder local

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cristina Almeida Cunha Filgueiras – PUC Minas (Orientadora)

---

Profa. Dra. Karla Cunha Pádua – UEMG (Banca Examinadora)

---

Prof. Dra. Regina de Paula Medeiros – PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2019.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos moradores do bairro Cruzeiro e principalmente aos jovens, que solidariamente cederam parte de seu tempo compartilhando suas vivências e possibilitando a construção dessa pesquisa. Um agradecimento especial à Marta (Cida) e ao Everson (Negão), mediadores essenciais no trabalho de campo: obrigada pela atenção, carinho e disponibilidade para as contribuições.

À Cristina, minha orientadora, que com muita dedicação, disponibilidade e paciência me ajudou a encontrar um foco de análise da pesquisa - o tão procurado problema de pesquisa - e orientou os caminhos desta investigação.

À professora Regina, pelas contribuições no exame de qualificação.

À Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social pela oportunidade de convivência com Kelma, que generosamente auxiliou na revisão textual e aos servidores da Diretoria de Proteção Social Básica que orientaram na leitura dos indicadores sociais.

À parceria da Capes com a Puc-MG pelo importante incentivo material. Sem ele, o desejo de pesquisar os jovens do Cruzeiro não teria se efetivado.

Aos meus pais, que me ensinaram a olhar o mundo pelas lentes da justiça social, aos amigos pela compreensão das ausências em momentos importantes e um agradecimento especial ao Pedro, pela paciência incondicional e criatividade nas mais diversas formas de apoio e incentivo.

## RESUMO

A dissertação analisa o papel das estruturas materiais e simbólicas na produção e reprodução das desigualdades sociais e as vivências de território dos jovens do Cruzeiro – Nova Lima (Minas Gerais). A análise parte do conhecimento das ciências sociais e dos estudos urbanos sobre como as experiências de habitar a cidade resultam em distinções sociais. As primeiras aproximações com o campo foram por meio de caminhadas orientadas e contato inicial com os moradores. Em seguida, foram realizadas entrevistas individualizadas e em grupo com adultos e jovens do bairro e também com pessoas externas, incluindo servidores públicos e moradores de outras regiões, visando assim conhecer as diversas formas de se pensar as juventudes do Cruzeiro. Os relatos apresentados trazem os elementos significativos da vida cotidiana desses moradores, principalmente dos jovens: as incertezas do mundo do trabalho, os sentidos do lazer, as experiências de preconceitos, as interações no território e os efeitos positivos e negativos do local de moradia. A dissertação examina como os jovens percebem o bairro, se percebem nele e são vistos pelos “outros” (pessoas que não possuem vínculo com o bairro); como essa percepção tem impacto nas interações sociais e nos modos de apropriação do espaço urbano; as influências do estigma territorial no acesso dos jovens às oportunidades e nas interações socioafetivas e, por fim, as estratégias de convivência e enfrentamento aos imaginários sociais de seu território. O estudo conclui com uma reflexão acerca de violências simbólicas naturalizadas e pontua a importância de conhecer suas particularidades para pensar caminhos alternativos mais efetivos e conectados com as vivências dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Desigualdade Social. Vivências Juvenis. Estigma de Território. Bairro Cruzeiro Nova Lima.

## **ABSTRACT**

The dissertation analyzes the role of symbolic structures in the production and reproduction of social inequalities and the experiences of territory of the young people of Cruzeiro - Nova Lima (Minas Gerais). The analysis starts from the knowledge of social sciences and urban studies about how the experiences of inhabiting the city reflect social distinctions. The first approximations with the investigation were guided walks and initial contact with the residents. Then, individual and group interviews were conducted with adults and young people from the neighborhood and also with external people, including public workers and residents of other regions, in order to know the various ways of thinking the youth of Cruzeiro. The reports bring the main elements in the daily life of the Cruzeiro youth, the work dilemmas, the meanings of leisure, the experiences of prejudices, the interactions of territories and the positive and negative effects of the place of residence. These reports make it possible to understand how young people perceive the neighborhood, perceive themselves in it and are seen by "others" (people who do not have a bond with the neighborhood); how this perception has an impact on social interactions and forms of appropriation of urban space; the influence of the territorial stigma on young people's access to opportunities, in the mobility by the city and on socio-affective interactions, and finally on strategies for coexistence and confrontation with the social imaginaries of their territory. Thus, this dissertation intends to awaken reflections about naturalized symbolic violence and the importance of knowing them in their particularities in order to think alternative ways that are more effective and connected with the experiences of the subjects.

Keywords: Social inequality. Youth experiences. Stigma of Territory. Neighborhood Cruzeiro Nova Lima.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2 ESTIGMA DE TERRITÓRIO E JUVENTUDES.....</b>	<b>21</b>
2.1 Estigma de território e seus efeitos.....	21
2.2 O estigma enquanto construção discursiva e coletiva.....	30
2.3 Juventude pobre e estigmatizada.....	34
2.4 Juventude, uma condição plural, além de desigual.....	37
<b>3 A PESQUISA EM UM BAIRRO DE NOVA LIMA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>45</b>
3.1 Abordagem, estratégias e fontes.....	45
3.2 O trabalho de campo.....	52
3.3 Desafios da pesquisa de campo.....	58
<b>4 O BAIRRO CRUZEIRO .....</b>	<b>67</b>
4.1 O município de Nova Lima.....	67
4.2 O Cruzeiro: memórias da formação do bairro.....	73
4.3 Caracterização do bairro.....	78
4.4 Percepções sobre as vivências no bairro.....	85
<b>5 JUVENTUDES NO CRUZEIRO.....</b>	<b>91</b>
5.1 Elementos de caracterização.....	91
5.2 As experiências de preconceitos.....	93
5.3 Tensões juvenis.....	96
5.3.1 Educação.....	96
5.3.2 Trabalho, renda e drogas.....	102
5.4 Lazer e cultura juvenil.....	106
<b>6 PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DOS JOVENS DO CRUZEIRO SOBRE O ESTIGMA TERRITORIAL.....</b>	<b>113</b>
6.1 Como tudo começou.....	113
6.2 A propagação dos imaginários sobre o bairro.....	122
6.3 A marca negativa de territórios e pessoas.....	127
6.4 Reações aos efeitos do local de moradia.....	133
<b>7 CONCLUSÃO.....</b>	<b>139</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>145</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>151</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>151</b>
<b>APÊNDICE C.....</b>	<b>152</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A presente investigação parte do princípio de que o local de moradia e sua dinâmica interferem no modo como os jovens se reconhecem e interagem nos espaços da cidade. Além disso, reflete em distinções sociais e muitas das vezes em segregação social. É na vivência diária que as exclusões, as vulnerabilidades e as potencialidades do território se afloram e se constituem. É na concretude da vida cotidiana que se materializam as tensões, mas também a solidariedade. Neste sentido, esta pesquisa buscou compreender como é ser jovem com vulnerabilidades sociais em Nova Lima. Com é a dinâmica diária dos jovens que vivenciam situações de estigmas por residirem em um bairro –etiquetado” como um lugar violento e dominado pelo tráfico.

O rótulo negativo em torno de um dado lugar é um importante objeto de análise para se entender a segregação social e violência presente nos territórios em situação de vulnerabilidades. Loic Wacquant (2001) pontua que o estigma territorial é um aspecto fundamental nos processos de exclusão social. Trata-se de um elemento que permite observar as articulações e interações sociais dos sujeitos nas suas vivências diárias, para além de uma perspectiva econômica e política.

Identificar e compreender as relações sociais no nível das construções discursivas e das interações possibilita a compreensão de elementos que são menos tangíveis, mas que produzem desigualdades diversas e exclusão. Neste sentido, considera-se relevante pensar a contribuição do estigma na produção e reprodução das desigualdades sociais e nos modos de ocupar a cidade. Esse viés temático permite conhecer formas de exclusão que são sofridas, mas que muitas das vezes são naturalizadas.

Autores como Bourdieu, Waquant, Almeida e Nakano, Elias, Cornejo, entre outros estudaram a relação entre estrutura espacial/social e a associação direta e generalizada das características de um espaço à vida social de seus moradores. Um dado lugar de moradia carrega elementos que podem gerar status ou desonra a seus habitantes, assim, um bairro que carrega um conjunto de elementos negativos ligados à criminalidade, violência e pobreza pode resultar em rótulos que tatuam a vida de seus moradores.

De modo mais específico, esta pesquisa buscou abordar as manifestações do estigma territorial nas vivências juvenis no bairro Cruzeiro, Nova Lima. A escolha do recorte da juventude ligada ao estigma territorial é resultado de minhas percepções cotidianas, como moradora e trabalhadora de Nova Lima, de que esse é um traço distintivo e marcador ao se falar dos moradores do Cruzeiro, principalmente quando se trata dos jovens. No imaginário

popular trata-se de uma juventude ligada ao tráfico, violência e promiscuidade. —A realidade poderá ser diferente. Para ela a chegar torna-se necessário penetrar nos meandros dos quotidianos dos jovens”, assegura Pais (1990, p. 145).

Nesse sentido, a organização das informações em capítulos foi conduzida a partir de um debate teórico para situar o problema de pesquisa; apresentação do campo de investigação; relato das estratégias metodológicas, exposição dos elementos significativos das experiências de juventude no bairro e por fim, problematização dos efeitos do local de moradia, particularmente as influências na vida dos jovens.

No Capítulo 2 desta dissertação é apresentado o campo de debate em que situam as categorias Estigmas de Território e Juventudes, de modo a estabelecer uma relação entre elas. A segregação ocasionada por essa forma de estigma não impacta somente no acesso a bens e serviços, mas possui também uma dimensão imaterial expressa na integração dos moradores de áreas rotuladas ao todo social, bem como na dinâmica comunitária desses lugares. Para Wacquant (2001) a análise a partir do viés do estigma, é importante não somente por se tratar de uma violência de amplo alcance nas vidas dos sujeitos, mas também por ofertar elementos para lidar com essa situação.

Neste contexto segregacionista, os jovens constituem um grupo que sofre duplamente esse processo: seja por ser morador de um bairro estigmatizado, seja pela ideia de juventude que é reproduzida pelo imaginário popular como uma fase problemática. A caracterização da juventude envolve inúmeras interpretações, entre essas, a pesquisa se apoiou na perspectiva de juventudes no plural, que engloba as múltiplas possibilidades de ser e viver esta etapa da vida.

No capítulo 3 são apresentados os caminhos metodológicos da pesquisa, desde a revisão teórica às estratégias de inserção em campo. Foram feitas pesquisas bibliográficas sobre a relação espaço e vivências e suas formas de segregação, em especial por meio da categoria de Estigma Territorial desenvolvida por Wacquant. Outra categoria central neste estudo foi a de Juventudes, por meio da qual se estabeleceu um diálogo com as experiências juvenis em um território rotulado. Pela natureza da pesquisa, foram utilizadas metodologias de pesquisa social, pesquisa qualitativa e técnicas de entrevistas. Foram realizadas entrevistas individuais com moradores e não moradores do bairro, buscando compreender os discursos que são produzidos e como são interpretados e internalizados. A inserção em campo foi

orientada principalmente pelas observações do cotidiano, das interações locais, a partir de sua espontaneidade diária.

O capítulo 4 situa o cenário pesquisado: o bairro Cruzeiro. Nele são apresentadas as memórias de formação do bairro, indicadores sociais e demográficos e relatos dos moradores sobre as vivências e sociabilidades que ali se desenvolvem. A construção do capítulo é baseada em dados coletados nas entrevistas e análise de dados nacionais e municipais. Estas informações mostram que a história do território foi construída a partir de rótulos, lutas e solidariedade.

No capítulo 5 são analisados os elementos trazidos nas entrevistas. O propósito desse capítulo é examinar as experiências de juventudes no Cruzeiro começando pela apresentação de dados que expressam o perfil dessa juventude, passando pelas incertezas e tensões enfrentadas no cotidiano e as possibilidades de lazer. A escolha desses elementos foi feita a partir dos dados trazidos pelos jovens daquilo que é significativo na vida deles.

No capítulo de conclusão são apresentados os principais achados da investigação. Nele é abordado com maior ênfase o tema central da dissertação: o estigma territorial na percepção dos jovens. Um tema historicamente ligado ao bairro e à vida de seus jovens moradores que sofrem de forma mais explícita e contundente com a imagem negativa que se construiu em torno do Cruzeiro. Esse capítulo é constituído por diversos relatos, um espaço polifônico onde se buscou apresentar e analisar os relatos de diferentes atores, a partir de diferentes pontos de vista, vivências e percepções. A riqueza dessa seção está nesses relatos, que são descrições da vida dos jovens.



## 2 ESTIGMA DE TERRITÓRIO E JUVENTUDES

Neste capítulo serão apresentados os principais elementos teóricos e conceituais que fundamentam esta dissertação. Esses elementos contextualizam o problema de pesquisa, dialogam com outras realidades semelhantes à de Nova Lima e possibilitam uma análise das interações juvenis no bairro Cruzeiro.

### 2.1 Estigma territorial e seus efeitos

Os anos de 1970 marcaram um período de reordenamento da economia e dos processos de trabalho na sociedade burguesa. Por um lado, o aumento dos investimentos em capital financeiro, reestruturação produtiva (automação dos meios de produção), desindustrialização, desregulamentação das relações de trabalho, aumento da informalidade e do desemprego, resultaram no incremento do que Wacquant chamou de “vulneráveis do proletariado”. Por outro lado, ocorreu a desarticulação do Estado de Bem Estar Social nos países onde esse se desenvolveu, desmantelando os direitos sociais e precarizando as políticas públicas. No Brasil, o desenvolvimento da indústria tornou possível a modernização do trabalho embora tenha sido mantida uma estrutura tradicional e desigual com elevada concentração de riquezas, herdada da sociedade agrária.

Nesse cenário foram surgindo novas configurações de pobreza e segregação social. Os pobres passaram a se concentrar nas periferias dos grandes centros urbanos, lugares com precária ou inexistente infraestrutura. Formando uma crescente malha de pessoas com vulnerabilidades diversas, tanto materiais quanto imateriais, como os estigmas.

Para Ribeiro (2005, p. 51) o cenário da pobreza urbana contemporânea não se define apenas pelas “carências absolutas ou relativas” vivenciada pelos grupos que ocupam as posições mais baixas no sistema de hierarquia socioeconômica, mas, sobretudo por serem aqueles que estão “mais fortemente submetidos aos novos mecanismos de marginalização e exclusão social gerados pelo capitalismo financeirizado e globalizado”.

A esse cenário, Wacquant (2001, p. 5) intitulou “marginalidade avançada”. “Um regime de clausura excludente e de exílio socioespacial que surgiu na cidade pós-fordista”. Na síntese do autor, quatro lógicas sustentam esse período:

- *Dinâmica macro social e novas formas da desigualdade social*: “a opulência e a indigência, o luxo e a penúria, a abundância e a miséria florescem lado a lado”. As novas relações de produção, frente aos avanços tecnológicos, incorporam os mais qualificados e descartam milhões com baixa ou nenhuma qualificação profissional. “Quanto mais avançada a economia capitalista remodelada, mais amplo e profundo é o alcance da nova marginalidade e mais concorridas as filas das pessoas relegadas à agonia da miséria sem trégua nem remédio [...]” (Wacquant, 2001, p. 172);
- *Dinâmica econômica e a mutação do trabalho assalariado*: a marginalidade avançada é resultado de uma dupla transformação no mercado de trabalho: a automação/exigência de mão de obra qualificada e a degradação dos direitos trabalhistas e das condições básicas de emprego;
- *Dinâmica política e reconstrução dos Estados de Bem Estar*: o encolhimento e a desarticulação do estado de Bem Estar Social são duas das grandes causas da indigência social;
- *Dinâmica espacial*: concentração de pessoas em situação de pobreza, estigmatização e segregação física e simbólica. Esse aspecto socioespacial das novas configurações da relação do trabalho com o capital constitui o foco de análise desta pesquisa de mestrado.

Os efeitos da Marginalidade Avançada na dinâmica espacial foram estudados por diversos pesquisadores sobre diferentes aspectos. Pierre Bourdieu chamou de “Efeitos de Lugar”, Rubens Kaztman “Efeito de Vizinhança”, Andres G. Saravi “Dimensão Cultural da Segregação/Efeito Gueto”, Loic Wacquant “Stigma de Território”, entre outros.

Para Bourdieu, (1997, p. 160 - 162) o “espaço habitado funciona como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social”, reproduzindo hierarquias e desigualdades sociais. A posição que uma pessoa ocupa no ordenamento social se expressa no espaço físico em que ele reside e no conjunto de oportunidades e bens que lhe são acessíveis. As oposições do espaço físico (ex.: centro/periferia) tendem a reproduzir-se em estruturas mentais e linguagens de divisão e distâncias sociais. Portanto, para o autor, o espaço é “um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce e, sem dúvida, sob a forma mais sutil a da violência simbólica como violência despercebida”

Rubens Kaztman analisa o poder da vizinhança na produção de ativos, ou seja, como uma composição social, cultural e econômica diversificada na vizinhança impacta no acesso a um leque maior de oportunidades. Residir em áreas de composição social heterogênea amplia

o campo de interações e de contatos, ao contrário daqueles que residem em áreas de composição social equivalentes. Para ele, esse cenário múltiplo das manifestações das desigualdades relega a massa dos mais vulneráveis a territórios precários. As regiões periféricas tendem a concentrar vizinhos com características sociais e econômicas semelhantes e isso impacta negativamente no acúmulo de ativos e acesso a oportunidades<sup>1</sup>.

Para Saravi (2008) as múltiplas dimensões da segregação urbana e sua repercussão nos diversos âmbitos da vida social, exige um esforço analítico no sentido de compreender a relação entre estrutura social e espacial. O estigma territorial é um fenômeno resultado das novas configurações das relações sociais e econômicas que excluem uma massa de potenciais trabalhadores e superlota as “franjas” da cidade, formando exílios de pobreza e marginalidade.

A dimensão cultural da segregação social, também conhecida como Efeito Gueto, propagada a partir das relações sociais estabelecidas entre os bairros, constitui para Saravi (2004) um dos elementos que dão um novo caráter à pobreza estrutural nas cidades pesquisadas. Em uma pesquisa com jovens no México, ele aborda o estigma territorial e suas manifestações de violência, geração de insegurança, generalização de um discurso excludente, delinquência juvenil, ou seja, ele demonstra como as imagens espaciais tem impacto direto na vida de seus moradores, em especial dos jovens de “classes populares”.

Embora, os diferentes autores abordem o tema a partir de diferentes enfoques analíticos, optou-se por orientar esta pesquisa de mestrado, principalmente, a partir do conceito de “Estigma de Território” de Wacquant, por considerá-la mais pertinentes ao contexto com o qual está sendo trabalhado. É preciso esclarecer, contudo, que Wacquant ao utilizar esta noção, está se referindo não a cidades brasileiras, mas às cidades de Chicago e Paris, principalmente – campo de suas pesquisas.

Para Wacquant (2001) o processo de estigmatização territorial pode retirar a solidariedade do lugar, transformando-o num espaço de indiferença e insegurança. Territórios como os guetos nos Estados Unidos e *banlieue* na França, alvos de uma vasta pesquisa do autor, congregam semelhanças e valores comuns. Situações diversas vivenciadas por moradores destes espaços apresentam uma singularidade expressa na exclusão ligada ao local de moradia.

---

<sup>1</sup> Não se trata aqui de afirmar que as periferias sejam homogêneas, que não possuam diversidades de culturas e modos de vida, trata-se apenas de apresentar a visão de um autor que analisa os elementos impactantes nas relações sociais das regiões vulnerabilizadas.

O estigma territorial está vinculado a dois elementos principais: um de caráter mais objetivo e outro subjetivo. Embora diferentes, eles resultam num ponto comum: exclusão e redução das oportunidades de superação dessa condição de desigualdade.

A parte objetiva consiste nas precárias condições de vida dos moradores de áreas segregadas, baixa infraestrutura de serviços públicos e privados. Isso por sua vez impacta no acúmulo de capitais educacional/cultural e impacta na redução de oportunidades e de alteração dos ciclos de exclusão. Katzman (2001, p. 178, tradução nossa) chamou de concentração de uma *–densidade de privação material sem precedentes que contrasta fortemente com a concentração espacial igualmente inédita de lugares ricos em outros bairros*” (KAZTMAN, 2001, p. 178, tradução nossa).

Na percepção de Kessler e Dimarco (2013, p. 226, tradução nossa) os principais efeitos negativos que afetam os residentes de espaços estigmatizados estão relacionados com a *–discriminação estrutural*”, isto é com *–um processo diacrônico durante o qual o estigma e um fator importante na geração e perpetuação de más condições de vida em uma zona difama”*. Essas condições são expressas nas dificuldades de acesso aos serviços públicos e privados, transporte, coleta seletiva de modo regular, resistência dos serviços de saúde na prestação dos serviços, devido ao medo de adentrar no território, entre outros.

Andrade e Silveira (2013) apresentam os resultados de uma pesquisa realizada por Timóteo (2009) em Belo Horizonte, os quais apontam que os moradores de favela tem um diferencial de 11% em seus salários, a probabilidade de se inserirem no mercado formal é maior que no informal, porém com menores rendimentos. Em relação ao tempo de estudo, sexo, faixa etária e ocupação, os moradores da favela apresentam os piores rendimentos em relação aos não-moradores.

A parte subjetiva do estigma territorial tem estreita ligação com a objetiva e se expressa nas interações sociais, nas redes de contatos, nos encontros com pessoas de outros bairros com perfis culturais diferentes, etc. Nestas situações, impera-se uma violência simbólica, não visível, que se manifesta em práticas de evitação de contato, de distanciamento, tentativas de manutenção da *–distinção*” social, culminando em formas de exclusão e redução de oportunidades também.

Andrade e Silveira (2013, p. 387) destacam a importância da diversificação das redes de sociabilidade para a aquisição de potencialidades. Uma rede diversificada promove contatos diversos, com pessoas com diferentes qualificações e posições no sistema de

hierarquia social e laboral, o que vem a ser um facilitador nas relações de trabalho e capacitação, por exemplo.

Para Kaztman (2001) a segregação residencial é um processo vinculado à composição social do lugar. As regiões segregadas possuem composição social semelhantes, pessoas com capital econômico, social e cultural similares. Na percepção de Bourdieu (1997, p. 166), essa composição social tem o poder de “dobrar a despossessão”, principalmente em relação cultura e às práticas culturais, “as pressões exercidas em escala da classe [...] ou em escala do conjunto habitacional pelos mais carentes ou mais afastados das exigências constitutivas da existência ‘normal’, produzem um efeito de atração para baixo, [...]” (BOURDIEU, 1997, p. 166).

Kaztman e Filgueira (2006, p. 16, tradução nossa) destacam a importância da categoria capital social na análise sobre vulnerabilidades e potencialidades. Capital social, entendido aqui como ativos relacionais, que na interpretação dos autores, têm como “úteros” de unidades coletivas, a cidade, o bairro e a família. Eles observam que, o fato dos moradores de diferentes zonas das cidades possuírem redes de contato formadas em grande parte por pessoas de capital social equivalentes, dificulta a diversificação e o acúmulo de capitais, o que, por sua vez, tem impacto na diversificação de oportunidades. Dadas às novas configurações de pobreza, essa equivalência de capitais, é um elemento que tende a fragilizar a “capacidade coletiva” de gerar um capital social que auxilie no alcance de metas individuais e comunitárias. Nesse sentido uma possível análise da relação pobreza e exclusão está na forma como o capital social é distribuído nos territórios.

Kaztman (2001, p. 181, tradução nossa) detalha os efeitos negativos dessa composição social: “as dificuldades de manutenção de instituições básicas de vizinhança e níveis adequados de organização e controle social informal ocasionados pela instabilidade laboral”. Há também o fato das “crianças e os jovens não terem contato com modelos bem sucedidos dentro do *mainstream* da sociedade, bem como oportunidades de exposição a esses modelos”. E por fim, as situações de desemprego e instabilidade de renda aumentam as possibilidades de exploração de fontes inseguras/ilegais de recursos financeiros. A progressiva sedimentação dessas respostas adaptativas se afasta dos padrões de comportamentos vigentes no resto da cidade, acentuando assim seu isolamento social.

Além das influências laborais, a percepção do sentido da educação, enquanto um elemento importante para o rompimento de ciclos de pobreza e exclusão tem forte relação com campo de contatos da pessoa. Se esses contatos são mais restritos a indivíduos de baixa

escolaridade e/ou que não veem um sentido na formação educacional, é mais provável que essa pessoa venha a reproduzir essa concepção e acabe se afastando da educação formal<sup>2</sup>.

Sabatini, Cáceres e Cerda (2001, p. 15, tradução nossa) argumentam que a dimensão subjetiva da segregação residencial constitui uma das principais características de sua “malignidade” nas cidades latino-americanas. Eles apresentam dois aspectos relacionados à segregação residencial: o primeiro se refere a “percepção subjetiva de que os pobres têm da segregação objetiva”, tanto no sentido de “um reconhecimento da própria segregação, quanto ao reconhecimento da ausência de oportunidades, sentimento de não pertença e uma ‘percepção da exclusão’”.

Já o segundo aspecto se refere a “associação crescente entre a segregação residencial e os sintomas da ‘desintegração social’”, que está relacionada aos indicadores de desemprego juvenil, atraso escolar, gravidez na adolescência, violência, atividades criminosas, insegurança, consumo de álcool e outras drogas, entre outros. Assim, concluem os autores,

O caráter perverso da segregação residencial está relacionado com as normas, valores, práticas e comportamentos que definem a cultura das ruas e dos bairros de pobreza estrutural estudados e como os estigmas que pesam sobre alguns destes bairros ou espaços urbanos e que estão predominantes no imaginário coletivo. Poder-se-ia definir a ‘malignidad’ como a dimensão cultural da segregação. (SABATINI, CÁCERES e CERDA (2001, p. 15, tradução nossa).

Wacquant (2001) afirma que o fato do sujeito residir em uma área associada aos estigmas de violência e desonestidade, interfere em vários âmbitos de sua vida: no relacionamento afetivo, no nível de confiança nestes moradores, na relação com agentes da segurança pública, na aproximação com pessoas de outras localidades e no acesso a emprego; assim como contribui para a sedimentação do desemprego nestas áreas. Os serviços públicos e privados ofertados são de qualidade inferior, os serviços de entrega evitam ir a estas áreas, parentes e amigos evitam visitar os moradores, entre outros. Isso interfere nas dificuldades de manutenção e fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

Além disso, o sentimento de indignidade pessoal que o estigma carrega assume uma dimensão altamente expressiva na vida cotidiana de seus moradores, “que colore as relações interpessoais e afeta negativamente as oportunidades nos círculos sociais, na escola e no mercado de trabalho” (WACQUANT, 2001, p. 32). O estigma tem forte correlação entre “degradação simbólica e dismantelo ecológico” dos bairros tidos como “depósito de pobres,

<sup>2</sup> Não estamos aqui afirmando que o problema da evasão escolar ou baixo escolaridade se reduza a uma rede de contatos com pessoas de menor nível educacional. É sabido que essa questão é permeada por elementos estruturais, que estão além de uma percepção sobre o sentido da educação. Contudo, essa parte de cunho mais subjetivo também interfere nas escolhas das pessoas em relação à seus vínculos com a escola.

anormais e desajustados”, que costumam ser evitados pelos de fora, pelas empresas, pelos bancos e ignoradas pelo poder público, intensificando o abandono.

O autor conclui que nas diversas sociedades existem formas de categorizar<sup>3</sup> comunidades estigmatizadas que se situam na “base do sistema hierárquico” dos centros urbanos, “nas quais os párias urbanos residem e onde os problemas sociais se congregam e infeccionam, atraindo atenção desigual e desmedidamente negativa da mídia, dos políticos e dos dirigentes do Estado”. Conhecidas como “regiões problema”, “áreas proibidas”, “circuito selvagem” da cidade, “territórios de privação e abandono a serem evitados e temidos, porque tem ou se crê amplamente que se tenha excesso de crime, de vício, e de desintegração social”. Seus moradores são “tratados a distancia em tons monocromáticos e sua vida social parece mesma em todos os lugares: exótica, improdutiva e brutal” (WACQUANT, 2001, p. 04).

Os moradores destas regiões são identificados pelas características atribuídas ao lugar. Desta forma, a identidade dos moradores é afetada negativamente, interferindo nas relações de confiança que são estabelecidas entre esses sujeitos e as instituições. Por isso, a percepção de alguns moradores é de que a solução para o estigma é sair dos territórios estigmatizados. No entendimento de Bourdieu (1997) o conjunto de carências destes territórios impõe aos moradores a fuga para outros lugares como a única opção possível, quando essa opção não é interdita pela falta de recursos financeiros.

Nestes casos, a forma encontrada para lidar com o estigma é pela negação. Alguns moradores buscam dissociar suas vidas dos imaginários do território. Entre esses são criadas “estratégias socióforas de evasão” e distanciamento mútuos, que exacerbam as diferenciações sociais internas. Isso pode levar os moradores a diminuir a confiança uns com outros e a enfraquecer o senso de coletividade, bem como os laços que geram solidariedade e canalizam as forças para enfrentarem o estigma. (WACQUANT, 2001, p. 33).

Andrade e Silveira (2013, p. 385) apresentam o termo cunhado por Ellen e Turner, (1997): *Neighborhood Effects*, compreendido como os benefícios e prejuízos socioeconômicos que afetam populações em função de localização no espaço urbano. Elas partem do pressuposto de que não há uma relação determinista entre espaço físico e social, mas uma inter-relação entre as características físicas do espaço e o perfil social dos grupos.

---

<sup>3</sup> A classificação das coisas reproduz a classificação das pessoas e “toda classificação implica uma ordem hierárquica”. Elas expressam, sob diferentes aspectos, as próprias sociedades no seio das quais elas foram elaboradas. (DURKHEIM; MAUSS, 2005, p. 403)

Assim, o termo Efeito Território, incorpora a ideia de que os efeitos do local de moradia podem tanto ser positivos, quanto negativos, podem promover a mobilidade social, quanto dificultá-la, podendo, desta forma, ser um ativo ou um passivo.

O local de moradia, na perspectiva de Bourdieu (1997, p. 163) apresentaria três tipos de ganhos. Ganhos de localização: no sentido que o lugar de residência possibilita o acesso a bens e serviços raros e cobiçados de forma facilitada. Ganhos de posição: os ganhos simbólicos por possuir um endereço de prestígio. Ganhos de ocupação: a posse de um espaço, a ocupação de uma ampla área no espaço urbano, podendo ser uma forma de manter a distância ou de “excluir toda forma de intrusão indesejável”.

As formas de ocupar o espaço criam distinções sociais e produzem hierarquias territoriais. O bairro chique consagra seus moradores, por outro lado, o bairro estigmatizado “degrada simbolicamente os que o habitam, e que, em troca, o degradam simbolicamente. Portanto, estando privados de todos os triunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, eles não tem em comum senão sua comum excomunhão”. (BOURDIEU, 1997, p.166).

O território é também espaço de demarcação de poder e distinção social. Na percepção de Ribeiro (2008, p. 17) “para os dominantes, a apropriação de lugares raros e desejados lhes dota de maior parcela de poder, o que lhes permite dominar o conjunto do território, enquanto que os des-possuídos são localizados em lugares de desonra social”.

Na visão de Bourdieu (1997, p. 160) a ocupação do espaço está vinculada aos capitais historicamente acumulados. O capital cultural, que engloba os hábitos e costumes, extrapola as fronteiras do território, passando por processos de exclusão por não possuir hábitos “mais refinados” condizentes com determinadas normas de etiquetas e “boas maneiras”. O “espaço habitado” funciona como uma espécie de “simbolização espontânea do espaço social”. Assim, o espaço vai reproduzir as hierarquias e status das relações sociais.

Quanto maior é o acúmulo destes capitais, maior é o prestígio do lugar. A concentração territorial de uma população despossuída de um dado capital cultural, econômico e social pode chegar a viver situações de isolamento social, seja isolamento geográfico ou simbólico, assevera o autor.

O capital permite manter à distância as coisas e as pessoas indesejáveis, ao mesmo tempo aproximar-se de coisas e pessoas desejáveis [...] os que não possuem capital são mantidos à distância, seja física, seja simbolicamente, dos bens socialmente mais raros e condenados e condenados a estar ao lado das pessoas ou dos bens mais indesejáveis e menos raros. A falta de capital intensifica a experiência de finitude: ele te prende a um lugar. (BOURDIEU, 1997, p. 164)

A distinção entre “nós e eles” é uma forma de diferenciação social hierárquica em termos de status social. Isso muitas vezes implica em julgamento moral sobre o que é e o que não é desejável em uma sociedade a partir de determinados valores. Resultando assim, em uma fonte de estigmas que condicionam práticas e comportamentos uns dos outros. (SARAVI, 2004, p. 40, tradução nossa).

Em “Estabelecidos e os Outsiders”, Elias e Scotson (2000, p. 26) analisam o significado atribuído à “evitação do contato” entre moradores antigos e novos no interior Inglaterra: “o contato com os *outsiders* ameaça o ‘insider’ de ter seu status rebaixado dentro do grupo estabelecido. O status tem a ver com costumes considerados superiores, regras de comportamento que são aceitas”. Ele pode perder a consideração dos membros deste - talvez não mais pareça compartilhar do valor humano superior que os estabelecidos atribuem a si mesmos”. Neste sentido, quanto maior a proximidade com pessoas de hábitos menos privilegiados, menor o intervalo entre “nós” e “eles” e por sua vez maior a distância em relação a um grupo com hábitos selecionados e requintados.

A pesquisa de Andrade e Silveira a respeito da proximidade geográfica entre moradores de uma favela e moradores de bairros nobres em Belo Horizonte, apresenta a seguinte conclusão: a proximidade física entre estes moradores gera uma “estrutura de oportunidades, com efeitos econômicos, a princípio positivos”, principalmente nas relações de trabalho. Contudo, essa proximidade acirra as tensões por meio de contatos entre grupos sociais, cultural e economicamente muito distantes. A proximidade física não resultou em uma aproximação simbólica nos espaços públicos, como áreas comuns de lazer, comércios e serviços. “O resultado disso é que os modelos socializadores agem de forma semelhante à forma que eles agem em bairros distantes e segregados” (ANDRADE; SILVEIRA, 2013, p. 398). Ou seja, próximos fisicamente, porém distantes socialmente.

Para Bourdieu (1997, p. 165) “pode-se ocupar fisicamente um habitat sem habitá-lo propriamente falando se não se dispõe dos meios tacitamente exigidos, a começar por certo hábito”. Isso, na percepção do autor, vai impactar diretamente na força das relações estabelecidas por meio do contato físico. Ele questiona a “crença de que a aproximação espacial de agentes muito distantes no espaço social pode, por si mesma, ter um efeito de aproximação social: de fato nada é mais intolerável que a aproximação física (vivenciada como promiscuidade) de pessoas socialmente distantes”.

Bourdieu (1997, p. 163) conclui que “o espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce, sem dúvida sob a forma mais sutil, a de violência simbólica como violência despercebida”. Cornejo (2012, p. 194, tradução nossa) analisa o estigma territorial como uma forma de violência simbólica, que se refere “à imposição dos discursos hegemônicos acerca da realidade social”. Apontando para a relação entre violência simbólica e território, “vemos que o estigma territorial demarca, ao mesmo tempo, identidades coletivas e geografias imaginárias da cidade, impostas por relações de forças”, conclui a autora.

A violência simbólica implica em “naturalização da realidade social e, complementarmente, no obscurecimento das relações de poder em que se funda a ordem social” (CORNEJO, 2012, p. 183, tradução nossa). Com essa naturalização, muitas das vezes, o estigma não é questionado, nem percebido como uma forma de violência, apenas sentido em suas consequências.

## 2.2 O estigma enquanto construção discursiva e coletiva

Embora os critérios pelos quais indivíduos e comunidades são estigmatizados estejam vinculados a questões culturais - e neste caso, elas são arbitrárias - “a eficácia do rótulo está na naturalização do fenômeno”. O estigma de modo geral se refere à construção de alteridade, de modo que alguns, os “outros”, desviam de um padrão de normalidade estabelecido em uma dada sociedade. “O estigma parece subsumir qualquer outra categoria social dos sujeitos, enclausurando identitariamente os que são identificados com ele”. (CORNEJO, 2012, p. 184, tradução nossa).

Neste sentido, o estigma afeta as pessoas de modo diferente. Quanto mais distante de um padrão dominante de “normalidade”, maior a probabilidade do sujeito sofrer algum tipo de exclusão e mais violentas as formas de estabelecer distâncias sociais. Os marcadores de distinção, como estamos analisando, podem se expressar de diversas formas, seja pela condição financeira, o lugar de moradia, as relações de gênero e raça.

A atribuição do estigma é ao mesmo tempo um exercício de poder e de distinção social. “Ao estigmatizar (e diferenciar) um grupo, o outro reafirma a sua situação de normalidade e, portanto, de distinção social” (ANDRADE, SILVEIRA, 2013, p. 395). Goffman, um dos principais teóricos do fenômeno da estigmatização e, portanto, inspirador de vários dos autores anteriormente mencionados, destaca que alguém, ao apontar no outro as práticas que desviam de um padrão de normalidade, reafirma seu próprio comportamento

como sendo o normal/adequado. Por isso, muitas das vezes as pessoas tem necessidade de estigmatizar, marcar, como um mecanismo de autoafirmação.

O que distingue o grupo estigmatizado de um grupo “normal” é sua **representação discursiva global como um grupo desviante**. “É essa identificação coletiva que permeia todas as ações do grupo estigmatizado, assim como a dos indivíduos que censuram e deslegitimam o grupo da normalidade”. (TEJEDOR, 2003, p. 814, tradução nossa). Portanto, a construção e perpetuação do estigma estão vinculadas aos discursos grupais.

O estigma se constrói não apenas ligado a fatores objetivos como nível de renda, educação e violência, mas fundamentalmente através de construções imaginárias coletivas que excluem aqueles que não cumprem o que se espera deles. E essa imagem social, que é reproduzida por meio do discurso, muitas das vezes substitui a própria realidade e classifica, marginalizando, pessoas que moram em determinados bairros.

Elias e Scotson (2000) demonstram que nem sempre as características atribuídas aos moradores de lugares estigmatizados condizem com a realidade de uma maioria. Em sua pesquisa, os discursos de um dado grupo de moradores diferiam consideravelmente dos fatos observados. O comportamento considerado negativo de uma minoria dominava a imagem de uma comunidade inteira. Sempre que alguma ação dessa minoria reforçava uma imagem negativa, isso era enfatizado pelos estigmatizadores como uma forma de provar a suposta veracidade do rótulo.

Nas entrevistas realizadas na pesquisa empírica apresentada nesta dissertação, algumas pessoas faziam questão de demarcar que a ação de uma minoria impactava negativamente na imagem social de toda a população. “É o todo pela parte. Os 10% do bairro que estão ligados a alguma criminalidade, espalham essa visão para todos os moradores” (Enzo, 2018)<sup>4</sup>. A esse respeito Wacquant (2006) analisa que nas narrativas dos entrevistados em suas pesquisas, destaca-se “[...] o estigma dominante que vincula em relação à favela deve-se ao tráfico de drogas, mas enquadra todos os moradores da vila em um mesmo padrão de comportamento, considerando que seus habitantes são coniventes com a realidade”.

Elias (2000, p. 136) pontua que as imagens negativas associadas a comportamentos de alguns moradores, eram estendidas a todos *“pars pro toto”* (a parte pelo todo), ~~mas~~ havia uns poucos jovens de “má fama”: 08 ou 09 famílias no loteamento”. Com isso, todos os jovens do loteamento sofriam preconceito e eram excluídos de oportunidades. Para o autor, a presença dessa minoria, tornava mais difícil para os demais moradores defenderem o bairro, pois as

---

<sup>4</sup> Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Campo do Pires em 26 de Abril de 2018.

práticas dessa minoria eram constantemente usadas como “prova da veracidade da imagem” que tinham.

É frequente o fato das “crenças coletivas serem impermeáveis a qualquer dado que as contradiga ou a argumentos que revelem sua falsidade, pelo simples fato de serem compartilhadas por muitas pessoas com quem se mantém um contato estreito”. Esse caráter coletivo faz com que elas pareçam verdadeiras, principalmente para aquelas pessoas que cresceram com elas, ou que passaram gerações reproduzindo estas verdades. Nestes casos, “o sentimento de que a crença é verdadeira pode tornar-se quase erradicável e persistir com grande intensidade, mesmo que, num nível mais racional, o indivíduo chegue à conclusão de que ela é falsa e venha a rejeitá-la”, concluem Elias e Scotson (2000, p. 128).

Os moradores de bairros estigmatizados geralmente são vistos a partir de um olhar que maximiza determinadas características e invisibiliza outras. Nas palavras de Wacquant, Slater e Pereira (2014, p. 228, tradução nossa), estes moradores...

são vistos a partir de uma perspectiva mais obscura e exótica que as oferecidas por suas características demográficas. Suas diferenças culturais são exageradas e convertidas em divergências e inclusive hostilidades, em relação às normas vigentes [...] enquanto que sua vulnerável posição social é minimizada ou ignorada por completo. Qualquer incidente que envolva qualquer anormalidade ou violência nessas áreas ou em torno delas é geralmente explorado para fins sensacionalistas ligados às supostas características intrínsecas de seus residentes, que são categorizados como ‘parias’.

O “estigma é a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”, chegando a ser considerado menos humano. Originalmente, o termo vem do grego, e expressa uma marca de distinção, sinais que classificam e segregam inferiorizando os sujeitos, colocando-os numa relação desigual e excludente. Quando deixamos de considerar o sujeito como uma “criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída”, tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande. Algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem e constitui uma divergência entre a “identidade social virtual e a identidade social real”, analisa Goffman (2004, p. 4).

O processo de estigmatização compreende a relação entre atributo e estereótipo. Para isso, é necessário a existência de um tipo considerado “normal” ou ideal que sirva de modelo a ser seguido e o outro que seja diferente desse modelo. Aqueles que fogem do protótipo podem receber marcas de distinção e passam a ser considerados como os outros, os não inseridos, os desviados, etc.

O termo estigma, na perspectiva de Goffman (2004, p. 6) é usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso”.

O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim **perspectivas** que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro. [...] **aquilo que está envolvido são os papéis em interação e não os indivíduos concretos**. A marca de cada estigma é construída socialmente. (GOFFMAN, 2004, p. 117, grifo nosso).

Os estigmatizados desenvolvem diversas estratégias para enfrentarem o estigma que vão desde a submissão à resistência. As formas de reação dependem da posição e trajetória dentro do espaço físico e social”. A estigmatização territorial, por exemplo, não é uma condição estática ou um processo neutro, mas uma forma significativa e prejudicial de ação, por meio da representação coletiva, atrelada a um lugar determinado” (WACQUANT; SLATER; PEREIRA, 2014, p. 231, tradução nossa).

Alguns moradores de espaços segregados acabam incorporando o estigma com o qual é reconhecido e auto excluindo-se de outros espaços onde acreditam que seriam julgados por pertencer a determinado bairro ou por possuir determinada aparência”. (TORO, NARANJO, 2009, p. 129, tradução nossa). Na interpretação de Kessler (2012, p. 173, tradução nossa) o estigma territorial trata-se de uma marca invisível”, diferente de outros stigmas ligados a cor da pele e características físicas, por exemplo. E isso amplia o campo de estratégias de ocultamento e distanciamento utilizado pelos moradores, tais como: “eu moro aqui, mas não me relaciono com pessoas desse bairro” ou mesmo de ocultamento como esconder o endereço verdadeiro.

Nos espaços em que o estigma se faz presente, e sendo um espaço onde a violência de fato ocorra, a estigmatização marca o sujeito, fixando na sua identidade os elementos simbólicos da violência. Em contrapartida, os estigmatizados podem assumir ou rejeitar esta etiquetagem, na tentativa de evitar a rotulação. A pessoa que sofre o estigma oscila entre a agressividade e o retraimento, correndo de uma para a outra”, o que pode levar a interação face a face tornar-se muito violenta, argumenta Goffman (2011).

O processo de estigmatização gera reações por parte dos estigmatizados. Segundo Wacquant, Slater e Pereira (2014, p. 232) essas reações podem se manifestar de duas formas: submissão e resistência. A submissão acontece por meio da dissimulação, distanciamento mútuo e elaboração de micro-referências”, difamação ou descrença com o bairro, reclusão na

esfera privada e fuga. Já a resistência se expressa na defesa do bairro, seja individual ou coletiva, e por meio da inversão do estigma.

Goffman (2004, p. 89) exemplifica estratégias de “encobrimento”, ou seja, formas de “manipulação de impressões”: “é assim que uma moça que anda melhor com sua perna de pau utiliza muletas ou uma perna mecânica nitidamente artificial quando em companhia de outras pessoas”. Esse processo será chamado de acobertamento. Muitas pessoas que raramente tentam encobrir-se tentam, em geral, se acobertar.

### 2.3 Juventude pobre e estigmatizada

A identidade de um território vai se constituindo a partir dos tipos de interações que são estabelecidas nele e com seu entorno. Como retratado na seção anterior, o lugar de moradia pode ser um elemento que agrega status e prestígio, quanto pode ser de estigma e exclusão. O que vai diferenciar, além das questões objetivas de infra-estrutura, são as representações e os discursos construídos e propagadas pelo imaginário social.

Estudiosos da juventude demonstram que os jovens estão em constante interação com o espaço, criando territórios que passam a ser “extensão de seus corpos: uma praça se transforma em campo de futebol; sob um vão de viaduto se improvisa uma pista de skate ou uma quadra para o basquete de rua; o corredor da escola [...] se faz para ponto de encontro e sociabilidade”. (CARRANO, 2018, p. 1). Os diferentes territórios juvenis são essenciais para expressão e reconhecimento de identidades semelhantes.

em torno de determinado território que se constitui o grupo de iguais. E como a identidade do grupo precisa se mostrar publicamente para se manter, cada grupo cria, então, suas próprias políticas de visibilidade pública que podem se expressar pela roupa, mímica corporal, formas e conteúdos do falar e estilo musical, entre outros. (CARRANO, 2018, p. 1)

Por isso, adverte Carrano (2017, p. 193): “é importante que as cidades sejam generosas com seus jovens e adolescentes, de modo que eles possam circular e fazer escolhas”. Quanto mais seguro é o lugar, maior a autonomia e liberdade o jovem tem para se relacionar com o ele. “Quando o jovem não pode circular na cidade livremente porque é perigoso, quando é proibido de visitar a namorada ou namorado ou ir a uma festa porque ele corre risco de vida, ele não pode circular nem fazer escolhas”.

A liberdade e autonomia dos fluxos juvenis está relacionada também à dimensão imaterial das desigualdades sociais, expressas por meio do estigma territorial. Essa dimensão tem sido destacada como um fator importante para a compreensão das formas de integração dos indivíduos, moradores de áreas segregadas ao todo social, sobre sua dinâmica comunitária, bem como as estratégias de lidar com as desigualdades. (WACQUANT, 2001; KAZTMAN, 2001; RIBEIRO, 2005). Fatores como os efeitos da estigmatização, discriminação de moradores de favelas, a projeção da autoimagem como uma pessoa inferior são elementos fundamentais para compreender os processos de segregação, destaca Coura (2009).

Diferente das exclusões geradas pelo racismo e desigualdade de gênero, que passaram a ser cada vez mais enfrentadas com os avanços democráticos, a estigmatização territorial, em especial a que é lançada aos jovens que vivem em áreas segregadas “não tem diminuído, parece ter se acentuado”, os jovens continuam vivenciando as consequências dessa exclusão diariamente, analisam Kessler e Dimarco (2013, p. 227).

O estigma interfere diretamente no acesso a oportunidades e por sua vez na aquisição de potencialidades, mas, sobretudo, refere-se a uma forma de segregação difícil de enfrentar e ultrapassar. Para os jovens, a oportunidade é “tudo aquilo que ajuda a estruturar um projeto de vida que permita sair da situação em que estão para encontrar uma condição de vida melhor”, em geral estão relacionadas à escola e ao trabalho. (CASTRO, 2008, p. 122).

Desse modo, o estigma impacta nas condições de superação de situações de vulnerabilidades sociais. Filgueira (2001) defende que vulnerabilidade social deveria ser observada como resultado da relação entre a disponibilidade de recursos (estrutura de oportunidades) e a capacidade dos sujeitos em movimentá-los. Neste sentido, algumas pessoas estariam mais suscetíveis às adversidades que outras, pois diferentes pessoas possuem diferentes oportunidades e capacidades de respostas frente às situações adversas. A estrutura de oportunidades provém do mercado, do Estado e da sociedade, trata-se do conjunto de recursos, bens e serviços, programas, benefícios que são colocados à disposição de públicos com diferentes níveis e tipos de vulnerabilidade, define Filgueira (2001).

Os jovens moradores de regiões segregadas vivenciam diariamente um conjunto de vulnerabilidades estruturais e muitas das vezes não possuem recursos financeiros e redes de relacionamento que os potencializem e os apoiem a enfrentar as dificuldades objetivas. Ao verificar as diversas situações de vulnerabilidade social vivenciadas por grande parte dos jovens brasileiros e, ao mesmo tempo, o padrão de valores que compartilham, em especial

aqueles relacionados ao consumo, Coura (2009, p. 170) destaca que “o lugar onde residem pode influenciar no acesso às estruturas de oportunidades que lhes permitiriam se aproximar concretamente deste padrão ou retroalimentar os mecanismos que lhes confinam na situação de pobreza”.

As respostas à condição de invisibilidade do jovem pobre morador de periferia podem se manifestar de diversas formas, a violência e criminalidade são algumas delas. Estes elementos atravessam a vida desses jovens de diversas formas, eles fazem parte de seu cotidiano e de suas relações familiares e de vizinhança. E, nesse contexto é preciso problematizar o tema da criminalização da pobreza.

Os desafios que certos grupos lidam diariamente por serem vistos como marginais, desviantes, perigosos, “não é motivado apenas pelo o que eles fazem ou deixam de fazer, mas também pela visão social que exclui das próprias fronteiras culturais e simbólicas todos aqueles que são vistos como estranhos”. A relação entre estigmatizadores e estigmatizados leva ao estabelecimento de rótulos nos quais esses coletivos periféricos são percebidos como anômalos. (TEJEDOR, 2003, p. 805, tradução nossa).

Na tradição da criminologia funcionalista os desvios relacionados aos jovens passaram a ser considerados delinquências e tiveram como explicação a incapacidade dos jovens de se adequarem às normas de comportamento dominantes. A delinquência era “uma manifestação própria de jovens de condição social inferior, por serem estes os que se encontram em maior conflito com as normas próprias das gerações mais velhas” (PAIS, 1990, p. 161). Autores da época chegaram a supor que a delinquência seria um fenômeno característico da juventude pobre.

De acordo com Abramo, citada por Pereira (2018, p. 8), os estudos que abordam o tema da delinquência juvenil ressaltam o caráter desse fenômeno como resultado de um “defeito” no processo de socialização, provocado por disfunções no sistema social, marcada por uma perspectiva corretiva, que aponta para a necessidade de “saneamento” das patologias e para a busca da reintegração desses jovens nos padrões de normalidade”.

Os medos e as suspeitas que recaem sobre jovem pobre, morador de regiões segregadas, são resultados de processos em que “preconceitos se transformam em juízos supostamente objetivos” (Kessler e Dimarco 2013, p. 227, tradução nossa). Por outro lado, os jovens também têm sido atravessados por uma maior sensibilidade à discriminação em suas diversas formas. Por conta disso estão mais atentos e menos tolerantes às práticas e discursos

discriminatórios, mas, simultaneamente, acabam ficando mais expostos a algumas de suas expressões, argumentam os autores.

O medo é um dos elementos do processo de criminalização da juventude pobre. Elias (2000), citado por Diógenes (2011), analisa que “o medo é o da mistura”, de que as fronteiras historicamente construídas, não consigam proteger as individualidades e as divisas simbólicas entre os estabelecidos e os *outsiders*. Contudo, “o medo do outro apenas é capaz de cruzar cancelas se os signos que bradam as violências puderem ser enunciados, decodificados e reconduzidos para estratégias de escuta e reconhecimento.” (DIÓGENES, 2011, p. 226).

Nesta seção foi debatido sobre a condição de jovens pobres, invisibilizados, estigmatizados, ou por vezes hipervisibilizados como ameaça. Para dar sequência a análise, é importante que mostremos, com os estudos sobre juventude, a pluralidade da condição juvenil, a existência de diversidade de vivências da juventude.

#### **2.4 Juventude, uma condição plural, além de desigual**

Se por um lado a juventude está imersa em um contexto de avanços no campo da ciência e tecnologia, maior liberdade devido às lutas democráticas e maior autonomia para viverem a juventude, por outro lado, precisam conviver com as desigualdades sociais e o retraimento do Estado como provedor de direitos, a força do mercado na produção de necessidades constantes e sentidos culturais, o declínio das instituições socializadoras, como a família e a escola, o predomínio dos meios de comunicação de massa, dos valores individualistas, o fantasma do desemprego e a falta de perspectiva profissional para uma grande maioria, contextualiza Carrano (2018).

A juventude tem sido abordada por diferentes campos do conhecimento e a partir de múltiplos enfoques. Na literatura revisada, duas divisões metodológicas marcam a produção bibliográfica: uma delas foca nos elementos comuns de tempo e espaço de quem nasceu em um mesmo período histórico; a outra dá ênfase às múltiplas formas de viver esse período da vida, considerando os aspectos particulares dos diferentes grupos de jovens.

A sociologia da juventude tem abordado o tema a partir de duas tendências: Na primeira, a juventude é tomada como um conjunto formado por sujeitos que compartilham experiências semelhantes em uma dada fase da vida, prevalecendo a busca por elementos mais uniformes que marcam essa etapa da vida.

Freitas (2005, p. 6) apresenta a visão de juventude a partir da ideia de geração:

a noção de geração remete à ideia de similaridade de experiências e questões dos indivíduos que nasceram num mesmo momento histórico, e que vivem os processos das diferentes fases do ciclo de vida sob os mesmos condicionantes das conjunturas históricas. É esta singularidade que pode também fazer com que a juventude se torne visível e produza interferências como uma categoria social.

Já na segunda vertente de análise sociológica, a juventude é tomada como um –conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc.”. (PAIS, 1990, p. 140).

Freitas (2005) apresenta quatro eixos temáticos sobre a juventude, são eles:

- a) *A juventude cidadã como sujeito de direitos*: Nesta visão, os jovens deixam ser definidos por suas incompletudes ou desvios, e passam a ser vistos como sujeitos de direito. Com isso, políticas públicas passam a ser pensadas para esse público, abrindo possibilidades para consideração dos jovens como sujeitos integrais;
- b) *O jovem como ator estratégico do desenvolvimento*: Esta concepção avança no reconhecimento dos jovens como sujeitos dinâmicos da sociedade e com potencialidades para responder aos desafios colocados pelas inovações tecnológicas e transformações produtivas. Traz a possibilidade de incorporação dos jovens em situação de vulnerabilidade social em projetos e em ações de voluntariado. Mas corre-se o risco de virarem alvo do poder público somente na medida de suas contribuições em detrimento de suas demandas;
- c) *A juventude como etapa problemática*: Essa é uma abordagem frequente tanto nas falas cotidianas dos adultos, quanto nos campos de leitura sobre juventudes. Nesta perspectiva, o jovem é visto a partir dos problemas que ameaçam a ordem. Eles estão relacionados ao problema das drogas, da delinquência, problema na escola, com os pais, problemas para conseguir emprego, entre tantos outros rótulos. A maior crítica a essa visão é a generalização da associação da juventude a problema, criando estigmas aos diferentes sujeitos juvenis.

Histórica e socialmente a juventude tem sido abordada como uma fase da vida marcada por uma –certa instabilidade associada a determinados ‘problemas sociais’. Se os jovens não se esforçam por contornar esses ‘problemas’, correm mesmo o risco de serem

apelidados de ‘irresponsáveis’ ou ‘desinteressados’” (PAIS, 1990, p. 141)<sup>5</sup>. Os jovens sentem-se discriminados por diversas razões: pelo fato serem jovens, por morarem em bairros da periferia ou favelas, pela classe social que pertence, pela sua aparência física, pela maneira como se vestem e falam, pelas dificuldades de encontrar trabalho, pela condição racial, entre outras. (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002).

Na medida em que existe uma representação social da juventude como irresponsável, muitos são discriminados simplesmente por serem jovens. Um sentimento de descrença e desconfiança em relação à capacidade dos jovens em assumir responsabilidades, em responder por seus atos. Isso impacta muitas vezes no rebaixamento da sua autoestima, faz com que se sintam desrespeitados e maltratados (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002, p. 157).

Dayrell (2003, p. 50) questiona a visão da juventude como uma fase de crises e problemas e também a ideia de juventude ligada à transitoriedade, uma etapa de passagem entre a infância e a vida adulta, que na visão dele, desconsidera a riqueza do tempo juvenil. O autor defende que o tempo da juventude é o tempo presente. É um tempo de encontros, diversão, trocas afetivas, mas também de angústias e incertezas diante das lutas diárias. “Não significa que sejam alienados ou passivos, que não nutram sonhos e desejos. Eles os têm, mas com uma especificidade”.

d) *A juventude como período preparatório.* Essa quarta dimensão abordada por Freitas, 2005 traz a questão da transitoriedade da juventude entre infância e vida adulta, entendida também como uma fase de preparação para o futuro. Assim como Dayrell, a autora considera uma limitação desse enfoque, pelo fato de não visualizarem os jovens como sujeitos sociais do presente. Ser jovem é visto como uma “confrontação entre a criança de um lado e o adulto de outro”. E, para Carrano (2017, p. 184) essa é uma questão que precisa ser problematizada: “quando você trata um sujeito, um corpo pleno de vida, como um ‘vir-a-ser’, está retirando a potência desse sujeito, e esse é mais um debate no campo cultural e político”.

Na interpretação de Carrano (2001, p. 21) os jovens não são “recipientes vazios no qual se deposita o patrimônio cultural das gerações adultas, terreno baldio no qual agem a indústria cultural e massa a ser formada pelos conhecimentos oficiais”. São indivíduos que possuem identidade e representações próprias, “eles são artífices do processo educativo e cultural, assim como também são produtos da complexidade social contemporânea”.

---

<sup>5</sup> As pessoas estigmatizadas são aquelas “consideradas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social. Elas são percebidas como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos vários caminhos aprovados pela sociedade”. (GOFFMAN, 2004, p. 121)

Para Krauskopf (2003) citada por Freitas (2005), o enfoque na juventude como um momento de preparação, assume uma perspectiva universalista fundamentada na ideia de garantia de direito universal aos jovens. A limitação dessa perspectiva está na compreensão sobre o que seria esse direito universal, pois o mesmo não seria garantido de forma justa as diferentes realidades e desigualdades. Essa concepção está centrada numa condição universalmente homogênea de juventude na qual os sujeitos juvenis teriam possibilidades de vivenciar esse período de “preparação”. O que na prática não se realiza para todos os jovens, pois nem todos terão condições de viver essa “moratória”, o que resulta em situações de exclusão.

Dayrell (2003) faz críticas às algumas imagens negativas de juventude, a saber: a ideia de transitoriedade, a ideia romântica de que a juventude é um tempo em que tudo pode, um tempo de liberdade e irresponsabilidade, à imagem de juventude como uma fase carregada de conflitos e crises, etc. Ele conclui dizendo que é preciso questionar esses imaginários, pois caso contrário, correremos o risco de reproduzir um olhar negativo sobre as juventudes sem problematizar as reais situações vivenciadas pelos jovens.

Freitas (2005) a partir de uma leitura de Pais (2000) pondera que a juventude é um momento construído não somente pelas experiências acumuladas do passado, mas também pelas aspirações e projetos de futuro, pelos desejos e expectativas que os jovens imaginam para sua vida adulta. Assim, o presente aparece articulado ao passado e ao futuro.

A transição entre infância e vida adulta pode ser vista por duas lentes: como um movimento, ligado às trajetórias de vida construídas entre a infância e a idade adulta e a outra como processo, relacionado à reprodução social, aos processos sociais e coletivos, às relações com o contexto em que vivem e a produção de subjetividades, pontua Freitas (2005).

É difícil caracterizar o que configura esse momento da juventude, mas alguns marcadores temporais podem auxiliar compreender a saída da juventude e o ingresso numa vida adulta, como inserção no mercado de trabalho, independência financeira, saída da casa dos pais, constituição de família ou de relacionamentos afetivos estáveis, ter filhos, entre outros.

É um momento de amadurecimento da vida em seus vários aspectos, sociais, afetivos, sexuais, familiares. Para Magnani (2005, p. 173), essa etapa pode ser marcada tanto por “fatores biopsicológicos como por rituais de passagem, de mudança de status e ingresso em esferas específicas, como o mercado de trabalho, a constituição de família, o pertencimento a grupos, etc.”.

A forma como esse processo ocorre é particular a cada jovem. Fatores como classe social, gênero, pertencimento étnico, local de moradia, aspectos culturais e regionais, meio urbano ou rural vão influenciar o tempo e a ordem das mudanças na vida de cada um. Os jovens do meio rural e de regiões mais empobrecidas é comum vivenciarem essas experiências mais precocemente, diferentes de um jovem de classe média que vive nos grandes centros urbanos, por exemplo.

Outra compreensão de juventude, muito criticada, é a redução dessa etapa da vida a explicações biológicas, embora atualmente já se tenha um certo consenso entre os estudiosos do tema, a juventude é marcada por características biológicas e por questões sociais e representações subjetivas. A partir dessa ampliação do campo de visão sobre o assunto foi possível pensar que cada sociedade tem seus próprios critérios de definição de juventude.

A Organização das Nações Unidas – ONU - define como jovem as pessoas com idade entre 15 e 24 anos. Porém, a própria ONU reconhece a multiplicidade de interpretações do conceito em diferentes culturas e a diversidade de classificações etárias. Antes do Estatuto da Juventude, o Brasil definia como jovem, as pessoas com até 24 anos. Após a promulgação do estatuto (Lei no 12.852/2013) passou-se a considerar jovem aquele indivíduo com idade entre 15 - 29 anos, e adolescente os sujeitos com idade entre 12-18 anos, como definido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA: Lei nº 8.069/1990), havendo assim, uma confluência entre adolescência e juventude.

Para fins dessa pesquisa, o foco do nosso olhar será o jovem de 15 - 29 anos, seguindo as orientações do Estatuto da Juventude. Contudo, embora essa faixa etária seja oficial no país, não há um consenso quanto a sua delimitação etária: quando começa e quando termina essa etapa da vida.

A juventude tem uma temporalidade com fronteiras nem sempre demarcadas de modo rigoroso e objetivo como se espera. Ela se constrói a partir de uma rede de relações, experiências e vivências individuais e coletivas que variam de um sujeito para outro, a partir das interações disponíveis a cada um. (DAYRELL, 2003; 2011, CARRANO, 2009; 2017; 2001, CASTRO; ABRAMOVAY, 2002).

A definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos de partida: –como uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração [...]. Mas todas essas definições se vinculam, de algum modo, à dimensão

de fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade”. Há uma correspondência com a faixa etária, mesmo que os limites não possam ser tão rígidos. (FREITAS, 2005, p. 6)

Consideramos que a definição da faixa etária é um importante elemento para demarcar públicos e definir políticas sociais. Mas, compreendemos também que a juventude é uma categoria fluida, transversalizada por outras categorias e como definido no Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira, realizado em 2010<sup>6</sup>:

categoria socialmente construída que ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos, marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores etc.), de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. (DAYRELL; MOREIRA; STENGEL, 2011, p. 37).

Freitas (2005, p. 13) considera que uma noção mais geral de juventude se refere a faixa etária, às transformações biopsicossociais e a entrada na fase adulta. No entanto, pondera que a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam. Depende de cada sociedade, do tempo que estamos vivendo, das divisões internas a cada grupo. Além disso, ela pontua que é somente em algumas formações culturais e sociais que a juventude se configura como um período destacado, como uma categoria.

Por tais entendimentos, reforçamos que nosso olhar esteve centrado no jovem com a faixa etária de 15 - 29 anos. Contudo, como a pesquisa de campo se abriu para diálogos e entrevistas com jovens em idades fronteiriças à essa faixa etária, eles foram incorporados à pesquisa.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica flexibilizar os critérios, entendendo essa etapa como um processo,

que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta [...] Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero (as diversas formas de identificação de gênero vão trazer formas particulares de interpretar e vivenciar esse período), e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. (DAYREL, 2003, p. 42).

Este é um momento repleto de potencialidades, no qual os sujeitos estão pensando seus projetos de vida e interferindo no curso da história. É importante considerar o jovem

---

<sup>6</sup>DAYRELL, Juarez, MOREIRA; Maria Ignez Costa; STENGEL, Marcia (Org.). **Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2011.

como um ser de direito e protagonista do seu desenvolvimento social. Dayrell (2003, p. 41) concordando com Peralva (1997) parte do pressuposto de que juventude é “ao mesmo tempo condição social e um tipo de representação”.

Quando falamos de jovens abastados e jovens operários, jovens rurais e urbanos, trabalhadores e estudantes, solteiros e casados, negros e brancos “estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude enquanto referida a uma fase de vida”. (PAIS, 1990, p. 149). O autor defende a ideia de juventude como um “processo”. Ao tomarem-se as trajetórias dos jovens, os seus percursos de transição, somos necessariamente levados a considerar a juventude na sua diversidade. (PAIS, 1990, p. 149).

Desconsiderar a heterogeneidade e reconhecer apenas homogeneidade nos grupos pode significar a “decretação do fim do conflito em suas configurações e a proclamação da vitória da ditadura do estilo sobre a liberdade de expressão e da autonomia pessoal e coletiva, abrindo janelas ao preconceito”. Existem múltiplas formas de expressão do eu, de variações de identidade e comportamentos e mesmo em contextos de “forte identidade coletiva” há singularidades e diferenças. (CARRANO, 2001, p. 20).

Assim compreendida, torna-se necessário articular a noção de juventude à de sujeito social. Charlot (2000), citada por Dayrell (2003), argumenta que o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais.

Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e lhe dá sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. Para o autor, o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere. (DAYRELL, 2003, p. 43).

A partir destas formulações sobre a diversidade juvenil, poderíamos nos arriscar a afirmar que, na realidade, “não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem, segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem”. (DAYRELL; MOREIRA; STENGEL, 2011, p. 38).

É nesse sentido que, em consonância com estudiosos do tema, que enfatizamos a noção de juventudes no plural para destacar a diversidade de modos de ser jovem. É na

vivência diária que cada jovem vai se constituindo enquanto sujeito social: ~~um~~ ser singular que se apropria do social, transformado as representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém” (DAYRELL, 2003, p. 44).

Esse capítulo teórico contextualizou o cenário desta pesquisa de mestrado e demonstrou como o tema da juventude e do estigma de território estão sendo estudados por pesquisadores de outras regiões. Portanto, abriu-se um caminho conceitual para se pensar a relação entre essas duas categorias analíticas no território do Cruzeiro - Nova Lima, como será apresentado nas próximas seções.

### **3 A PESQUISA EM UM BAIRRO DE NOVA LIMA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Neste capítulo será apresentada a abordagem metodológica que orientou a pesquisa, detalhando suas etapas, técnicas e desafios desde os primeiros contatos com o campo à entrevista em grupo com os jovens. Uma investigação que caminha por diversos espaços em Nova Lima buscando conhecer o Cruzeiro a partir de diferentes ângulos e perspectivas.

#### **3.1 Abordagem, estratégias e fontes**

Pesquisar o cotidiano é registrar cenas e fragmentos de realidade, deslizar o olhar pelo social, em seus aspectos particulares, sutis e banais. —Fotografar é um processo de capturar o fugaz que o olhar vagabundo do fotógrafo (ou sociólogo) possibilita”, buscando assim, apreender da realidade aquilo que é ~~único~~ e transitório, ao mesmo tempo em que dela extrai o essencial da forma, a tipicidade”. Pois, a ~~posse~~ do real é uma verdadeira impossibilidade e a inconsciência epistemológica dessa impossibilidade é uma condição necessária para entendermos alguma coisa que se passa no cotidiano” (PAIS, 1993, p. 107).

Esta pesquisa buscou conhecer e analisar as vivências de juventude no bairro Cruzeiro em Nova Lima, em suas diversas expressões cotidianas. Como debatido no capítulo anterior, Juventudes é uma categoria socialmente construída, a partir de contextos culturais, históricos e sociais diversos e que é influenciada por condição de classe, raça, gênero entre outras. Por ser atravessada por distintos elementos convencionou-se falar em juventudes, no plural, demarcando a impossibilidade de uma definição que abarque o conjunto de possibilidades de ser jovem. É, portanto, um momento de experimentação da vida em suas múltiplas dimensões e, por isso, marcado por processos de desenvolvimento e reconstrução de identidades.

Embora compreendendo a impossibilidade de uma definição objetiva, foi necessário escolher alguns elementos marcadores que pudessem orientar a seleção do público com experiências de juventude para participar da pesquisa. Ancoramo-nos em documentos oficiais para estabelecer um recorte de idade norteador: 15 – 29 anos. Embora não fosse excludente, foi um dado orientador no contato com a população jovem.

Machado Pais (1990, p. 164) pontua que mais que generalizações, acredita ser mais aconselhável estarmos abertos à uma ~~análise~~ ascendente” dos modos de vida juvenis,

partindo de seus mecanismos e estratégias diárias, tentando compreender como são utilizados, em quais circunstâncias, observando sua generalização e evolução. Esta forma de olhar a sociedade, através do cotidiano dos jovens, —é uma condição necessária para uma correta abordagem de alguns dos paradoxos da juventude, embora não suficiente”.

Para Freitas (2005, p. 14) a definição da categoria juventudes precisa ser articulada a dois conceitos fundamentais: o juvenil e o cotidiano:

O juvenil nos remete ao processo psicossocial de construção da identidade e o cotidiano ao contexto de relações e práticas sociais nas quais o mencionado processo se realiza, com fundamentos em fatores ecológicos, culturais e socioeconômicos. A potência desta ótica reside substancialmente em ampliar a visão sobre o ator, incorporando a variável sociocultural à demográfica, psicológica ou a categorizações estruturais que correspondem às que tradicionalmente têm-se utilizado para sua definição. Então o que inclui é a variável vida cotidiana que define a vivência e experiência do período juvenil.

A investigação privilegiou a coleta de informações sobre a inserção dos jovens no cenário urbano, os lugares onde circulam, os espaços de lazer, os pontos de encontro e/ou conflito, o convívio com a vizinhança, o contato com a rede de serviços e a interação entre os pares. Buscou-se desta forma, estabelecer uma relação entre vivências juvenis, cotidiano e território.

A escolha do território a ser pesquisado foi resultado de uma inquietação antiga. Logo que cheguei à cidade de Nova Lima, em 2011, para iniciar os trabalhos como assistente social e servidora pública municipal, observei que havia sempre um comentário negativo sobre o bairro Cruzeiro. Esse foi um dos primeiros bairros que eu tive contato, devido minhas relações de amizade com alguns moradores, e tinha um estranhamento sempre que alguém fazia um comentário negativo sobre o Cruzeiro.

Por ser uma moradora nova na cidade e pelas características interioranas de Nova Lima os moradores sentiam que era importante falar sobre segurança. Sempre que tinham uma oportunidade, ao falarem dos lugares inseguros o Cruzeiro era sempre mencionado. Em torno desse pensamento surgiam também as piadas associando os moradores a pobreza e violência e reforçando as imagens negativas do lugar.

Por outro lado, tive a oportunidade de conhecer um bairro por outra lente: da acolhida e dos bons encontros com pessoas divertidas e alegres. A força dos laços de amizade e familiares é algo muito forte no bairro e estende às pessoas que buscam envolvimento com o território. Foi no Cruzeiro que encontrei as referências de serviços que me auxiliassem nas

tarefas diárias como mercadinho de verduras orgânicas, restaurantes com entrega em domicílio, costureira, salgadeiras, entre outras.

Além disso, trabalhei por cinco anos atendendo a região que incorporava o bairro, na política de assistência social, atuei como assistente social dos Programas de Transferência de Renda Municipal e Federal e posteriormente fui trabalhar no Centro de Referência da Assistência do Cruzeiro. Nesses espaços as intervenções eram com famílias em situação de vulnerabilidades diversas, buscando ofertar proteção e apoiar na prevenção da ruptura de vínculos e fortalecimento dos laços comunitários e familiares.

O foco do trabalho na Assistência Social era com a família. O atendimento aos jovens era um dos atendimentos mais difíceis devido à pouca atratividade das ofertas nos equipamentos e por sua vez à baixa adesão desse público. Com isso o trabalho com os jovens ficava mais direcionado para a tríade: escola – trabalho – família, em especial quanto ao vínculo com a escola e a mediação de conflitos com os pais.

Assim, a escolha desse recorte temático carregou também a expectativa de elucidar um tipo de desigualdade, que poderá servir como elemento para minha atuação como Assistente Social do Cras Cruzeiro, bem como possibilitar a reflexão sobre a realidade de Nova Lima em outros aspectos e um amadurecimento intelectual sobre a temática que vivencio diariamente.

Os comentários difundidos pela cidade eram, na grande maioria das vezes, uma tentativa de uma “evitação do contato”, no sentido goffmaniano, de manter uma certa “distância de segurança”. Na imobiliária, por exemplo, recomendaram não escolher o Cruzeiro, pois era perigoso, as pessoas sugeriam não circular pelo bairro em determinados horários da noite pelo mesmo motivo, ou quando o próprio poder público afirmava que era um dos bairros mais vulneráveis da cidade, entre outros elementos.

Embora essas falas aparecessem com uma frequência destacável em relação a outros bairros, eu, que mantinha uma relação com o bairro me questionava sempre de onde vinham aquelas impressões, aqueles rótulos, nos termos de Becker. Estas inquietações não eram apenas do nível pessoal/individual, mas também sociologicamente por interpretar que aqueles discursos traziam um conjunto de preconceitos e discriminações que poderiam ter impacto nas interações sociais daqueles moradores.

O estigma territorial é um importante objeto de análise para entender a segregação territorial, social e a violência presente nos territórios em situação de vulnerabilidades.

Wacquant (2001) pontua que o estigma territorial é um aspecto fundamental nos processos de exclusão social. Trata-se de um elemento que nos permite observar as articulações e interações sociais dos sujeitos nas suas vivências diárias, nas interações simbólicas e discursivas, para além de uma perspectiva econômica e política.

Identificar e compreender as relações sociais no nível das construções discursivas e das interações nos aproxima de elementos que são menos tangíveis, mas que produzem desigualdades diversas e exclusão. Neste sentido, consideramos relevante pensar a contribuição do estigma na produção e reprodução das desigualdades sociais e nos modos de ocupar a cidade. Esse recorte teórico nos permitiu compreender formas de exclusão que são sofridas, mas que muitas das vezes passam despercebidas por sua naturalização.

Estudar a juventude no Cruzeiro veio, portanto, do desejo de compreender melhor estas imagens negativas em torno do bairro a partir do olhar dos jovens. O objetivo foi conhecer as vivências juvenis e entender se estes imaginários populares eram algo de relevância para esses moradores, se isso tinha algum significado para eles, se interferia nas dinâmicas cotidianas, nas interações, se eram marcados, visados, evitados ou indiferentes.

A investigação foi realizada buscando compreender “o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados que transborda dela” (MINAYO, 2010, p. 44). Como método, destaca-se a abordagem qualitativa, com enfoque voltado para o olhar dos sujeitos sobre a realidade, de modo apreender suas representações, percepções e interpretações sobre o concreto vivido. Nosso olhar então, foi para o “cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e re-interpretadas pelos sujeitos que a vivenciam”. (MINAYO, 2010, p. 24).

Nesta perspectiva metodológica, Carvalho (2003) aponta quatro tipos de relatos a partir de uma leitura de Eduard Bruner. O primeiro é o auto relato, as narrativas dos sujeitos sobre si mesmos. O segundo é a construção do pesquisador em seu diário de campo. O terceiro é o momento em que esse pesquisador faz um diálogo com membros da academia, onde é feita uma nova leitura sobre seus dados e uma possível publicação e por fim o quarto, que é uma análise desse compilado final por alunos e professores. Assim, um relato pode ganhar diversas formas e leituras ao longo da pesquisa, expressando as “polifonias” de uma construção discursiva.

Na linguagem, em especial, na narrativa, já encontramos as “formas linguísticas e discursivas com as que construímos e expressamos nossa subjetividade” (LARROSA, 2004, p. 19). Na narrativa as experiências ganham forma por meio da fala e do conjunto de significados que ela carrega. Estas vivências foram coletadas, principalmente, por meio de entrevistas, pois como destaca May (2004, p. 71) trata-se de um instrumental valioso no processo de gerar conversação sobre um dado tema. Na avaliação do autor, “as entrevistas compreendem ricas biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas”. Porém, uma vez captadas estas narrativas, elas precisam ser examinadas, criticadas e analisadas.

Aos elementos qualitativos foram incorporados dados estatísticos de diversas fontes governamentais para contextualizar os cenários em que tais elementos foram construídos e também possibilitar uma visão mais ampla do problema em questão. Foi feito um levantamento de dados em institutos de pesquisa como IBGE<sup>7</sup>, Pnud<sup>8</sup>, Inep<sup>9</sup>, Sistema de Informação do SUS, Sistema de Informação do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), Secretarias da Prefeitura de Nova Lima e Polícia Militar de Nova Lima. Com exceção dos dados do setor censitário do IBGE, nos demais sistemas e institutos nacionais foi possível apenas a coleta de informações sobre o município e, quando possível, uma sub-região englobando vários bairros, entre eles o Cruzeiro. Visto que não foram encontradas informações específicas sobre o bairro na maioria desses sistemas, não foi possível estabelecer comparação entre os dados municipais com os do território Cruzeiro.

Os indicadores do setor censitário continham informações diversas sobre a infraestrutura, faixa etária, renda, escolaridade, declaração de raça/cor de todos os moradores do bairro. Porém, como essas informações foram coletadas em 2010, optou-se por fazer um levantamento no banco de dados atualizado do município, embora fosse sabido que esses indicadores não abrangiam a totalidade da população do Cruzeiro.

Na Secretaria Municipal de Cultura busquei informações sobre documentos e registros do bairro. O funcionário público que me atendeu relatou alguns fatos, mas se recusou a ofertar informações mais detalhadas, com datas e acontecimentos históricos mais completos. Na Secretaria Municipal de Educação não dispunham de informações por bairro, somente dados escolares do município como um todo. Na Secretaria Municipal de Trabalho e Renda

---

<sup>7</sup> IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

<sup>8</sup> Pnud: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

<sup>9</sup> Inep: Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

informaram que coletavam indicadores por bairro, mas que não dispunham de um sistema de filtragem dessas informações regionalizadas. Já na Coordenadoria da Juventude, não coletavam informações diretamente, pois se trata de um setor de mediação entre políticas e serviços, mas orientaram em quais equipamentos da prefeitura os dados para a pesquisa poderiam ser acessados.

Na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, secretaria na qual trabalho como assistente social, foi feita uma solicitação formal, por meio de uma carta/ofício, ao secretário municipal solicitando acesso aos dados do Cadastro Único, Programa Passe Estudantil e Setor de Inclusão Produtiva. A solicitação não incluía acesso a dados que identificassem os beneficiários e documentos de caráter sigiloso, mas a informações que poderiam estar à disposição da população. O acesso foi autorizado pela secretaria após a solicitação formal realizada.

O Cadastro Único do Governo Federal – CadÚnico<sup>10</sup> - consiste num banco de dados nacional sobre famílias com perfil de renda de até meio salário mínimo per capita, até três salários mínimos por família ou usuário de algum programa social. No CadÚnico a finalidade foi coletar dados mais objetivos, como nível de escolaridade, renda média, declaração racial, número de jovens cadastrados, etc. Esse banco de dados possui 448 moradores do bairro inscritos, com seus dados pessoais atualizados nos últimos quatro anos<sup>11</sup>. A coleta do material foi realizada em setembro de 2018.

O Programa Passe Estudantil<sup>12</sup> é um programa municipal que oferta auxílio transporte a estudantes de Nova Lima que possuem renda de até meio salário mínimo por pessoa e que

---

<sup>10</sup> BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Sagi**. Brasília: MDS, 2018. Disponível em: <<https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/portal/index.php?grupo=165>> Acesso em 10 out. 2018.

LEMOS, Alexander. **Entrevista**: Alexander Lemos. Entrevista concedida a Cristina Xavier Cordeiro. Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de Nova Lima em 25 set. 2018.

<sup>11</sup> A atualização completa do cadastro da família é feita obrigatoriamente a cada 02 anos para que a família seja elegível a inserção em programas sociais. Contudo, o campo escolaridade e trabalho/renda é atualizado em um intervalo de tempo menor, pois os próprios usuários procuram as unidades de atendimento para atualização. Todos os dados apresentados nesta dissertação foram coletados de cadastros válidos, ou seja, que fizeram alguma atualização nos últimos 04 anos. Após 5 anos de desatualização, os cadastros são excluídos da base de dados do sistema. Avalia-se que pelo baixo nível de renda das famílias, a grande maioria teve o cadastro atualizado nos últimos 2 anos, na tentativa de serem incluídos em algum programa social.

<sup>12</sup> COUTO, Cintia. **Entrevista**: Cintia Couto. Entrevista concedida a Cristina Xavier Cordeiro. Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de Nova Lima em 25 out. 2018.

estudam em estabelecimentos distantes de sua residência, principalmente em Belo Horizonte. Esse auxílio é direcionado a estudantes de cursos superiores, técnicos e profissionalizantes. Com as informações desse programa busquei conhecer um pouco do acesso dos moradores do Cruzeiro a modalidades de formação profissional pós ensino médio. Do total de 939 estudantes (incluindo adultos e jovens) de Nova Lima inscritos no primeiro semestre de 2018, 24 jovens eram do Cruzeiro.

O Setor de Inclusão Produtiva da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social<sup>13</sup> consiste na prestação de atendimento especializado ao público da Política de Assistência Social, em especial àqueles com vulnerabilidades em decorrência de baixa escolaridade, qualificação profissional e deficiência. O foco do setor é atuar na intermediação de mão-de-obra de jovens e adultos e oportunizar o acesso a cursos profissionalizantes. Foram coletados dados sobre as demandas e dificuldades enfrentadas pelos jovens do Cruzeiro. Do total de 67 jovens de Nova Lima atendidos no primeiro semestre deste ano, 08 eram do Cruzeiro, conforme dados coletados em outubro de 2018.

Foram realizados diálogos com os funcionários da Secretaria Municipal de Trabalho e Renda, Desenvolvimento Social e Educação para conhecer a interação dos jovens do Cruzeiro com os serviços públicos, bem como conhecer visões desses técnicos sobre as juventudes no bairro, quais seriam as demandas, os desafios e potencialidades desses jovens.

O objetivo dessas entrevistas foi tentar capturar o olhar do outro, do não morador – no caso técnicos atuando em nome do poder público - sobre o conjunto de jovens do bairro, bem como registrar informações mais subjetivas sobre o trabalho com as juventudes no bairro, de modo a complementar os indicadores. Os dados quantitativos nos permitem uma visão geral, porém não permitem captar as representações, elementos das interações sociais e dados subjetivos importantes para a análise sociológica. Para Poupart (2008, p. 2015) as entrevistas são “portas de acesso às realidades sociais”.

Outra fonte consultada na coleta de informações foi a Polícia Militar. A finalidade da busca por dados desse órgão foi conhecer os indicadores sobre criminalidades no município e no Cruzeiro, uma vez que a imagem popularmente construída sobre o bairro tem ligação com

---

<sup>13</sup> MARTINS, Cristiane. **Entrevista:** Cristiane Martins. Entrevista concedida a Cristina Xavier Cordeiro. Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de Nova Lima em 08 nov. 2018.

crime e violência. Além desses dados, foi realizada também entrevista com um profissional da segurança pública, que trabalha com a população do bairro Cruzeiro. Foram selecionados outros dois bairros limítrofes que possuem um número de moradores aproximado e mantem relações com o Cruzeiro: Bonfim e Nossa Senhora de Fátima. Devido às dificuldades de se encontrar dados atualizados e completos sobre os bairros de Nova Lima, que pudessem auxiliar na escolha de outros bairros para estabelecer uma análise comparativa mais completa, optei pela utilização de dados mais simples como número de moradores, proximidade física e relacionamento com o Cruzeiro.

Foram feitas também buscas na internet: *blogs*, vídeos, *facebook* entre outros. A intencionalidade dessa estratégia foi coletar informações sobre o bairro, de modo a compreender como a mídia retrata o cotidiano dos moradores, bem como obter informações sobre o território. As buscas foram feitas em sítios de domínio público e nos jornais da cidade. Foram selecionados dois jornais de grande circulação em Nova Lima e realizadas buscas em todas as manchetes disponibilizadas. As buscas foram feitas em nome dos bairros Cruzeiro, Bonfim e Nossa Senhora de Fátima. A escolha desses jornais ocorreu em função de seu alcance no município, por abordarem diferentes ângulos políticos na cidade, disponibilização das informações *online* e possibilidades de se fazer filtros de busca por bairro. Os demais jornais da cidade não disponibilizavam todas essas ferramentas.

### **3.2 O trabalho de campo**

Os procedimentos utilizados na pesquisa de campo, mais especificamente no bairro Cruzeiro, foram: caminhadas orientadas pelo bairro, em dias e horários diferentes; participação em eventos e festas; e, observação das vivências nos espaços de encontro, buscando assim conhecer a dinâmica local, as interações e a vivência juvenil em sua espontaneidade cotidiana.

Por eu ser uma servidora que atuava no bairro, já havia um contato anterior com a população, embora os objetivos da pesquisa fossem bem distintos do meu trabalho como funcionária pública. Assim, enquanto pesquisadora, a entrada no bairro se deu por meio de caminhadas orientadas, por meio das quais, busquei disciplinar meu olhar para o foco da pesquisa. Por ser um lugar conhecido, foi preciso maior atenção para voltar meu olhar para os

elementos importantes para a investigação. Nestas caminhadas e observações o objetivo foi conhecer as vivências do bairro a partir da cotidianidade e singularidade cultural dos jovens.

De acordo com Machado Pais (1990, p. 164), a cultura pode ser entendida como um conjunto de significados compartilhados; um conjunto de símbolos específicos que simbolizam a pertença a um determinado grupo; uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, através dos quais a vida adquire um sentido”. Esses significados compartilhados” são construídos a partir de vivências cotidianas comuns. Porém, embora compartilhem experiências semelhantes, cada jovem as vivencia de forma única.

Para conhecer essas semelhanças e diferenças, Pais (1990, p. 164) reforça que é preciso conhecer os jovens em seus contextos vivenciais cotidianos”, pois é no cotidiano, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação”. Nesses contextos vivenciais que as crenças e as representações sociais se expressam, aí a sociedade se traduz na vida dos indivíduos”.

Neste sentido, buscando conhecer essa cotidianidade foi construído um roteiro, de modo a orientar a observação do espaço a partir de aspectos da paisagem física e social. Toda observação, segundo recomendações de Minayo (2010), foi ser registrada no diário de campo (onde estão todas as informações que não foram coletadas nas entrevistas formais). Foi dada atenção às falas, hábitos, costumes, gestos, celebrações e rituais relacionados ao objeto de pesquisa.

A respeito da entrada do pesquisador em campo, Jaccoud e Mayer (2008, p. 215) elucidam as etapas dessa fase da pesquisa, que são apropriadas para minha experiência em campo. Eles iniciam dizendo: primeiramente, trata-se de um período de ansiedade”, pois se entra em campo sem um devido instrumental para se apoiar. É também um período de eticismo”, já que não se sabe ao certo o que coletar, quais informações são relevantes. Em seguida, é uma forma de mergulho no vazio”, faltam-lhe referências, pontos de apoio, é um período muito angustiante”. Depois, gradativamente, alguns pontos de referência começam a ganhar forma e as coisas começam a fazer sentido e o pesquisador passa a ser um elemento mais conectado com o campo.

Segue-se então, a etapa de coleta de dados. Neste momento da pesquisa são apresentados diversos dados ao pesquisador, “há um retorno da angústia”, mas agora por questões sobre seu papel social, seus direitos, a preocupação com o retorno da pesquisa. Finalmente, chega-se a etapa de análise. “estanca-se a angústia”, é um momento de busca do equilíbrio entre a análise das informações provenientes do campo e a autoanálise do pesquisador (sobre sua metodologia, seus vieses pessoais, etc.), [...] não é, em última análise, um objetivo fácil de atingir.”

Na interação com o campo, por meio das caminhadas, observei a infraestrutura e as interações locais, além disso, passei a acessar mais os serviços do Cruzeiro como restaurantes, costuraria, salgaderia, mercado de frutas e verduras, entre outros, como forma de conhecer o bairro nas suas interações comerciais cotidianas. Quanto maior a aproximação com o bairro, maior o conhecimento de suas dinâmicas. Com isso, foram sendo construídas relações de proximidade e confiança, que permitiram vínculo e acesso a informações mais confidenciais.

O roteiro foi organizado a partir dos seguintes elementos centrais: a) *aspectos físicos* (topografia, organização das ruas, infraestrutura urbana, arquitetura externa das casas e dinâmica de construção); b) *Mobilidade dos moradores* (meios de locomoção – bicicleta, moto táxi, táxi, aplicativos de celular, moto, ônibus, a pé – acesso a pessoas com deficiência, etc.); c) *Instituições/Serviços* (mercados, bares, Ongs (Organizações Não Governamentais), padarias, unidades de saúde, escola, praça, quadra, igreja) e espaços não-institucionais como esquinas, pontos de encontros na rua ou próximo a casa de determinadas pessoas e por fim d) *Dinâmica Social* (fluxos e encontros, formas de ocupar a rua, movimentações em dias e horários diferentes).

Ao longo da pesquisa, embora alguns moradores já me conhecessem, pelas via do serviço público, ficavam me olhando desconfiados, pois percebiam que aquela caminhada tinha um tom diferente. Os olhares expressavam uma certa curiosidade quanto a frequência de meus contatos com o território, os motivos das minhas idas, como aquilo poderia repercutir na vida deles, etc. Por ser um bairro onde todos se conhecem e por já possuir uma rotina muito bem articulada entre os moradores e os fluxos de pessoas externas já ser bem conhecido, qualquer movimento atípico gera inquietação. Nas oportunidades comecei a me apresentar como estudante de Ciências Sociais da Puc Minas e dizer do objetivo da pesquisa e aos poucos as pessoas foram se acostumando com minhas idas ao bairro, que passaram a ser mais frequentes devido as entrevistas.

Estas caminhadas contribuíram não somente para cartografar socialmente o bairro, mas também para definir aspectos importantes na condução da pesquisa, tais como, o enfoque em determinados temas e a necessidade de aprofundamento teórico em outros. A partir daí o tão procurado “problema de pesquisa” começou a aparecer de forma mais recortada e objetiva. Antes desse contato mais aproximado com o bairro, o projeto de pesquisa possuía um conjunto de problemas e hipóteses, que na perspectiva pessoal e profissional eram importantes, mas que não eram possíveis para os limites de tempo do trabalho investigativo. Por trabalhar com a população do bairro gostaria que vários elementos fossem incorporados à pesquisa, de modo que pudessem gerar fontes de dados. Com isso, estava com a constante tarefa de recortar o objeto de pesquisa.

Outro instrumental utilizado foram as entrevistas. Em consonância com Poupart (2008, p. 215) a entrevista é um instrumental que permite não somente uma abordagem do ponto de vista dos atores sociais, mas que valoriza essas visões nas análises e interpretações de suas realidades. Para ele, as condutas dos sujeitos sociais só podem ser entendidas a partir do “sentido que eles mesmos conferem às suas ações”. As entrevistas são caminhos de acesso às diversidades da realidade social, mas para acessar essa realidade é preciso entrar num jogo de interações “jogo complexo de múltiplas interpretações produzidas pelos discursos”.

Para Colognese e Melo (1998, p. 143) a entrevista pode ser definida como “um processo de interação social no qual o entrevistador tem como objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado”. Enquanto técnica de pesquisa, “trata-se de uma conversa interessada, orientada pelo entrevistador para fins de pesquisa pela qual objetiva-se apreender informações sobre o comportamento e a consciência dos sujeitos investigados, tanto quanto possível em seu estado dado objetivo”.

Foram realizadas oito entrevistas individuais semiestruturadas e uma entrevista coletiva. Todas foram orientadas por um roteiro, que se tornaram guias auxiliares na condução da pesquisa, deixando, contudo, espaço para livre expressão do entrevistado. A técnica da entrevista semi-estruturada, utiliza elementos das entrevistas estruturada e da não-estruturada, “as perguntas normalmente são especificadas, mas o entrevistador está mais livre para ir além das respostas [...]” (MAY, 2004, p. 72).

Estes roteiros continham temas centrais, previamente definidos. A proposta do roteiro foi de ser um guia, com questões amplas, ou seja, apenas algumas ideias chaves que pudessem nortear as conversas. A intenção desse instrumental era deixar aberto para que o entrevistado

pudesse incluir temas que ele julgava ser importante. Minayo (2010) esclarece que o *Roteiro de entrevista* é diferente de questionário, o roteiro visa orientar uma conversa e recomenda que as questões desse instrumental devem estar diretamente vinculadas ao objeto, deve ampliar a comunicação e não cerceá-la, bem como contribuir para apresentar o ponto de vista dos interlocutores.

Por esta perspectiva, procurei intervir menos e deixar que o entrevistado pudesse expressar livremente os temas que ele avaliasse ser pertinente. O objetivo foi conciliar atenção ao tema da pesquisa com respeito à autonomia e expressividade dos sujeitos, que solidariamente cederam um tempo precioso de suas vidas para dialogar sobre suas vivências no bairro. Assim, os entrevistados podem ser classificados em três grupos:

- a) *Pessoas idosas/adultos* que relataram memórias dos tempos de formação do bairro, o perfil dos primeiros habitantes, as imagens que foram construídas a respeito do bairro e de seus moradores, o processo de urbanização, a chegada dos equipamentos públicos e privados, entre outros aspectos (Roteiro - APÊNDICE A)
- b) *Representantes do poder público e lideranças locais*, tais como: servidores públicos que tinham aproximação com o bairro, policiais e liderança comunitária. O intuito foi conhecer mais sobre o Cruzeiro e, principalmente compreender o olhar do “outro”, do “de fora” (pessoas que poderiam não ter vínculo com o território), sobre o bairro, ou seja, como eles descrevem esse território e seus moradores (Roteiro - APÊNDICE B);
- c) *Jovens que residem ou que residiram no Cruzeiro*. O objetivo central dessa pesquisa foi compreender as vivências juvenis em um território estigmatizado em Nova Lima. Então, a proposta foi entrevistar diferentes perfis de jovens buscando compreender suas histórias de vida (caracterização do jovem), a relação com o território, seus fluxos, os pontos de encontro e relação com o estigma (Roteiro - APÊNDICE C).

O roteiro, portanto, por ser sempre um guia, nunca abarcará todas as questões da realidade pesquisada. Para Barbot (2010), o roteiro de entrevista é um instrumental “híbrido”, não se trata de uma interação pergunta-resposta, mas de um conjunto de questões que vai tomando formas próprias na construção dialógica. O roteiro é também “evolutivo”, pois questões elencadas no início da pesquisa podem ser relegadas, enquanto que outras podem ser acrescidas.

As entrevistas foram realizadas nos espaços de trabalho dos entrevistados, na casa deles e no salão de uma Organização Não Governamental do bairro, todos esses lugares foram

sugestões dos próprios entrevistados. Algumas foram gravadas, outras não. A escolha por usar ou não esse instrumental se dava no contexto da entrevista, quando se avaliava que o entrevistado não se sentiria inibido pelo gravador. Aquelas que não foram gravadas foram registradas as falas no diário de campo e nos roteiros de entrevistas.

Poupart (2004, p. 09) pontua que, em relação às entrevistas, é preciso deixar claro que “as interpretações que os atores sociais dão de sua própria realidade, não devem ser confundidas com a realidade tal como ela é”. A esse respeito Carvalho (2003, p. 299) acrescenta que “as experiências, ao serem contadas, transpõem a vida para o registro da narrativa transformam-se em textos e passam a ser reguladas pelas regras de gênero e convenções que regem esse domínio”. Assim a pessoa que narra um dado evento de sua vida não coincide completamente com o personagem narrado, a começar por não “compartilhar com este as condições de tempo e espaço”. “A condição de um sujeito que narra sua vida coloca-o numa posição que é ao mesmo tempo de autor e de intérprete de si mesmo”, conclui Carvalho.

O momento presente consiste em uma “mistura de quem fomos, de quem temos sido e quem queremos ser”. Quando recorremos à memória para narrar um fato passado, não estamos fazendo um “recorte estático” do tempo, mas “uma leitura interpretativa e uma reconstrução dos fatos”, a partir do ponto de vista dos fatos mais significativos. “O tempo de nossas vidas, é um tempo narrado”, destaca Larrosa (2004, p. 16). Para Carvalho (2003) a narrativa e experiência formam um laço indissociável. Portanto, aquilo que o outro nos oferta é sempre uma interpretação, nunca é um fotografia, uma transcrição literal dos fatos. Assim como, o que captamos nos momentos das entrevistas constitui uma nova interpretação desses fatos.

Carvalho (2003, p. 289) descreve três momentos de uma narrativa:

o ato narrativo passa de um tempo prefigurado da ação, no nível do vivido e da experiência em mimese I, para um tempo configurado simbolicamente pela composição narrativa em mimese II, tendo em vista comunicar uma experiência a alguém, o que caracteriza o terceiro tempo enquanto tempo da alteridade, onde se comunica o narrado para alguém. Assim, tem-se o tempo refigurado em mimese III, que restitui à ação o tempo vivido do leitor, completando o ciclo dessas operações narrativas, onde o sentido nunca se encerra num fechamento ou cristalização: o acontecimento.

A coleta das primeiras narrativas por meio da entrevista foi mediada por uma liderança comunitária, que também é coordenadora do equipamento onde eu trabalho. Por ser uma pessoa muito conhecida no bairro, e por já termos um contato, ela foi a primeira mediadora. Através dela, consegui meu primeiro contato com um jovem do bairro, que também é uma

liderança informal no Cruzeiro. E assim, após conhecer esse jovem, foi possível fazer entrevistas individuais com outros jovens e também uma entrevista em grupo, de modo que pudessem compartilhar vivências, pois como assevera Larrosa (2004, p. 19) – a história de nossas vidas depende de um conjunto de outras histórias que ouvimos e em relação às quais temos aprendido a construir a nossa”.

### **3.3 Desafios da pesquisa de campo**

Embora aparentemente tem-se a ideia de ter sido um processo rápido e articulado, não foi. A proposta da pesquisa foi fazer aproximações com bairro, estabelecer contatos e iniciar as entrevistas. Com as moradoras pioneiras, essa estratégia teve êxito, as entrevistas foram agendadas e realizadas. Já com o jovem morador do bairro, conseguir uma entrevista foi um processo longo e exaustivo. Tiveram momentos em que cogitei adotar outro método de pesquisa, devido as inúmeras recusas e agendamentos sem sucesso.

A título de elucidação, foram realizados contatos com cinco pessoas do bairro, que eu tinha proximidade e que aqui chamamos de intermediadores. Estas pessoas se disponibilizaram a contribuir com a pesquisa conversando com alguns jovens, na tentativa de estabelecer uma ponte entre pesquisadora – jovem. Nesta fase, da árdua tarefa de obter uma real colaboração para a pesquisa, Poupart (2008) pontua a possibilidade de acionar as redes sociais, que se apoiam sobre os laços de reciprocidade e amizades para mediar o contato com possível entrevistado.

Contudo, dessas cinco pessoas, por questões sociais e de saúde, somente duas conseguiram chegar a indicar jovens para a entrevista. Sendo que um desses informantes indicou apenas uma jovem, que após três agendamentos sem sucesso, a entrevista não chegou a se efetivar. Assim, restava-me a primeira intermediadora, que então, fez contatos com cinco jovens e abriu os caminhos para que a pesquisa fosse prosseguida seguindo a metodologia inicialmente proposta.

Desses cinco jovens, consegui entrevistar diretamente um. Eles, em sua grande maioria trabalhavam em vários empregos e prestavam serviços voluntários, com isso, a disponibilidade de tempo era restrita, mesmo nos finais de semana. Após inúmeros agendamentos e reagendamentos, consigo uma entrevista com Alex, que articulou uma

entrevista em grupo e mais uma entrevista individual. Alex foi um entrevistador/intermediador fundamental na condução dessa pesquisa e na efetivação do contato com os jovens. Vale pontuar que todos os nomes aqui mencionados são nomes fictícios de modo a preservar o anonimato das informações.

Alex me apresentou Sophia e no mesmo dia, conseguimos realizar a entrevista com ela. Embora não tivesse sido agendada ou tivesse me preparado especificamente para essa entrevista, não podia perder aquela oportunidade de conhecer mais uma história do bairro, na voz de uma jovem – gênero que eu tinha mais dificuldades de acessar. Alex também me apresentou outros jovens que participaram indiretamente da pesquisa. Foi por meio dele que cheguei a dialogar com um conjunto de jovens, um momento bem interessante e que trouxe muitos elementos para a pesquisa.

A entrevista em grupo ocorreu de forma rápida inusitada, um único momento que tive com um coletivo de jovens do bairro. Em meio a uma atividade da Ong onde Alex trabalhava formou-se um grupo de jovens para desempenhar determinadas atividades da Ong. Finalizada a reunião com os jovens, Alex, de forma autônoma e espontânea propôs a eles participarem da pesquisa e eles aceitaram. Ele então faz contato comigo e diz: –estamos todos esperando por você”. Surpresa com a possibilidade, altero imediatamente meus percursos rotineiros e sigo em direção ao tão esperado momento coletivo com os jovens. Um momento único, que não chegou a se repetir.

Em relação à entrevista em grupo, May (2004, p. 73) defende que se trata de uma –ferramenta valiosa de investigação, permitindo que os pesquisadores explorem as normas e dinâmicas grupais ao redor de questões e tópicos que desejem investigar”. Esse momento coletivo foi mais aberto: apresentei a proposta da pesquisa e iniciei o debate com uma pergunta indutora: Como é ser jovem no Cruzeiro? A ideia era trazer algum direcionamento, sem fechar a entrevista ou transformar o momento em perguntas e respostas. Essa pergunta inicial, segundo Barbot (2010) marca a entrada da pesquisa tanto em sua temática, quando no método de condução do diálogo.

A partir daí as demais questões foram apresentadas pelos próprios jovens, com base naquilo que eles avaliavam ser importantes sobre juventudes no bairro. Minhas intervenções eram pontuais para esclarecimento de algum termo ou situação ou para inserir algum tema relacionado à discussão. Essas intervenções pontuais ocorreram por meio do que Barbot

(2010) chamou de “reflexo personalizado”, formulando o que foi dito, de modo que o entrevistado pudesse detalhar mais aquele ponto.

Nesse sentido, na entrevista em grupo os jovens incorporaram temas que não haviam sido destacados previamente, como ocorreu com o tema do racismo que se desdobrou em um longo debate sobre preconceito, cabelo afro, beleza negra e direitos, gerando identificação e discursos de empoderamento. A interação entre os membros do grupo afeta os participantes em diversos níveis, tanto no pensamento quanto na ação. A maior parte de nossas vivências são compartilhadas uns com os outros e, por isso nossa opinião é também fruto dessa interação.

Por essa razão, as entrevistas de grupo podem prover uma compreensão valiosa tanto das relações sociais em geral como do exame dos processos e das dinâmicas sociais em particular. Ao mesmo tempo, deveria ser tomada cautela ao atribuir-se as opiniões desses grupos a populações inteiras. “Isso é particularmente importante dada a atual tendência, entre os pesquisados de mercado e os partidos políticos, de utilizar esse método”. (MAY, 2004, p. 73).

Em nenhum momento das entrevistas - tanto individuais, quanto coletiva - a inserção de questões relacionadas ao estigma do território foi introduzida pela entrevistadora, embora elas tenham aparecido em todas entrevistas com os jovens, sendo trazidas de forma espontânea pelos entrevistados. Observei que os “não moradores”, em especial os representantes institucionais apresentavam certo receio ou curiosidade ao falarem sobre o bairro.

Eles questionavam o porquê da escolha do Cruzeiro, com questões do tipo: “~~em~~ tantos bairros, porque o Cruzeiro?” e na sequência falavam da imagem negativa vinculada ao bairro. Às vezes, ficavam receosos de falarem algo que pudesse incorrer no risco de reproduzirem preconceitos, e nesses casos as pessoas ficavam travadas, não conseguindo se expressar livremente. Quando por ventura falavam algo que pudesse remeter à imagem negativa do bairro eles buscavam corrigir-se: “~~todos~~ todos os bairros tem suas questões, falei do Cruzeiro porque foi o que você me perguntou, mas todo lugar tem seus problemas”, ou “~~mas~~ mas lá tem muita gente boa e honesta”.

Devido ao comportamento dos entrevistados ao falarem sobre o bairro, decidi fazer um segundo momento da entrevista com os jovens em grupo buscando dar enfoque neste

tema, em especial nos efeitos do estigma, ou seja nos possíveis impactos nos fluxos e vivências juvenis. Para esse momento foi pensando uma dinâmica com *coffee break* e o sorteio de um vale compras, de modo a deixar o grupo um pouco mais descontraído. Segundo Barbot (2010) na entrevista se cunho sociológico, o pesquisador deve ser criativo e preparar estratégias que possa despertar o interesse do entrevistado.

Foi então proposto aos intermediadores do primeiro encontro esse segundo momento. Contudo, eles avaliaram que os jovens não se disponibilizariam a se reunir novamente, pois são de lugares diferentes do bairro, que no dia eles concordaram, pois já estavam desenvolvendo uma atividade na Ong e que seria muito difícil eles animarem se reunir novamente. Foram realizadas diversas tentativas com os intermediadores, diferentes propostas de organização do grupo e após exaustivas tentativas sem sucesso, optou-se por respeitar a orientação eles, não dar sequência a proposta de mais um encontro em grupo e analisar os dados que já haviam sido coletados.

Poupart (2008. p. 229) destaca a importância de se obter a colaboração efetiva dos entrevistados, para que a entrevista seja válida, do ponto de vista de um “discurso o mais verdadeiro e o mais profundo possível”. Considera-se essencial que o “entrevistado aceite cooperar, jogar o jogo, e não apenas o consentimento na entrevista”.

Refletindo sobre os caminhos trilhados, esta pesquisa apresentou uma perspectiva indutiva, que segundo Barbot (2010, p. 104) possui uma dinâmica de “idas e vindas”, de constantes ajustamentos em sua proposta original, elaboração de categorias e acumulação progressiva dos dados. Um processo de construção e reconstrução. Neste tipo de pesquisa, “é impossível definir a priori o número e as características dos pesquisados a selecionar para as entrevistas”. O pesquisado não está à procura de uma representatividade estatística, mas de “amostragem teórica”. Na medida em que desenvolve a pesquisa, ele busca por “situações contrastadas” que lhe permitem montar quadro teórico.

Havia sido planejada também a construção de mapas do bairro e dos fluxos juvenis, a partir do olhar dos jovens. O objetivo era compreender como o jovem vê o bairro, quais elementos são mais significativos para eles e quais são os intercâmbios juvenis. Material esse, que poderia trazer informações complementares às falas e observações feitas durante as entrevistas. Contudo, como o campo não abriu à essa possibilidade metodológica, tendo em vistas as dificuldades de se conseguir um novo momento coletivo com os jovens, não foi possível desenvolver esta etapa da pesquisa.

A metodologia adotada foi pertinente, pois possibilitou acessar um conjunto de informações sobre as articulações do território e vivências dos sujeitos que talvez não fossem possíveis por meio de um questionário fechado ou se tivessem sido realizadas em um ambiente institucionalizado com as escolas, por exemplo. Contudo, visto tratar-se de um contexto no qual a pesquisadora trabalhava regularmente todos os dias e com um intervalo relativamente curto para a coleta e análise dos dados, avalio que este caminho metodológico apresentou limites na execução da proposta da pesquisa. Devido à própria dinamicidade da vida social dos entrevistados, algumas etapas e estratégias metodológicas não puderam ser operacionalizadas.

No livro “Outsiders”, Becker pontua os desafios de se fazer pesquisa com grupos socialmente rotulados. “O processo de conquista da confiança daqueles que estudamos pode consumir muito tempo, de modo que talvez seja preciso dedicar meses a tentativas relativamente infrutíferas de aproximação”. O que quer dizer que esse tipo de pesquisa demanda mais tempo dos que outros métodos de coleta de dados.

Assim, resumidamente, após contato com cinco intermediadores, consegui apenas um, que posteriormente me conectou a outros jovens. Dos onze jovens que consigo contato, foram efetivadas duas entrevistas individuais e uma em grupo. Os contatos foram feitos inicialmente via WhatsApp, por considerá-lo um instrumento mais conectado com a linguagem juvenil e ser menos invasivo que ligações, pois a pessoa pode responder ou não a mensagem, sem sentir-se pressionada. Para todos os contatos foi explicado o motivo da pesquisa. A pessoa que recebia a mensagem já estava, de alguma maneira, aguardando o contato devido as articulações prévias do intermediador.

As entrevistas com os funcionários da prefeitura foi um processo mais dinâmico. O fato de eu ser funcionária pública e já possuir contato com a maioria dos entrevistados, ou seja, por já haver uma relação de confiança e reciprocidade, contribuiu para que os entrevistados relatassem suas experiências de forma mais espontânea. O maior dificultador nesses casos foi a precariedade dos sistemas de informação em emitir relatórios com dados por bairro.

Contudo, mesmo em meio aos desafios e limitações, foram realizadas ao todo 08 entrevistas individuais e 01 em grupo, além das conversas informais que atravessaram a pesquisa trazendo importantes elementos para a análise. Na caracterização dos jovens, destacou-se a declaração raça/cor, pois esse foi um elemento importante nas entrevistas.

Embora não se tenha feito essa pergunta especificamente a todos os jovens, aqueles destacados abaixo foram auto declarações espontâneas ao longo das entrevistas.

**Quadro 1 - Caracterização dos entrevistados**

(continua)

<b>NOME (Fictício)</b>	<b>IDADE</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
<b>Moradores Veteranos</b>		
Elmira	Aprox. 65 anos	Moradora que possui rede de relacionamentos e fluxos/mobilidade mais restritos ao bairro e participa de grupos religiosos.
Clotilde	Aprox. 50 anos	Moradora veterana, liderança comunitária, mulher negra, funcionária pública, mantém fluxos internos e externos ao bairro.
<b>Moradores Jovens</b>		
Alex	32 anos	Liderança jovem no bairro, assessor político e mantém fluxos diversos.
Maria	21 anos	Negra, moradora do bairro Cruzeiro.
Joana	22 anos	Negra, moradora de outro bairro, mas mantém relações com os moradores do Cruzeiro, pois considera que eles são “mais animados” que os do seu bairro.
Juliana	22 anos	Participou da entrevista em grupo, mas falou poucas vezes.
Leo	23 anos	Jovem negro, morador do bairro e com a história de vida atravessada por preconceito racial e estigma territorial.
Fabio	Aprox. 26 anos	Morador de um bairro vizinho que mantém suas relações de amizade com os moradores do bairro.
Gean	33 anos	Jovem morador do bairro, casado, tem 02 filhos e trabalha como professor de atividade física para mulheres do bairro.
Helena	Aprox. 29 anos	Ex-moradora do bairro, mas que vínculos de amizade e referência no Cruzeiro. Casada, tem 04 filhos.
Laura	Aprox. 24 anos	Jovem moradora de outro bairro que mantém relações com as amigas do Cruzeiro, faz o “ehama-chama” para beber e dançar funk.
Beatriz	Aprox. 23 anos	Jovem moradora do bairro, que se mostrou desesperançosa com o mercado de trabalho.
Luna	Aprox. 30 anos	Jovem negra que se fortalece cotidianamente para enfrentar a discriminação por seus traços negroides.

(conclusão)

José	26 anos	Ex-morador do bairro. Teve uma história de vida marcada pelo estudo e por criação de uma rede de contato fora do bairro.
Sophia	20 anos	Possui ensino médio, trabalha formalmente, gosta de sertanejo e tem um forte vínculo afetivo com o bairro. Mantem fluxos internos e externos ao Cruzeiro.
<b>Servidores Públicos do Município</b>		
Enzo	Aprox. 35 anos	Servidor na área de segurança pública e possui articulação com o bairro.
Heitor	Aprox. 40 anos	Servidor público municipal, desenvolve trabalhos de intermediação de mão de obra e qualificação profissional para jovens de Nova Lima.
Maxwell	Aprox. 50 anos	Servidor público municipal, desenvolve trabalhos de pesquisa sobre a cidade.

**Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos da pesquisa**

Após o trabalho de campo e a coleta dos dados da pesquisa em fontes primárias e secundárias, passou-se à fase de análise, que será apresentada nos capítulos seguintes. Um momento mais solitário e muitas das vezes de muita ansiedade, pois o pesquisador se encontra em meio a um conjunto de dados que precisam ser organizados de forma a transmitir sentidos, possibilitar a elaboração de pensamentos, fazer generalizações, conexões com outras teorias, entre outros.

Colognese e Melo (1998, p. 143), sugerem três momentos na fase de análise dos dados: a) –construção de um sumário com ordenamento lógico do texto a ser produzido”, orientado por uma linha teórica que direciona a pesquisa; b) –discussão de informações bibliográficas, discussão relacional envolvendo as categorias conceituais, as informações bibliográficas e das entrevistas” e c) –demonstração”, que seria o momento de apresentar as –provas” para as hipóteses e problemas de pesquisa.

May (2004, p. 191), a partir de uma leitura de Becker (1979), lista quatro estágios no processo de análise dos dados, de modo que eles possam ser explicados no contexto de uma estrutura teórica. O primeiro passo consiste na seleção dos problemas e conceitos, ou seja, situações do campo que lhe permita desenvolver um entendimento sobre aquele contexto pesquisado. O segundo momento é verificar a frequência com que os fenômenos se apresentam. O terceiro seria estabelecer conexões entre fatos pontuais com questões mais

amplas – o particular com o geral, e, por fim, a articulação desses fenômenos a teorias mais gerais.

Nesta pesquisa de mestrado foram utilizados elementos dessas duas propostas. A proposta Colognese e Melo (1998) é mais esquemática e foi utilizada para a organização das informações, já as orientações de May (2004) foram aplicadas em sentido complementar, aprofundando as interpretações dos dados levantados.

O primeiro passo da pesquisa foi a revisão bibliográfica, que possibilitou a ampliação do olhar na coleta dos dados. Na sequência, a coleta de um dado auxiliava e direcionava o caminho para a busca de novas informações. Chegou-se ao conjunto de dados que expressavam a diversidade das vivências juvenis, os olhares sobre esses jovens a partir de diversos ângulos, as histórias de formação de bairro, entre outras. Com esses elementos em mãos, iniciei o processo de organização do material a partir dos temas mais relevantes apresentados pelos entrevistados, buscando estabelecer conexões com temas similares estudados em outras regiões e por outros pesquisadores. Por fim, foi possível analisar a hipótese levantada no projeto de pesquisa, ou seja: a interferência do estigma territorial nas vivências juvenis do bairro Cruzeiro.

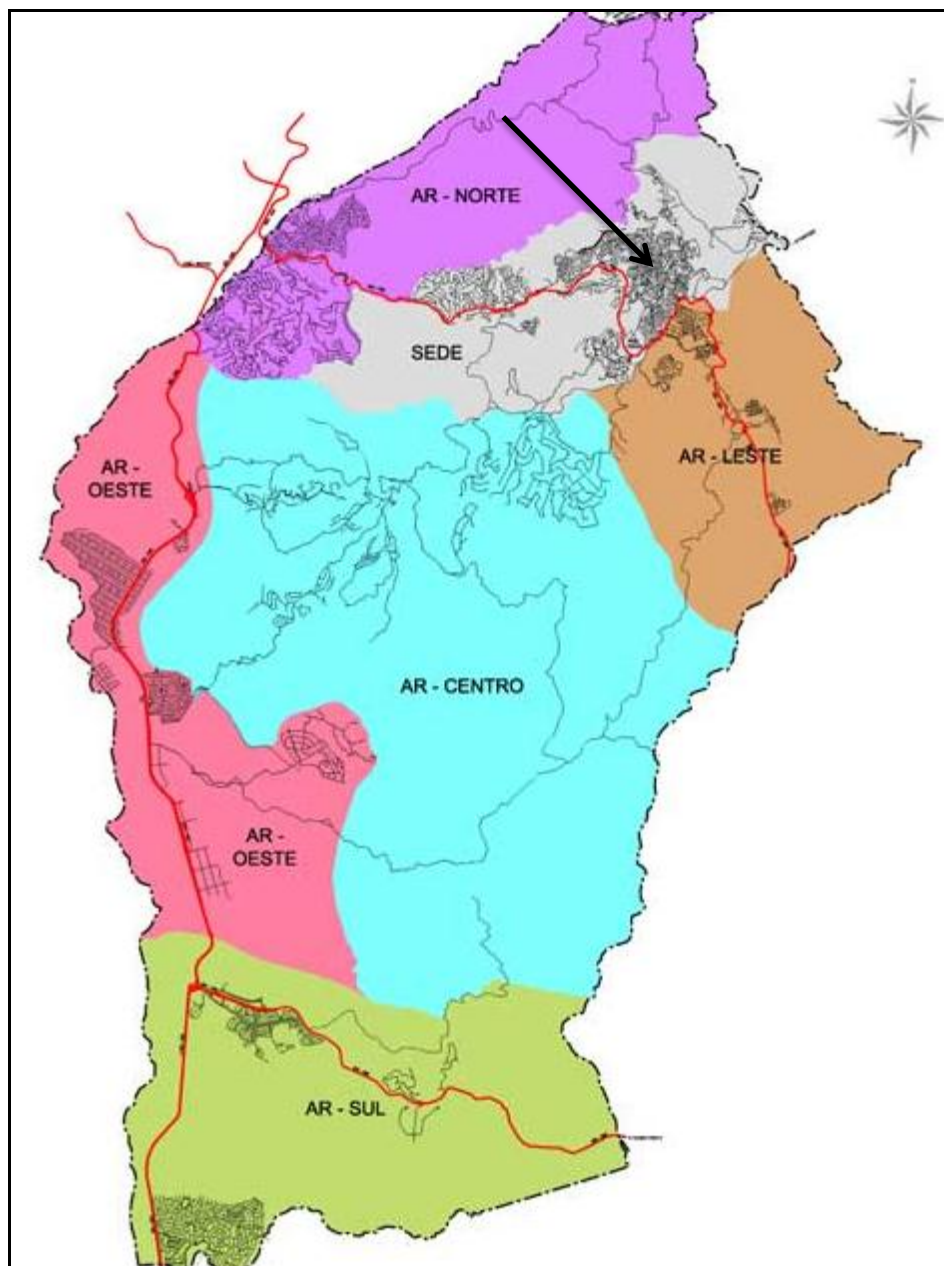


## 4 O BAIRRO CRUZEIRO

Nesta seção será contextualizado o município de Nova Lima e o bairro pesquisado: o Cruzeiro. O conjunto de dados possibilitará uma leitura do território e ofertará elementos para iniciar um debate sobre juventudes e estigmas de território.

### 4.1 O município de Nova Lima

Imagem 1 - Mapa de Nova Lima



Fonte: Elaborado pela autora com dados do Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal de Nova Lima - MG (2018)

O mapa acima representa o município de Nova Lima e as áreas mais hachuradas são os setores com maior concentração populacional. A sinalização da seta é para a sede do município, onde está concentrada a imensa maioria dos bairros, entre eles o Cruzeiro, em meio essa imensidão geográfica. Na descrição social e física do município será possível constatar que —os espaços são expressão das hierarquias e das distâncias sociais presentes nas sociedades” (ANDRADE, SILVEIRA, 2013, p. 392). A estrutura social se manifesta espacialmente de diversas formas, o espaço social habitado funciona, na perspectiva de Bourdieu como —símbolização do espaço social”.

O município de Nova Lima está situado na Região Metropolitana de Belo Horizonte e possui uma extensão territorial de 429,004 Km<sup>2</sup> distribuídos em mais de cem bairros. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE estima uma população total de 93.577 habitantes em 2018 e densidade demográfica de 188,73 habitantes/km<sup>2</sup>. Pelo mapa 1 é possível perceber como a população está ocupando a cidade. Na subdivisão Sede concentra-se a maior parte da população novalimense.

O Censo Demográfico de 2010 apontou uma população de 80.990 habitantes, com taxa de urbanização de 97,8% e crescimento anual de 2,32%, o que foi considerado um índice bastante alto, segundo o Instituto da Criança e do Adolescente - Ica (2016)<sup>14</sup>. Nas três últimas décadas, Nova Lima viu sua população aumentar em 54,58%. Esse crescimento populacional está proporcionalmente ligado ao crescimento das desigualdades socioterritoriais. Ao mesmo tempo em que houve uma intensa migração da classe média e alta de Belo Horizonte para a cidade, ocorreu também migração de um conjunto significativo de pessoas pobres em busca de melhores condições de vida. Esse encontro de realidades tão desiguais passou a se expressar nas formas de uso e ocupação do solo, como veremos a seguir.

De acordo com o Ica (2016), no período de mineração intensa, a economia da cidade girava em torno da mina. Contudo, devido a uma queda na extração do ferro na década de 1970, o município passou a investir em outros setores, buscando atrair outras fontes de renda, como centros de educação tecnológica e superior, empresas, hospitais, centros comerciais, entre outros empreendimentos que contribuíram para a construção de um cenário de prosperidade econômica para o município. Isso possibilitou à Nova Lima ter um

---

<sup>14</sup> O Instituto da Criança e do Adolescente da Puc Minas é um espaço de produção e divulgação de conhecimento sobre a infância e adolescência. Em 2016, o Ica realizou um diagnóstico sobre a infância e adolescência em Nova Lima para o Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente do município, que foi utilizado com referencial bibliográfico para esta pesquisa de mestrado.

desenvolvimento econômico diferenciado das demais cidades do estado, com rendimentos consideravelmente superiores. Atualmente, embora haja uma diversificação da economia, a exploração de minério de ferro ainda constitui sua principal fonte de receitas.

Além desses recursos, o município investiu na atração de moradores de alto poder aquisitivo da zona sul de Belo Horizonte para a região. A partir da década de 90, principalmente, o município teve sua ocupação fortemente influenciada pela migração da classe média da capital, que expandiu sua área de residência em direção à Nova Lima. Vislumbrando um campo próspero com esses fluxos de moradores, os prefeitos da cidade começaram a investir em propagandas, via *outdoors* e até mesmo em renomadas mídias televisivas, buscando atrair esse público. Houve, então, um *boom* do crescimento dos condomínios, chegando a ser registrados mais de 30 condomínios residenciais, destaca o Ica (2016).

Assim como vieram moradores de alto poder executivo, vieram também populações em situação de vulnerabilidade social de diversas regiões do país, em especial do Nordeste (Bahia). Essa população, sem espaço para construir suas moradias, passaram a ter como bandeira de luta o direito do acesso a terra e a problematizar a função social da terra. Relacionado a esse contexto migratório, os antigos moradores ficaram enclausurados no centro da cidade, sem conseguirem expandir suas residências, devido à especulação imobiliária, ocasionada principalmente pela expansão dos condomínios.

De acordo com os dados do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2018) e IBGE (2018), Nova Lima possui uma característica econômica diferenciada de Minas Gerais e até mesmo do Brasil, com um PIB (Produto Interno Bruto) e Índice de Desenvolvimento Humano consideravelmente superiores aos dados do estado. O PIB per capita de 81.076, 95 reais, coloca o município na posição nº. 9 dos Pib percapta do estado e na posição nº. 2 entre os 24 municípios da micro região. Além disso, em 2010 a renda per capita de Nova Lima era de 1.731,84 reais enquanto que em Minas Gerais era de 749,00 reais (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2018)

Segundo o IBGE (2018) em 2016 o salário médio mensal dos trabalhadores formais era de 3.8 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 55.0%. Em comparação com os outros 853 municípios do estado de Minas Gerais, Nova Lima ocupava as posições 5 e 4, respectivamente. Na comparação com os 5.570 municípios do país, ficava na posição 42 e 34, respectivamente.

Associado a esse dado, o Índice de Desenvolvimento Humano Médio – IDHM - da cidade em 2010 era de 0.813, o que situava a região na faixa de desenvolvimento humano muito alto (0.800 – 1), enquanto que em Minas Gerais o IDHM era de 0.731. A dimensão que mais contribui para o IDHM de Nova Lima foi Longevidade, com índice de 0.885, seguida de Renda, com índice de 0.864, e de Educação, com índice de 0.704 (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2018). Além disso, é difundido pelo imaginário popular e nas propagandas dos governos municipais que Nova Lima é uma região desenvolvida, tranquila e com elevada qualidade de vida para seus moradores.

Cabe, contudo apresentar o outro lado da moeda, demonstrando como essa renda é distribuída. Considerando os domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, 29.6% da população de Nova Lima, encontra-se nesta situação, o que coloca o município na posição 776 de 853 cidades do estado e na posição 4.751 de 5.570 cidades do Brasil (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2018). Avalia-se que Nova Lima, possui alta desigualdade social, tendo em vista que em 2010, os 20% mais ricos apropriavam-se de 74,30% da renda, enquanto que em Minas Gerais esse percentual era de 60,01%, (ICA, 2016). Aliado a isso, o município tem histórico de elevada concentração de terra, realidade que se mantém até os dias atuais.

Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano (2018) a evolução da desigualdade de renda pode ser descrita através do Índice de Gini<sup>15</sup>, que passou de 0.55, em 1991, para 0.64, em 2000, e para 0.68, em 2010. Tais dados evidenciam o quanto os altos indicadores de renda do município mascaram uma situação de profunda desigualdade. O diagnóstico do Ica (2016, p. 51) destacou que “embora seja um município rico, Nova Lima é extremamente desigual, com índice de Gini e índice de Theil-L<sup>16</sup> muito altos, dados que merecem atenção devido às fragilidades inerentes aos contextos de muita desigualdade e segregação”.

Assim, Nova Lima se divide entre esses dois mundos diversos que não se conectam. As desigualdades recortam os territórios criando linhas imaginárias de segregação e diferenciação social, seja pelas desigualdades na distribuição recursos financeiros, seja pelas formas de uso e ocupação do solo. Enquanto que suas margens estão ocupadas por uma

---

<sup>15</sup> É um instrumento usado para medir o grau de concentração de renda. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de 0 a 1, sendo que 0 representa a situação de total igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda, e o valor 1 significa completa desigualdade de renda, ou seja, se uma só pessoa detém toda a renda do lugar.

<sup>16</sup> O índice de Theil-L, assim como o índice de Gini, é uma medida estatística de distribuição de renda, quanto maior esse índice, maior a concentração de renda.

população de elevado poder aquisitivo, residindo em lotes de no mínimo 1.000 m<sup>2</sup> e com estruturas habitacionais luxuosas, os bairros centrais concentram um grande número de moradores com perfis sociais, econômicos e culturais muito diversos, que buscam ocupar cada metro quadrado de terra disponível, de modo a garantir sua moradia. Novos modelos de segregação espacial foram surgindo com populações vulneráveis nas áreas centrais e os mais abastados em áreas periféricas (CALDEIRA 1997; ANDRADE, 2005).

As formas de segregação podem ocorrer por uma questão de escolha, ou por uma questão de falta de escolha. Quando os moradores dos condomínios se juntam, eles buscam se segregar, diferenciar e distanciar-se de uma classe diferente da sua. Ao contrário, temos os moradores de áreas com baixa infraestrutura e acesso a serviços, que não podem escolher onde morar. Essas são as faces da segregação socioterritorial.

Nos bairros centrais é comum ver casas de dois ou três andares, em especial nos bairros mais pobres, ou mesmo ocupando parte das ruas. É também comum as casas mais antigas não terem garagens, pois o cômodo, que seria destinado a esse fim, foi aproveitado para fazer moradia e os carros ficam nas calçadas ocupando parte das vias públicas. A população tradicional da cidade passou a construir suas residências de forma verticalizada e germinada, de modo a comportar o aumento de suas famílias. Nesta direção, Andrade analisa que atualmente em Nova Lima:

o diálogo entre esses dois mundos – os condomínios e os outros bairros – é quase inexistente, a não ser pelo contato com os empregados domésticos. Contudo, os moradores do núcleo sofrem com a valorização das terras. Uma prova disso é o adensamento da sede que tem contribuído para a precarização das condições de moradia de alguns bairros. (ANDRADE, 2005, p. 850).

Outro fenômeno da cidade são as autoconstruções, pais ou avós que adquiriram um lote, construíram suas casas, mas com a chegada dos filhos e netos, e a impossibilidade desses de comprarem terrenos em outras áreas da cidade, levaram os mais velhos fazerem casas geminadas, que se expandem por todo o lote.

Para Spósito (2013, p. 281)<sup>17</sup> — não é possível pensar numa segregação apenas social, visto que ela é sempre determinada espacialmente”. Bourdieu (1997, p, 60) conclui que, efetivamente o espaço social se traduz no espaço físico. Para esse autor,

---

<sup>17</sup> SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. Da segregação à fragmentação socioespacial. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 273-301

não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as —hierarquias e as distâncias sociais sob uma forma (mais ou menos) deformada e sobretudo dissimulada pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta, diferenças produzidas pela lógica histórica podem assim aparecer surgidas das naturezas das coisas (basta pensar na ideia de fronteira natural). (BOURDIEU, 1997, p, 60)

**Foto 1 – densidade demográfica em um bairro central e em um condomínio**



Fonte: OLIVEIRA (2018)

**Foto 2 – Condomínio de Luxo em Nova Lima**



Fonte: OLIVEIRA (2018).

Nessas duas fotografias, do artista Wellington de Oliveira, fica nítido o que está sendo apontado sobre desigualdades socioterritoriais. Na primeira foto, os contrastes de um bairro formado por moradores de classe média da cidade e um condomínio ao lado. Na segunda foto, está um dos condomínios de maior especulação imobiliária do município. Interessante observar nas imagens a densidade demográfica e as diferenças na ocupação do solo urbano.

As distâncias sociais entre os bairros centrais e os condomínios vêm reforçando um imaginário do medo. Com a justificativa de direito a segurança, os moradores desses condomínios buscam estabelecer formas de distinção social. Para Telles e Cabanes (2006, p. 158) fronteira não é somente algo que separa e divide, é o que –estabelece a relação entre os lugares e reorganiza os pontos do espaço a partir dessa diferenciação entre as zonas de proteção e familiaridade e o outro lado [...]. Não existe lugar sem referências e limites”. É nesse contexto que devemos compreender o bairro Cruzeiro, que será apresentado a seguir.

#### **4. 2 O Cruzeiro: memórias da formação do bairro**

O Cruzeiro é um dos tradicionais bairros centrais, por um lado possui vulnerabilidades diversas, mas por outro está geograficamente situado em uma área de fácil acesso ao centro comercial e a uma rede de serviços público e privado. De acordo com Atlas de Desenvolvimento Humano, o Cruzeiro faz parte da Unidade de Desenvolvimento Humano – UDH Nova Lima Expansão Sede, a qual compreende outros bairros bastante diversos cultural e geograficamente. Contudo, tendo em vista dificuldades de se obter informações específicas sobre o bairro, optou-se por utilizar esses dados na tentativa de apresentar também o contexto no qual o bairro está inserido.

Nesse sentido, essa UDH apresenta IDHM considerado alto, 0.725 e com densidade demográfica de 914.59 habitantes/km<sup>2</sup>. Se comparada aos dados da cidade, é possível evidenciar as desigualdades mencionadas. Como visto o IDHM da cidade é de 0.83, influenciado pelos indicadores dos moradores dos condomínios, e a densidade demográfica 188.73 habitantes/km<sup>2</sup>, o que demonstra que os bairros mais centrais de fato possuem maior concentração de moradores/km<sup>2</sup>.

De acordo com a Secretaria de Cultura de Nova Lima, a formação do bairro Cruzeiro está ligada à concentração de pessoas economicamente vulneráveis e à ausência do Estado

enquanto provedor de uma infraestrutura mínima, garantidora de acesso à rede de esgoto, iluminação pública e pavimentação. Nesse sentido, o bairro corresponderia ao que Saravi (2004) chamou de “enclaves de pobreza estrutural”.

A história da sua formação é relatada pelo pesquisador Gomes:

O atual Bairro Cruzeiro, antigamente era simplesmente um morro visto da parte baixa da cidade antiga. Lá morava um senhor apelidado de Geraldo Sete Mulheres, isto porque ele vivia com sete mulheres. Na década de 20, George Chalmers adquire a fazenda Jaguará da família de Alberto Santos Dumont, onde nela havia uma capela de Nossa Senhora da Conceição com altares feitos pelo mestre Aleijadinho. Sendo George Chalmers de religião anglicana resolve doar os altares do mestre Aleijadinho a Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Nova Lima, que para recebê-los teve que ser reformada e ampliada. A antiga matriz tinha um cruzeiro em sua frente. Com a ampliação da Matriz o cruzeiro foi retirado e colocado no alto do morro em frente a Matriz que passou a ficar conhecido como Morro do Cruzeiro. Anos mais tarde o então prefeito Cecil Jones, doa o Morro do Cruzeiro a famílias carentes para a construção de moradias, nasce assim o Bairro Cruzeiro (GOMES, 2018, p. 01).

**Foto 3 – Vista do Morro do Cruzeiro - a esquerda, antes de seu povoamento.**



**Fonte: GOMES (2018)**

O poder público fez as “doações”, mas não acompanhou a chegada dos moradores. Assim, sem o suporte do Estado, foi uma corrida por delimitação de espaço pelos próprios ocupantes. As primeiras moradias foram barracas de madeira compensada, “foi um processo

tipo a constituição de uma favela mesmo”, declara o funcionário público Maxwell (2018)<sup>18</sup>. Aos poucos os moradores iniciaram a construção de suas casas de alvenaria – autoconstrução – sem suporte técnico e ocupando parte das vias públicas, formando assim um conjunto de habitações precárias e inseguras.

Ocorreu na região do Cruzeiro, portanto, processos semelhantes descritos/reconhecidos pela sociologia urbana. As políticas que favorecem a concentração de grupos homogêneos possuem responsabilidade no processo de tornar tais espaços “desertos”. Bourdieu (1997) pontua que além de sofrerem exclusão socioeconômica, os moradores de lugares segregados sofrem a “dominação simbólica”. Ele aponta a desresponsabilização do Estado ao abandonar às forças do mercado e à lógica do “cada um por si” camadas de pessoas economicamente vulneráveis e que dependem desse suporte do Estado.

Em entrevista, a Sra. Elmira<sup>19</sup> (2018), moradora veterana, informou que por volta dos anos de 1968 sua família - três irmãos e a mãe - vieram para o bairro Cruzeiro. Ainda muito jovens tiveram que sair de sua cidade, após o falecimento do pai. Relata que o início foi muito difícil, pois não tinham condições de estruturarem suas vidas, mas contaram com apoio de parentes que solidariamente os acolheram no bairro. Posteriormente conseguiram um lote, por meio das “doações” do prefeito. Elmira (2018) faz questão de pontuar que todos os lotes do bairro foram regularizados, “aqui todo mundo paga imposto!”.

A esse respeito, Clotilde<sup>20</sup> (2018) moradora antiga e referência comunitária no bairro, relata que vieram muitos migrantes analfabetos para Nova Lima, “não sabiam ler, nem escrever” e em situação de vulnerabilidades diversas. Os imigrantes vinham de áreas rurais, com experiência agrícola, a procura de trabalho e melhores condições de vida, e logo que chegavam à cidade, conseguiam trabalho. Nas palavras de Clotilde (2018) “eles mal sabiam escrever o nome” e tinham famílias numerosas com 10 – 12 filhos. Seu pai veio para o bairro com quatro filhas, a esposa e somente “com as roupas do corpo”. Atento a este contexto, segundo a informante, o prefeito Celso Jones sentiu a necessidade de dar um suporte àquelas famílias “doando” lotes no morro do Cruzeiro. Na época, “um fio de cabelo do bigode valia

<sup>18</sup> Dados da Entrevista. Pesquisa de campo realizada no Bairro Centro em 06 dez. 2017.

<sup>19</sup> Dados da Entrevista. Pesquisa de campo realizada no Bairro Cruzeiro em 13 março 2018.

<sup>20</sup> Dados da Entrevista. Pesquisa de campo realizada no Bairro Cruzeiro em 28 abril 2018.

por uma assinatura”, com isso não viram necessidade de regularizar a ~~doação~~” dos lotes por meio de escritura. Os moradores têm apenas um contrato de compra e venda, conclui Clotilde.

Elmira (2018) conta que na época haviam poucas moradias e as pessoas que tinham condições financeiras mais favoráveis buscavam morar em outros bairros devido à inexistente infraestrutura: ~~era~~ um morro imenso, sem estrutura nenhuma, não entrava carro, não haviam calçamentos e nem asfalto, rede de esgoto também não tinha – era fossa, os caminhos eram trilhos que só dava para passar a pé”. As primeiras construções foram feitas de madeiras aproveitadas e aos poucos as pessoas iam ampliando e melhorando a moradia, ~~os~~ materiais de construção chegavam em balaios e caixotes nos burros, não foi fácil, mas fomos muito bem recebidos pelo povo”, exclama a moradora.

Clotilde (2018) comenta que nos tempos iniciais do bairro, a situação era bastante complicada: ~~era~~ esgoto a céu aberto, todas as casas era de pau a pique, [...], a água do esgoto não cessava, a água potável era buscada nas nascentes e gente lavava roupa nos rios. Mas em outros bairros já havia luz e água encanada”. Quando o prefeito abordava essa questão com a companhia de energia elétrica, buscando garantir a infraestrutura do bairro, a resposta era que ~~não~~ colocavam luz porque as pessoas não teriam condições de pagar” e somente no final da década de 1970 que a energia elétrica chegou para todos os moradores.

Elmira (2018) avalia que em 2018 o bairro ainda apresenta alguns problemas, mas, em relação ao que era, agradece pelas intensas mudanças que vislumbrou ao longo desses anos de residência no bairro. ~~Hoje~~ os caminhões e carros rodam pelo bairro inteiro, eles vão a todos os lugares aqui, você faz uma compra e eles entregam na sua casa. Tem escola, salão comunitário, mercados, bares, padaria, posto de saúde e quadra para as crianças brincarem”, afirma.

Pontua um fato curioso de que os nomes de todas as ruas do bairro são nomes de santas: Pilar, Glória, Conceição, Lourdes, Mercês e Dores, mas ela não soube explicar o motivo. Todas essas ruas são pequenas, que mostram a curta dimensão do bairro. Os limites entre o bairro Barra do Céu e Cruzeiro se misturam, mas no Barra do Céu as ruas tem nomes de pedra, como demarcado na imagem abaixo por meio da linha/rua Apatita, Esmeraldas e Águas Marinhas. O mapa abaixo é um desenho do bairro, com seus limites geográficos, a disposição das construções, o tamanho das ruas, etc.

## Imagem 2 - Mapa do Cruzeiro



Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do Google Maps, 2018<sup>21</sup>.

A mistura do Cruzeiro com parte do bairro Barra do Céu é difundido pela cidade, tanto entre moradores de outros territórios, como entre os próprios moradores desses bairros: “para nós até a BR, é tudo Cruzeiro”, afirma uma moradora. Os residentes desses dois bairros criaram uma sub-classificação entre “Cruzeiro de cima e Cruzeiro de baixo” como forma de distinção interna entre os limites de um território e outro, que não coincidem com as demarcações geográficas estabelecidas pela prefeitura entre um bairro e outro. Isso interfere nas relações entre esses moradores, pois quem é de um lado se recusa a participar de eventos e atividades do outro lado.

A criação de fronteiras – simbólicas – é um fenômeno conhecido,

feitos de práticas e conexões que articulam espaços diversos e dimensões variadas da cidade, os territórios não têm fronteiras fixas e desenham diagramas muito diferenciados de relações conforme as regiões da cidade, as situações de vida e os tempos sociais cifrados em seus espaços. (TELLES; CABANES, 2006, p. 72).

Estudar território é buscar entender os modos de vida de seus moradores e as relações que estabelecem entre si e com o seu entorno. O território não um lugar estático definido por limites geográficos, mas pelas interações que ali são estabelecidas. As pessoas podem se

<sup>21</sup> MAPS. Google Maps. Disponível: <<https://www.google.com/maps/place/Cruzeiro,+Nova+Lima+-MG,+3400000/@19.9913467,43.8456277,18z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0xa69f16a0766899:0xea7ee1f91312e598!8m2!3d-19.9911214!4d-43.844332>>. Acesso em 21 out. 2018.

sentir pertencentes àquele espaço, se identificar com os modos de vida de um bairro, mesmo estando além de seus limites físicos ou o contrário.

O Cruzeiro é um bairro ocupado há gerações pelas mesmas famílias, com pessoas nascidas e criadas no território há gerações. Há baixa diversificação nos fluxos migratórios, poucos movimentos de saída e vinda para o bairro. Elmira (2018) pontua que “quem tá aqui não quer sair e não tem mais espaço pra pessoas de outros lugares construírem aqui. Tem poucas casas para alugar, a maioria é casa própria. Falo que é raro alguém vender uma casa aqui e quando acontece é um caso ou outro muito particular”. Ela conta que as primeiras famílias que se estabeleceram na região construíram suas moradias e com a chegada dos filhos, foram ampliando as casas de modo a abrigá-los. Analisa que essa configuração das famílias e de suas construções tem relação com vínculos familiares, com a falta de espaço no bairro para expansão de moradias e com a escassez de recursos financeiros das famílias para construírem em outras regiões da cidade.

### **4.3 Caracterização do bairro**

De acordo com os dados do último Censo do IBGE em 2010 o bairro Cruzeiro tinha um total de 967 moradores, sendo 518 mulheres e 449 homens. Estes moradores estavam distribuídos em 260 residências, o que dá uma média de 04 moradores por habitação, situação bastante diversa da época de formação do bairro, onde a média de moradores por casa era entre 12 e 14 pessoas - como informou uma das entrevistadas. Em 2010, 129 domicílios tinham mulheres como responsáveis familiares (entre elas uma adolescente) e 131 tinham homens como responsáveis pelo domicílio, portanto, 49% dos domicílios eram chefiados por mulheres. 56% das residências eram formadas por cônjuges e 84% tinham filhos na sua composição familiar.

Quanto às formas de aquisição dos imóveis, 77% dos moradores informaram residir em domicílios particulares permanentes próprios e quitados, 12% em domicílios particulares permanentes alugados, 11% em domicílios particulares permanentes cedidos. Esses dados estão em concordância com os relatos das entrevistadas, que informaram que todos os imóveis são de alguma forma regularizados, mesmo que não tenham escrituras. Por outro lado, esses dados vão de encontro ao imaginário estigmatizado que é propagado.

Quanto à infraestrutura do Cruzeiro, de acordo com os dados apresentados na tabela abaixo, o bairro mudou muito nos últimos anos em relação ao quadro relatado sobre o período de sua formação. Do total de 260 moradias registradas pelo IBGE em 2010, incluindo domicílios particulares e coletivos, seguem os dados do número de residência que possuem estrutura básica – conexão à rede de esgotos, lixo coletado, etc.

**Tabela 1 - Infraestrutura interna das casas do Bairro Cruzeiro**

<b>Dados de Infraestrutura interna</b>	<b>Nº. Domicílios</b>	<b>Nº. Domicílio (%)</b>
Domicílios com abastecimento de água da rede geral	260	100%
Domicílios com lixo coletado	260	100%
Domicílios com energia elétrica	260	100%
Domicílios com energia elétrica de distribuidora	259	99,6%
Domicílios com pelo menos um banheiro	260	100%

**Fonte: elaborado pela autora com dados extraídos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.**

**Tabela 2 - Infraestrutura do Bairro Cruzeiro**

<b>Dados de Infraestrutura externa</b>	<b>Nº. Domicílios</b>	<b>Nº. Domicílios (%)</b>
Domicílios sem iluminação pública	04	1,5%
Domicílios com pavimentação	260	100%
Domicílios sem calçadas	194	74,6%
Domicílios com calçadas	66	25,3%
Domicílios sem rampa para cadeirantes	260	100%
Domicílios sem esgoto a céu aberto	260	100%

**Fonte: elaborado pela autora com dados extraídos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.**

Embora a infraestrutura do bairro tenha melhorado significativamente, comparativamente às décadas passadas, é possível em 2018 ver esgoto a céu aberto nos chamados becos – ruas mais estreitas e improvisadas- mato nas encostas e vielas, lixo pelas ruas e em casas/lotes vagos, construções inacabadas e improvisadas em determinadas ruas do bairro, casas ocupando parte das vias públicas, baixa infraestrutura para pessoa com mobilidade reduzida, entre outros.

O bairro está entre as ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social) no artigo 197 do plano diretor do município. As ZEIS são áreas onde há irregularidade fundiária, urbanística e irregularidade de edificação, ocupadas por população de baixa e média renda. Onde existe, por parte do poder público, interesse em promover investimentos para atenuar problemas habitacionais e urbanísticos assegurando a melhoria dos indicadores de qualidade de vida local.

Alguns entrevistados afirmaram que o fato de algumas moradias não terem acabamento externo, como revestimento e pintura, a forma de organização das construções no espaço físico e a formação de becos e vielas, contribuem para o reforço de uma imagem estereotipada sobre os moradores do bairro. Além disso, a mobilidade urbana fica comprometida pela ocupação privada das ruas com varandas, garagens improvisadas, carros, motos, etc.

Em relação ao acesso a direitos básicos como documentação e alfabetização, foi identificado pelo IBGE em 2010, que apenas uma criança não possuía registro de nascimento e que a taxa de alfabetização dos 967 moradores era a seguinte: 94,4 % foram alfabetizados com idade entre 05 e 06 anos, 2,5% com 24 anos, 1,8% com 27 anos e 1,2% com 58 anos. Ou seja, situação bem distinta a que foi relatada pelas moradoras mais antigas sobre o início do bairro, na qual a população migrante que chegava à região era composta por pessoas analfabetas. Em 2010, aproximadamente 95% da população havia sido alfabetizada em idade regular de ensino.

Quanto ao dado raça/cor, no Censo 2010, dos 967 moradores, um quarto se declarou branco e aproximadamente três quartos se declararam pretos ou pardos. O número significativamente maior dos não-brancos em relação aos brancos deixa explícito o perfil de raça/cor do Cruzeiro e o quanto essa é uma característica importante da população desse bairro. Como é possível verificar na tabela 3.

**Tabela 3 - Declaração raça/cor dos moradores do bairro Cruzeiro**

<b>Raça ou cor</b>	<b>Nº. Moradores</b>	<b>Nº. Moradores (%)</b>
Residentes de cor ou raça - branca	250	25,8
Residentes de cor ou raça - preta	156	16,1
Residentes de cor ou raça - amarela	04	0,4
Residentes de cor ou raça – parda	557	57,6
Residentes de cor ou raça - indígena	0	0

**Fonte: elaborado pela autora com dados extraídos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.**

Quanto ao perfil de renda das famílias, a tabela abaixo apresenta o número de residências particulares com rendimento nominal mensal e domiciliar per capita. Por esta tabela é possível ver a diversidade de níveis de renda dos moradores do bairro. Embora aproximadamente 65% dos moradores registraram renda per capita inferior a um salário mínimo, há perfis de renda bastante variados. O número de domicílios que possuem renda inferior a meio salário mínimo é praticamente igual ao de domicílios que possuem renda de um a dois salários mínimos por pessoa, como expresso na tabela 4.

**Tabela 4 - Número de domicílios particulares com rendimento nominal mensal domiciliar per capita**

<b>Domicílios e faixa de renda per capita</b>	<b>Nº. Domicílios</b>	<b>N. Domicílios (%)</b>
Domicílios com rendimento per capita até 1/8 SM	02	0,7
Domicílios com rendimento per capita de 1/8 a 1/4 SM	15	5,7
Domicílios com rendimento per capita de 1/4 a 1/2 SM	49	18,9
Domicílios com rendimento per capita de 1/2 a 01 SM	105	40,4
Domicílios com rendimento per capita de 01 a 02 SM	69	26,6
Domicílios com rendimento per capita de 02 a 03 SM	9	3,4
Domicílios com rendimento per capita de 03 a 05 SM	5	1,9
Domicílios com rendimento per capita de 05 a 10 SM	0	0
Domicílios sem rendimento per capita	6	2,4

**Fonte: elaborado pela autora com dados extraídos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.**

Em relação à distribuição de renda por gênero, é notório o quanto a renda das mulheres era inferior a dos homens. De acordo com o IBGE (2018), em 2010 do total de 129 mulheres responsáveis familiares, 43% possuíam rendimentos entre 1/2 a 01 salário mínimo e

34% rendimentos entre 01 a 02 salários mínimos por pessoa. Quando se observa o mesmo dado em relação aos homens responsáveis familiares, esse indicador se inverte. Do total de 131 domicílios chefiados por homens, 27% dos homens possuíam rendimento entre 01 – 1/2 salário mínimo e 45% renda entre 01 a 02 salários mínimos. Se comparado os salários mais altos, as diferenças ficam ainda mais evidentes, sendo que 22% dos homens possuíam rendimentos acima de dois salários mínimos e apenas 9% das mulheres se encontravam nessa mesma condição de rendimento.

Embora a maior parte da população tenha apresentado rendimentos baixos, havia uma certa diversidade de renda entre os moradores e essas diferenças se expressam espacialmente. Ao caminhar pelo bairro, é possível avistar casas grandes e com infraestrutura de destaque (em menor número), ao lado de habitações precárias e inacabadas (em maior número).

Nas páginas seguintes serão apresentados os dados do CadÚnico. O Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal é instrumento de coleta de dados que identifica e caracteriza famílias de baixa renda, de modo a orientar programas como Bolsa Família e Minha Casa Minha Vida, por exemplo. Entre as informações que são coletadas estão níveis de renda, escolaridade, identificação étnico-racial, características do domicílio, entre outras.

Para se inscrever, a pessoa precisa atender aos critérios de baixa renda ou estar vinculada a algum programa social. As coletas de dados no município de Nova Lima ocorrem nos Centros de Referência da Assistência Social – Cras, em entrevistas realizadas por assistente social ou psicólogo. Embora sejam solicitados documentos de identificação pessoal, a grande maioria das informações são autodeclaratórias. Devido aos critérios de inscrição, o cadastro possui um conjunto amplo e diverso de informações, mas não abarca a totalidade dos moradores dos bairros.

Trata-se, portanto, de um conjunto de dados de pessoas em situação de vulnerabilidades sociais, em especial vulnerabilidade de renda. Os dados apresentados foram coletados em 15 de setembro de 2018<sup>22</sup>. Embora o CadÚnico estabeleça um prazo de atualização completa a cada dois anos, existem alguns casos específicos que não foram atualizados nesse período. O Cadastro Único possui 448 moradores do bairro Cruzeiro

---

<sup>22</sup> Os dados do CadÚnico são atualizados, a partir de demandas dos inscritos, por convocação dos cadastradores a cada dois anos, ou extemporaneamente por motivo de auditorias do Ministério do Desenvolvimento Social. Assim, não foi possível precisar a data da última atualização dos dados apresentados, apenas que a maioria dos inscritos atualizou nos últimos dois anos e todos os cadastros têm menos de quatro de atualização.

inscritos, embora não seja a totalidade da população, é um número considerável pensando o último Censo do IBGE, em 2010, onde se registrou 967 pessoas residentes no bairro.

Em relação aos dados de trabalho e renda, dessas 448 pessoas, 47 declararam ter como trabalho principal atividade por conta própria (autônomo), 02 pessoas empregadas sem carteira de trabalho assinada, 54 com carteira de trabalho assinada, 06 trabalhadores domésticos sem carteira de trabalho assinada, 01 militar e 01 aprendiz. Ou seja, aproximadamente 25% da população inscrita declararam estar desenvolvendo algum tipo de trabalho, sendo que dos 448 moradores do bairro, apenas 12% estavam vinculados a um trabalho formal. Alex, jovem morador do Cruzeiro, pontua que ~~tem~~ mais gente a toa que trabalhando no bairro tanto homem, quanto mulher. Mas se tivesse opção de trabalho autônomo, vagas nas fábricas aqui de Nova Lima, as pessoas estariam trabalhando” avalia o jovem.

Em relação à renda, 217 pessoas declararam ter renda<sup>23</sup> per capita entre 0 – 1/4 do salário mínimo, 124 renda entre 1/4 e 1/2 salário mínimo e 107 declararam renda acima de 1/2 salário mínimo por pessoa. Assim, pode-se dizer que 76% das pessoas declaram ter renda menor que meio salário mínimo por pessoa, o que configura para o CadÚnico pessoa de ~~baixa~~ renda”.

Já em relação à raça/cor, cerca de 23% dos moradores se declararam brancos, 14% pretos, 0,4% amarelos e 62% pardos, representação essa muito próxima das porcentagens registradas pelo IBGE em 2010. Por fim, em relação à escolaridade, do total de 448 inscritos no CadÚnico, 296 pessoas já concluíram ou não iniciaram os estudos e 152 estão estudando. Desse total de 296 indivíduos, 36 declararam que nunca frequentaram a escola (27 eram crianças - provavelmente fora da idade escolar - 02 adultos e 07 idosos) e 260 pessoas informaram já ter frequentado a escola. Isso demonstra, assim como os dados do IBGE, que houve um aumento muito considerável de pessoas acessando a educação básica. Dessas 260 pessoas, 74 concluíram alguma série do ensino fundamental (1ª – 4ª série e Eja), 68 concluíram alguma série do ensino fundamental (5ª – 8ª série, 9º ano e Eja), 115 concluíram alguma série do ensino médio (médio, 2º grau, especial e Eja), 02 frequentaram algum período de curso superior, 01 nenhum (algum erro de marcação).

---

<sup>23</sup> A análise comparativa entre trabalho e renda, a primeira vista parece incoerente: o número de pessoas desenvolvendo alguma atividade remunerada não condiz com o número de pessoas com renda. Porém as perguntas para se chegar a essas respostas correspondem a temporalidades diferentes, por isso não é possível fazer comparações entre essas duas variáveis.

Portanto, pode-se concluir que 09 adultos/idosos nunca frequentaram a escola e 142 pessoas afirmaram não ter chegado ao ensino médio, o que equivale a dizer que aproximadamente 30% da população do bairro inscrita no CadÚnico não chegaram iniciar o ensino médio. Assim, embora tenha sido ampliado o acesso à educação, a manutenção do aluno na escola e a conclusão da educação básica - ensino médio - continuam sendo um gargalo para a educação municipal.

### **Quadro 2 - Nível de escolaridade dos moradores do bairro Cruzeiro**

<b>Estudando</b>		<b>Não estudando</b>	
Escola Pública	148 moradores	Já frequentou escola	260 moradores
Escola Privada	04 moradores	Nunca frequentou escola	36 moradores

**Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do Cadastro Único do Governo Federal, 2018.**

Ribeiro (2005) analisa que para o filho do pai analfabeto repetir sua escolaridade a possibilidade é de 34%, enquanto que a de chegar a concluir o ensino superior é de apenas 1%. Já para de pai com ensino superior completo as chances do filho sobem para 60%. Esse é um dos elementos que mostram a inconsistência do pensamento meritocrático. Além disso, como analisa Katzman (2001) não é necessário ser um pesquisador da área da educação para considerar o papel da escola no incremento de possibilidades e ampliação das possibilidades de inserção no mercado de trabalho, seja pela ampliação dos contatos seja pelo nível de escolaridade.

Acrescido a esses dados de trabalho, renda, educação e declaração de raça/cor, o aspecto geográfico é de um bairro central, com vias de comunicação com a avenida principal e MG – 030, à ambas as vias é possível se chegar a pé. Ele está situado em uma área de fácil acesso à rede de serviços públicos e privados e com uma linha de transporte coletivo que conecta o bairro as regiões mais distantes.

A imagem abaixo ilustra um olhar sobre o bairro a partir do ponto central da cidade. Nesta imagem é possível perceber as características físicas do bairro, como alta densidade demográfica, a diversidade da arquitetura das construções, as possibilidades de fluxos com o bairro, a arborização, entre outros elementos.

**Foto 4- Vista do Cruzeiro, a partir do centro da cidade**



**Fonte: OLIVEIRA (2018)**

#### **4.4 Percepções sobre as vivências no bairro**

De acordo com as informações dos moradores, coletadas nas entrevistas, o bairro hoje possui farmácia, mercados, bares, quadra esportiva, Unidade Básica de Saúde, Centro de Referência da Assistência Social, ONG, escola, igreja, restaurantes, papelaria, lanchonete, pessoas que em suas residências e de forma autônoma prestam serviços diversos como cabelereiro, salgadoeiro, costureiro, confeitiro, decorador, manicure, maquiador, etc. Há também artistas jovens (djs e funkeiros), clubes de futebol masculino e feminino, entre outras. Enfim o bairro, atualmente possui uma infraestrutura que muitos outros bairros na cidade não dispõem.

O Cruzeiro é um bairro muito dinâmico, com constante circulação de pessoas pelas ruas e de alta sociabilidade nos espaços públicos. Para Saravi, (2004, p. 47 tradução nossa), um bairro é um espaço de “trânsitos entre a esfera privada e a esfera pública, espaço intermediário de privatização do público em que os indivíduos reconstroem a seu modo uma parte do mundo exterior”. Neste espaço é também onde se desenvolve a cultura de rua, onde os jovens constroem suas normas, valores e comportamentos.

Em uma das entrevistas, uma jovem, ex-moradora do Cruzeiro, relata a efervescência das relações *barriais*: “aqui você vai encontrar: mulher sentada na rua, menino e cachorro. A mulher com um barrigão fica na porta da rua conversando, ganha o menino e volta pra porta da rua amamentando, ai tem um filho em cima do outro...”, descrevendo assim os laços comunitários e a conexão com a rua. A rua faz parte de vários ciclos de vida das famílias, é nela que a vida cotidiana se refaz. A jovem acrescenta que no bairro as pessoas não se conhecem por nome, somente por apelido “eísa de comunidade”, conclui.

Ela então explica a diferença entre bairro e comunidade:

Comunidade é diferente de bairro. Eu moro em bairro, e tem vizinhos que não me conhecem. Mas, como vão se conhecer, você não pode ficar sentada na porta de casa, você vai ficar sentada na porta de casa no centro da cidade? Num vai neh... Então não tem como conhecer as pessoas. Mas em comunidade é diferente, um menino te vê sentada na rua, fala com a mãe dele, a mãe desce e assim vai... Eu gosto de sair pra rua... (HELENA, 2018)<sup>24</sup>.

A respeito da relação espaço da casa e da rua, Magnani (2005, p. 202) assinala que “não se trata de um *continuum*, com pontos fixos, mas de posições numa relação; perder de vista esse caráter relacional da oposição significa reificá-la, tornando-a, por conseguinte, inoperante como princípio classificatório”. Neste sentido, a rua se consolida pelas relações que são estabelecidas nela, é um espaço vivo de interações e não apenas uma demarcação geográfica de trânsitos impessoais.

A rua é uma espécie de extensão da casa dessas pessoas, um espaço entre o público e o privado, onde se está exposto aos olhares dos outros. Mas embora público, ele pertence a uma coletividade que instituiu, direta ou indiretamente, regras próprias de circulação e convivência, a partir de pactos que são estabelecidos, signos e seus significados, vínculos e pertença, o que é permitido e o que é proibido, etc. A rua é, portanto, espaço vivo de contatos, representativa para o encontro e a comunicação entre os sujeitos, expressão local de cultura e sociabilidades.

Nas caminhadas e observações orientadas pelo bairro, foi possível perceber essa relação dos moradores com a rua. Logo cedo, por volta das 09:00 horas, haviam pessoas nas sacadas, varandas ou na própria “porta da rua” tomando café ou apenas observando. Um pouco mais tarde jovens cortando cabelo, idoso lendo jornal, crianças brincando, jovens

---

<sup>24</sup> Dados da Entrevista. Pesquisa de campo realizada no Bairro Cruzeiro em 10 set. 2018.

fazendo unha, homens e mulheres tomando cerveja, homens fazendo massa de cimento para construções, tomando sol, lavando carro, pessoas lanchando, entre outras coisas. Tudo isso, ao som de muita conversa, música alta e risos.

As ruas do Cruzeiro, portanto não são apenas espaço de passagem, mas de vivências. O cotidiano expande os limites da casa e do ambiente privado. A rua é ponto de encontro, de conflito, de comunicação, de lazer e diversão. Muitas coisas acontecem ali, muitas visíveis aos olhos dos “de fora” e outras somente compreendidas por aqueles que conhecem seus códigos. A rua é assim, carregada de signos e regras de convivência.

Essas caminhadas, realizadas durante o trabalho de pesquisa, também possibilitaram compreender um pouco da dinâmica do bairro. As diferenças de cheiros, sons e movimento ao longo dos dias e nos finais de semana. A rotina do final de semana era de músicas altas nas casas, as pessoas fazendo almoços e churrascos, limpando casa... cenário diferente da rotina dos demais dias da semana, quando os filhos estão na escola e os pais desenvolvendo algum tipo de trabalho externo. A presença de mulheres e homens na rua também se altera, dependendo do dia e horário. Por volta das 07:00 horas já é possível ver homens nos bares, mas somente mais tarde as mulheres começavam a circular, e em número menor. As extremidades de horários, antes das 08:00 e após as 19:00 horas a rua é um espaço mais masculino.

A vivacidade desses laços comunitários está também nos bares, onde os moradores se apoiam e nas relações de vizinhança, onde as festas são compartilhadas. Clotilde (2018) relata que sua casa é aberta aos vizinhos, sempre que tem alguma comemoração familiar, a casa fica cheia com a intensa passagem de amigos. Narra histórias de sua família, que tradicionalmente realizou encontros entre amigos e vizinhos em casa. As pessoas frequentavam sua casa para tomar sopa, assistir televisão, “muitos vizinhos vinham jantar, pois não tinham o que comer em casa. Essa sempre foi a região mais pobre de Nova Lima, e que historicamente sofreu estigma, mas que sempre foi muito solidária”. Conta também que sua mãe foi uma referência para os vizinhos, conseguia alimento para as pessoas em situação de insegurança alimentar, prestava serviços funerários a comunidade e aconselhava amigos.

Elmira (2018) também destaca a questão da solidariedade entre os moradores, pontuando o quanto gostavam de festas e se apoiavam. Fala sobre a tradicional festa de Nossa Senhora das Mercês, um evento religioso realizado todo ano no mês de setembro. A festa se

desdobra em várias ações nos meses próximos ao evento, ampliando os encontros, reforçando os laços de união entre os moradores e atraindo pessoas de outros bairros.

Ao caminhar com algumas mulheres pelo bairro foi possível perceber a relação de amizade e solidariedade na vizinhança. Dona Josefa passa cumprimentando todos que estavam nas portas de casa ou na rua, conversa com alguns dando notícias de parentes, receitando remédios e compartilhando cuidados com as pequenas hortas que são construídas próximas ao meio fio da rua. Há também o grupo de futebol masculino, que se configura como uma rede de solidariedade e amizade –a gente se ajuda nos momentos difíceis, faz uma vaquinha para comprar alimentos, faz lista de compras quando alguém precisa”, afirma o jovem Alex (2018)<sup>25</sup>.

O território congrega diferentes formas de interação: divergências internas e também solidariedade e laços comunitários fortalecidos. Sawaya (1995, p. 23) destaca que é importante apontar a multidimensionalidade dos espaços urbanos e negar o “paradigma do uno”, da identidade como igual em si mesma. Em um mesmo espaço –ontem o ‘\_estar junto’ e ‘\_estar discriminado’, a exclusão e a inclusão, a autonomia e a heteronomia”.

Elmira (2018) faz questão de frisar essa característica do bairro: –as pessoas se ajudam muito. Aqui você pode contar com todo mundo, quem não puder te ajudar, também não te atrapalha. Sempre teve muita união, não tinha desavença, confusão”. Em entrevista com um profissional da segurança pública ele também reforça que no bairro, os moradores em geral se protegem –mexeu com um, mexeu com todos”. Para ele, a comunidade desenvolveu uma espécie de –autoproteção”. Ponto que também foi destacado por alguns jovens entrevistados, que disseram considerar os moradores –como se fossem da minha própria família”.

Nos relatos de outros entrevistados, é possível perceber que a solidariedade é um elemento historicamente marcante no bairro. Ela possibilitou que o bairro começasse a se erguer, através da mão de obra comunitária na construção das casas e também no apoio a chegada de novos moradores. A própria aquisição dos lotes, por meio de –doação” mostra a perspectiva de suporte a famílias em situação de vulnerabilidades sociais. O fato do bairro ter

---

<sup>25</sup> Dados da Entrevista. Pesquisa de campo realizada no Bairro Cruzeiro em 13 março 2018.

um núcleo grande de familiares que moram no Cruzeiro há gerações, também fortalece os laços de intimidade e irmandade.

Outro traço interessante na solidariedade do bairro é o fato dele ter se tornado referência para as pessoas pobres, mas também ponto de acolhida a mulheres solteiras que por ventura engravidaram e foram excluídas da família; pessoas que tinham vícios e sentiam-se discriminados pelo seu meio social; prostitutas, entre outros *“outsiders”*.

O Cruzeiro é, assim, um espaço vivo carregado de relações, e não apenas um lugar geográfico. A proposta desta dissertação, portanto, trabalha com a perspectiva de território. Almeida e Nakano (2011, p. 119) a partir de uma leitura de Magnani, propõem pensar o território como um *“sujeito cultural”*, sujeito esse que *“fala através de suas paisagens, que nos informa sobre o seu longo processo de humanização, sujeito que nos transmite mensagens simbólicas e afetivas, que interfere em nossa identidade, nossa língua, nossa cultura”*. Dessa forma, a proposta é de olhar para o território como um *“meio humano”*, que tem *“identidade de longa duração, que tem profundidade histórica e camadas de historicidade, tal como os jovens, ele vive ciclos de vida, num permanente processo de identização”*.

Nessa perspectiva de análise, o território é tomado em sua dinamicidade e efervescência, enquanto uma categoria analítica que, em concordância com Almeida e Nakano (2011, p. 121) não pode ser abordado como algo separado das vivências juvenis. Por isso, também no enfoque na visão dos jovens sobre a relação sujeito-território *“quando esses sujeitos, por suas ações, se apropriam de um território, fazendo uso e ordenando-o de outra forma, dando-lhe novos sentidos, eles o fazem a partir daquilo que nele encontram, algo que com eles dialoga e os incita a agir”*. Neste sentido, o território é um espaço dinâmico construído e reconstruído a partir das relações que são estabelecidas nele.

O bairro não é apenas uma *“conotação geográfica, mas se refere a um território de existência, em que as identidades são construídas e reconstruídas cotidianamente onde há uma contínua e acelerada produção de subjetividades”*. (TAKEITI, 2017, p. 156). Nos diferentes territórios as identidades juvenis ganham visibilidade por meio de gestos, roupas, estilos, entre outros. A seguir, será apresentada a experiência dos jovens que vivem no bairro do Cruzeiro.



## 5 JUVENTUDES NO CRUZEIRO

### 5.1 Elementos de caracterização

Neste capítulo serão apresentados alguns elementos sobre juventudes no Cruzeiro. O objetivo é trazer os relatos sobre culturas juvenis e modos de vida dos jovens do bairro, a partir das questões mais enfatizadas nas entrevistas individuais e em grupo, bem como a fala dos adultos sobre esses jovens. Serão expostos ainda alguns dados estatísticos de modo a possibilitar uma visão do conjunto dos jovens dessa parte do município de Nova Lima.

No Censo do IBGE de 2010 foram identificados um total de 967 moradores no bairro Cruzeiro, sendo 291 jovens com idades entre 15 e 29 anos. Na tentativa de apresentar informações mais recentes fizemos um levantamento nas secretarias municipais de Desenvolvimento Social, Trabalho e Renda, Coordenadoria de Juventude e Escola Estadual.

Na Secretaria Municipal de Desenvolvimento social foram colhidas informações do Cadastro Único do Governo Federal, Passe Estudantil e Inclusão Produtiva. Em relação aos dados do Cadastro Único, foram coletados indicadores de escolaridade, trabalho, renda, raça/cor e sexo. Em alguns desses dados foi feita uma subdivisão etária: jovens de 15 – 17 anos (adolescentes) e jovens de 18 – 29 anos. Essa subdivisão foi importante tendo em vista a legislação específica para os adolescentes quanto à obrigatoriedade da oferta da educação e critérios específicos para a inserção no mercado de trabalho, por exemplo.

Sendo assim, de acordo com os dados do CadÚnico, o Cruzeiro possuía 448 pessoas inscritas, sendo 129 jovens, com idade entre 15 e 29 anos, o que correspondia a aproximadamente 29% dos moradores. Desses 129 jovens, 75 eram do sexo feminino e 54 masculino.

Em relação à renda dos jovens cadastrados, 56% possuía renda per capita inferior ou igual a um quarto do salário mínimo, 23% entre um quarto e meio salário mínimo e 21 % com renda superior a meio salário mínimo. Portanto, mais da metade dos jovens tinham renda inferior a um quarto do salário mínimo, o que equivalia a uma renda mensal de 238,50 reais por pessoa em setembro de 2018. Na população jovem de 18 a 29 anos, 55% possuía renda inferior a um quarto do salário, ou seja, o cenário não muda consideravelmente mesmo após o jovem alcançar a maioridade e em tese amplia suas possibilidades de acesso ao emprego.

**Tabela 5 – Comparação entre renda per capita dos moradores inscritos no CadÚnico**

<b>Moradores</b>	<b>¼ salário mínimo</b>	<b>¼ - ½ salário mínimo</b>	<b>Acima de ½ salário mínimo</b>	<b>Total</b>
Jovens: 15 – 17 anos	61%	27%	12%	100%
Jovens: 18 – 29 anos	55%	23%	22%	100%
População do bairro	48%	28%	24%	100%

**Fonte: Elaboração da autora, com dados extraídos do Cadastro Único do Governo Federal em 15 de setembro de 2018.**

Quanto à declaração de raça ou cor da população juvenil (129 pessoas), cerca de 19%, informaram ser brancos, 11% pretos, 0% amarela e 69% parda. Percentuais muito próximos às declarações apresentadas no senso do IBGE em 2010.

O dado de aproximadamente 80% dos jovens cadastrados serem negros ou pardos deixa evidente o que diversas pesquisas têm demonstrado acerca da relação raça/cor com a pobreza, ou seja, a pobreza de fato tem cor. O nível de renda é o elemento mais objetivo e concreto enquanto expressão do racismo presente nos nossos cotidianos, e demonstra o quanto nossa sociedade ainda está ligada a seu passado escravocrata. A existência de racismo foi problematizada na entrevista em grupo e gerou debates acalorados e de auto-afirmação negra.

A esse respeito é interessante observar as diferenças de declarações dos moradores do Cruzeiro inscritos no CadÚnico e no Passe Estudantil (auxílio transporte para jovens de baixa renda acessarem curso técnico ou superior). Embora os jovens desses dois bancos de dados possuam semelhanças, as formas de coleta dos dados são diferentes, por exemplo, no CadÚnico a responsável familiar declara a cor do jovem (na maioria das vezes), enquanto que no Passe Estudantil, os jovens têm uma participação mais ativa.

Contudo, com uma aproximação cautelosa a esses dados é possível fazer algumas leituras. Enquanto que no CadÚnico 11% dos jovens foram identificados como pretos, nos dados do Passe Estudantil 42% dos jovens se autodeclararam negros<sup>26</sup>, 37% pardos, 16% brancos e 4% amarela. Essas informações levam à reflexão sobre as mudanças atuais,

---

<sup>26</sup> E sabido que no debate sobre questões étnico raciais há diferença entre “ser negro” e “ser preto”. Não iremos adentrar nessa discussão devido às limitações desse estudo. Para fins da pesquisa, será estabelecido a comparação entre esses dois elementos, de modo a permitir uma visão geral sobre a questão.

expressas numa maior inclusão social e maior discussão sobre identidades e resistências negras.

## 5.2 As experiências de preconceitos

O racismo está na formação da sociedade brasileira e historicamente nossas formas de desigualdades sociais estão imbricadas com as desigualdades raciais. Essa realidade ainda é mais marcante na população jovem, expressa no genocídio da juventude negra. Uma triste realidade que embora não tenha muita visibilidade nas grandes mídias, enchem as nossas estatísticas e se assemelham a situações de guerra em outros países. Carrano (2018), Castro e Abramovay (2002) reforçam o quanto o preconceito racial é um condicionador de violências e exclusões no país.

Carrano (2017, p. 195) demarca que a associação entre juventude e violência não é lançada a todos os jovens. “Numa sociedade que é machista, que é racista, que é classista, o acento da violência recai sobre o jovem das classes populares, especialmente o jovem negro, que é o alvo das polícias”. De acordo com suas observações “a polícia mata esse jovem como se ele tivesse um alvo nas suas costas. Há uma representação social que diz que o jovem pobre e negro é violento, não há uma ideia geral de que a juventude é violenta”, conclui.

Um crime cometido por um jovem de classe média ganha um tipo de repercussão, a começar pelo fato dele ser chamado de jovem e por lamentarem o acontecido e sua prisão (quando ocorre). Já o jovem pobre e negro é chamado de bandido, marginal, delinquente, violento e desejam sua morte, afinal para no senso comum que “bandido bom é bandido morto”.

Em entrevista, Leo (2018)<sup>27</sup>, um jovem negro morador do Cruzeiro, relata situações de racismo vivenciadas em um tipo de “genocídio simbólico”. Em uma de suas histórias, ele conta que a polícia o abordou e o questionou sobre um dado crime, que ele desconhecia:

[...] porque o cara é preto. Se eu tivesse com uns mil reais no bolso, eles iam pedir para comprovar de onde vinha o dinheiro, tem que apresentar contracheque. Eles acham que preto num pode usar o tênis de 400-500 reais, que roubou, tem que ter nota fiscal. Qualquer coisa que você falar e eles não gostarem já é desacato a

<sup>27</sup> Dados da Entrevista. Pesquisa de campo realizada no Bairro Cruzeiro em 13 março 2018.

autoridade, esta preso e seu coloco essas coisas no *facebook* eles falam que vão me matar, que sou folgado por ter enfrentado eles. Se eu pudesse fazer uma faculdade, eu faria uma faculdade de direito pra na hora que eles falarem assim: encosta ai neguim. Eu ia dizer assim, neguim não, não tenho intimidade com você. Hoje se eu falar isso, eles perguntam: que é que você falou? E já quebram seus dentes e se falar que vai levar eles na corregedoria é pior... (LEO, 2018).

Entre os jovens foi questionado o poder e a lisura de alguns policiais, —~~um~~ policial que é corrupto, eles pegam as drogas, as mercadorias e ninguém sabe o que eles fazem com isso, mas a corda arrebenta para o lado mais fraco”. Falam isso em menção a fragilização do jovem pobre frente a polícia, particularmente o jovem negro morador de regiões estigmatizadas. Castro e Abramovay (2002, p. 167) pontuam que —os jovens se dizem vítimas de maus-tratos dos policiais, por isso não os percebem como agentes da sua segurança. Pelo contrário, para eles, na melhor das hipóteses, polícia e bandido são imagens que se confundem”.

Helena (2018), jovem ex-moradora do bairro, complementa que —eles não podem ver a gente entrando no shopping, supermercado BH, que já vem seguindo a gente”. A discriminação racial no comércio foi um tema que repercutiu em diversos relatos de vivências de preconceitos, entre eles, destaca-se o de Juliana, jovem negra moradora do Cruzeiro: ela e a irmã, após terem sido —seguidas” durante todo o processo de compras, foram abordadas no caixa do referido supermercado sob a suspeita de estarem furtando um doce. Após o constrangimento em público, o segurança disse que —estava brincando” e que elas não haviam furtado nada. Juliana indignada com o a discriminação questionou, —mas isso é coisa que se brinca, isso só porque é com gente preta”.

Outros jovens acrescentaram, que —eles acham que você entra lá pra roubar, que você não tem dinheiro para pagar”, que ao entrarem nas lojas os vendedores mostram produtos mais baratos, ou quando eles demonstram interesse por um produto de maior valor agregado, o vendedor questiona se de fato têm o dinheiro para comprar. Quando apresentam o dinheiro percebem olhares de desconfiança acerca da origem e legalidade do mesmo. Relatos cotidianos de uma violência simbólica naturalizada.

Leo (2018) narra situações em que ele enfrenta esses cenários de preconceito, como por exemplo, enfrenta os funcionários ao perceber que está sendo —vigiado”, solicita que seja atendido ao notar que está sendo ignorado, pede para chamar o gerente e relata a história sob seu ponto de vista, entre outros. Mas destaca que já ouviu de funcionário falas do tipo —oh neguim folgado”.

Seus relatos ao longo da entrevista são de indignação, seus posicionamentos revelam um histórico de discriminação e revolta com o descaso ao não ser atendido, ou a “atenção” dos vendedores que passam a vigiá-lo com receio de que ele venha roubar algo. Sua fala expressa a saturação de alguém que não consegue mais se calar diante do preconceito e violência simbólica e física. Carrano (2018, p. 02) comenta que não é possível mais ignorar “a força da expressividade dos jovens negros das periferias das cidades que denunciam as desiguais estruturas de oportunidades e o racismo velado à brasileira”.

Helena (2018) comenta ainda que se a pessoa tem tatuagem o preconceito também se faz presente. “Já cansei de ouvir eles falarem no rádio pra ficar atento a menina de tatuagem, que ta com um cara preto do lado... gente de tatuagem e preto, eles seguem mesmo”, exclama. A esse respeito Spósito (2009) analisa que se por um lado *piercing*, tatuagens, pinturas no cabelo, acessórios em geral constituem marcas de construção identitária, por outro lado são elementos que evidenciam preconceitos e uma tentativa de “homogeneização e domesticação dos corpos”.

O segurança público Enzo (2018) ao narrar sobre suas intervenções de rua, descreve o que para ele seria um “perfil suspeito”, passível de uma abordagem: “negro, de sobrelha cortada, cabelo desenhado e pintado de loiro, bermuda e chinelo andando pelas ruas por volta das 23:00 horas”. Ele acrescenta que se esse jovem é visto pela polícia na rua, perguntam “para onde ele está indo, de onde ele é, se já foi preso”.

O grupo debateu as mensagens que a aparência transmite. Relataram que se entra uma pessoa “de pele mais clara” numa loja e pede “para descer dez caixas de sapatos e não leva nada”, é um comportamento aceitável, mas quando entra um “preto, de chinelo”, os vendedores ignoram. Leo (2018) conta que certa vez um homem “bem vestido” roubou uma televisão em um supermercado, “ninguém desconfiou” e quando o segurança foi questionar o porquê ninguém comentou nada ao ver o furto, Leo o indagou em um tom de enfretamento ao preconceito: “enquanto eu estava aqui, vocês num estavam me seguindo ao invés de prestar atenção ao movimento da loja?”.

Ainda no tema sobre imagens e racismo, Luna, jovem negra, aborda a questão do “cabelo afro”. Ela comenta que o preconceito ainda é muito grande. Conta que assume o cabelo, mas que se sente discriminada, “é cada olhada, que tira a gente”! Joana, também jovem negra, comenta que as pessoas perguntam: “esse é cabelo é seu mesmo, você enrola esse cabelo? [...] eles pensam que por eu ser preta eu tinha que ter cabelo duro... direto isso

acontece”, conclui. Elas enceram o debate reforçando o quanto gostam dos seus cabelos e que fazem questão de não mudá-los, mesmo vivenciando diversas situações de preconceito e de não aceitação.

### 5.3 – Tensões juvenis

#### 5.3.1 Educação

Entre as várias tensões e incertezas dos jovens do Cruzeiro estão a escola e o trabalho, principalmente. Dos 129 jovens inscritos no CadÚnico, 31 estão na faixa de 15 – 17 anos (adolescentes) e 98 no intervalo de 18 – 29 anos. Serão apresentados os dados separados para facilitar a análise, tendo em vista as prerrogativas do Estatuto da Criança e do Adolescente, como mencionado acima. Em relação à escolaridade, seguem os dados da tabela abaixo:

**Quadro 3 – Relação Jovens e Escola**

<b>JOVENS: ESTUDANDO</b>				
	Jovens Frequentes	Escola Pública	Escola Privada	Total de jovens
<i>Jovens 15 – 17 anos</i>	<u>28 adolescentes</u> • 19 E. Fundamental • 09 E. Médio	<u>28 adolescentes</u>	<u>0 adolescente</u>	<u>28 adolescentes</u>
<i>Jovens 18 – 29 anos</i>	<u>16 jovens</u> • 02 E. Fundamental • 08 E. Médio • 03 Eja Médio	<u>13 jovens</u>	<u>03 jovens</u> • E. Superior	<u>16 jovens</u>
<b>JOVENS: NÃO ESTUDANDO</b>				
	Já Frequentou	Nunca Frequentou	Total de Jovens	
<i>Jovens 15 – 17 anos</i>	<u>3 adolescentes</u> • 01 não concluiu E. Fundamental • 01 Concluiu E. Fundamental • 01 Não concluiu E. Médio	<u>0 adolescente</u>	<u>03 adolescentes</u>	
<i>Jovens 18 – 29 anos</i>	<u>82 jovens</u> • 30 Frequentaram <sup>28</sup> E. Fundamental • 51 Frequentaram E. Médio • 01 Frequentou E. Médio Especial <sup>29</sup>	<u>0 jovem</u>	<u>82 Jovens</u>	

**Fonte: Elaborado a partir de dados extraídos do Cadastro Único do Governo Federal em 15 de setembro de 2018.**

<sup>28</sup> Neste caso, ter frequentado o ensino fundamental, significa que o jovem frequentou e concluiu ao menos uma série desse nível de ensino.

<sup>29</sup> De acordo com o Manual do Entrevistador (2011, p. 97) escola especial é todo –estabelecimento de ensino não regular que oferece educação escolar exclusivamente a pessoas com necessidades especiais”.

Dos 28 adolescentes frequentes na escola, 68% está no ensino fundamental. Já entre os 03 adolescentes que estão fora da escola, nenhum deles conseguiram concluir o Ensino Médio, alguns chegaram a iniciar esse nível de ensino, mas não conseguiram concluir, outros pararam no ensino fundamental. Se somarmos o número de adolescentes e jovens inscritos, totalizando 129 pessoas, 32 não chegaram ao ensino médio, aproximadamente 25% encontram-se em defasagem escolar. Se compararmos com a escolaridade da população do bairro, inscrita no CadÚnico, 31% não chegaram a iniciar o ensino médio.

Segundo o setor de Inclusão Produtiva da Secretaria de Desenvolvimento Social, entre os jovens do bairro que demandaram atendimento no primeiro semestre de 2018, 62% tinham ensino fundamental incompleto, 12% ensino médio incompleto e 25% não declararam escolaridade.

Os indicadores de jovens frequentando ou tendo completado níveis de educação, expressam a situação escolar do município e compõe o IDHM. O índice é composto pelas dimensões de longevidade, educação e renda e em Nova Lima, como visto, ele é considerado muito alto. Contudo, pelos dados educacionais apresentados, pode-se observar que ele não expressa as desigualdades do município.

Segundo o Ica (2016) em Nova Lima, a proporção de jovens de 15 – 17 anos com ensino fundamental Completo era de 54,65% e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo era de 45,70%, o que indica uma baixa taxa de conclusão desses níveis educacionais. A ampliação do ingresso à escola resultou em uma massificação da educação, com uma democratização do acesso, sem, contudo garantir a qualidade da educação que contemplasse as várias formas de linguagem juvenil e mecanismos de manutenção do jovem na escola.

Dos 51 jovens do bairro Cruzeiro que declararam ter frequentado o ensino médio é possível afirmar que pelo menos 10 jovens não haviam concluído o ensino médio. Assim, em resumo podemos concluir que, dos 129 jovens inscritos no CadÚnico, pelo menos 42 não chegaram a concluir o ensino médio, o que equivale a aproximadamente 32% dos jovens (15 – 29 anos) com atraso escolar, sem conseguir concluir o nível médio da educação. É notória a diferença de vinculação do jovem à escola nas fases finais do ensino fundamental. Nos anos iniciais, quinto e sexto ano, a frequência escolar ainda é alta, mas quando o jovem começa a se questionar sobre o sentido da educação na sua vida, esse cenário muda e começam as evasões.

A partir do trabalho que desenvolvi com os adolescentes na política de Assistência Social, sobre a não adesão do jovem a escola, observava que muitos não viam um significado concreto da educação em seus contextos cotidianos. Por que estar ali? A escola era associada a algo “chato”, cansativo, no qual o jovem ficava submetido a regras e hierarquias de poder. Para se submeterem a essa rotina semanal era preciso vislumbrar um retorno desse esforço, que nem sempre se materializava. A reflexão sobre o retorno do esforço educacional fazia parte do discurso do jovem na medida em que olhava para seu entorno e se questionava: quantas pessoas do meu núcleo de amizade, vizinhança e família tiveram ganhos a partir da educação? E muitas das vezes seu contexto sócio-cultural demonstrava que as pessoas conseguiam se reproduzir socialmente por outras vias.

Paralelo a esses questionamentos, aparecem as novas necessidades da idade, reforçadas pelo mercado, como acesso a roupas e calçados da moda, acessórios, sair com namorados e amigos, ir a festas, etc. Para viver estas experiências é preciso dinheiro, mas nem sempre os pais conseguem garantir o acesso a esses bens e lazer. Com isso surge uma motivação a mais para o jovem sair da escola e buscar um trabalho, mesmo que precário, ou até mesmo o envolvimento com o tráfico. Alex (2018) jovem morador do bairro, conclui dizendo que “o foco dos jovens é trabalhar. Sem dinheiro você não faz nada, e não adianta, todo jovem tem o sonho de comprar um carro, uma moto, sair com a namorada e tudo isso envolve serviço, pois a famílias não tem condições de bancar isso pro jovem”.

No caso das jovens, a situação era ainda mais complexa devido ao machismo, historicamente arraigado em nossas relações de gênero. Quando engravidavam saíam da escola e em decorrência do acúmulo de responsabilidades e das questões expostas acima, não conseguiam retornar aos estudos. Para a jovem Sophia (2018)<sup>30</sup> “as meninas querem o diploma logo, pois precisam trabalhar, precisam de dinheiro para cuidar dos filhos. Os pais das crianças somem e os avós não aguentam cuidar”. A maioria de suas amigas “tomou bomba ou foi pra Eja” e aproximadamente 90% das meninas do bairro que têm sua idade, 20 anos, já engravidaram, afirma. Ela avalia que o problema da gravidez na adolescência não é a falta de informação, “elas não pensam nas consequências [...] isso a gente decide depois, e depois vem o arrependimento”.

---

<sup>30</sup> Dados da Entrevista. Pesquisa de campo realizada no Bairro Cruzeiro em 13 março 2018.

Clotilde (2018), moradora veterana do bairro, conta que os pais ficam felizes quando “as filhas” completam 18 anos sem engravidar e que é comum as meninas do bairro engravidarem entre os 14 e 18 anos, fase de muitas tensões familiares e preocupações dos pais. Ela avalia que muitas delas estão de alguma forma envolvidas com namorados traficantes e que a gravidez se apresenta como uma forma de ascender a uma condição de vida melhor. “Elas pensam ‘Deus dá, Deus cria’, e aí você vê uma menina de 14 anos com uma criança no colo, depois ela está segurando uma criança na mão, outra no colo e outra no carrinho de bebês...”

Outro jovem entrevistado, José (2018)<sup>31</sup> relata uma realidade diferente dos demais jovens pesquisados, ele teve seu percurso social alterado significativamente pelas vias da educação. José (2018) destaca sua inserção em uma escola particular como divisor de águas em sua trajetória de vida, tanto na mudança de projetos pessoais, que ganharam mais solidez pelas oportunidades que se abriram a partir da escola, quanto pela rede de contatos que foi estabelecida. Assim, para ele, estudar ganhou novos sentidos dentro desse novo ambiente social.

Foi quando minha vida mudou completamente. Passava o dia todo na escola, chegava em casa e continuava estudando. Mudei minha personalidade, minhas amizades, mudei minha vida pessoal, o jeito de falar, de me comportar. Lá eles moldam seu perfil, sua forma de pensar, seus valores, seus projetos de vida. Minha vida mudou radicalmente nesta transição entre ensino fundamental e ensino médio... é uma escola cara que te dá muitas oportunidades e, eu queria mudar de vida, mudar de ares.

A educação é um importante elemento para se pensar o rompimento de ciclos de pobreza. Ela é um dos principais requisitos para se acessar oportunidades de emprego<sup>32</sup> com melhores salários. Com a dinamicidade do mercado e a crise financeira, os jovens com baixa escolaridade não chegam nem à etapa da entrevista nos processos seletivos, em especial para os casos de jovem aprendiz em que têm como requisito estar estudando. Sem dúvida, o baixo nível educacional impacta no campo de oportunidades desses jovens.

Compreende-se que a via da educação não é um investimento com retorno garantido, que vai necessariamente trazer resultados em termos de boas oportunidades de emprego, por

---

<sup>31</sup> Dados da Entrevista. Pesquisa de campo realizada no Bairro Lourdes em 08 jun. 2018.

<sup>32</sup> É preciso demarcar que a educação não é somente um preparatório para inserção no mercado de trabalho. É um espaço de formação cidadã, ponto de encontro, fortalecimento de laços e também de conflitos. Contudo, como os entrevistados focaram nesta relação educação e trabalho, foi dada ênfase à essa dimensão.

exemplo. É possível sim que um jovem que trabalhe como autônomo venham ter percursos de maior sucesso financeiro e realização profissional que o jovem que estuda. Contudo, a educação amplia estas possibilidades, gerando um leque maior de alternativas para o jovem fazer escolhas. Isso não exclui que ele possa desenvolver atividades autônomas, já o contrário é excluyente. O jovem com baixa escolaridade, o mercado de trabalho formal o elimina logo de início dos processos de seleção, não permitindo sequer que ele apresente suas habilidades durante outras etapas dos processos seletivos.

Um elemento importante se refere ao acesso ao ensino superior. De acordo com os dados do Programa Municipal Passe Estudantil<sup>33</sup> do total de 939 pessoas que solicitaram esse auxílio no município, 24 eram jovens (15 – 29 anos) do bairro Cruzeiro. Desses 24 jovens, 15 estavam cursando o ensino superior, 09 estavam fazendo cursos técnicos, 14 jovens possuíam bolsa ou financiamento estudantil e nenhum jovem estava vinculado a uma instituição pública. Do total desses jovens, 07 eram homens e 17 mulheres, o que mostra o avanço das mulheres nos processos de qualificação e expressa as mudanças que a sociedade está passando, em especial quanto à luta das mulheres pela igualdade de oportunidades.

Para José (2018) a educação foi um caminho repleto de desafios, mas de recompensas sociais e financeiras. Desde criança ele percebia que seus planos e perspectivas eram diferentes de seus colegas do bairro. Os amigos sentiam-se realizados ao conseguirem algum emprego –Ah, consegui emprego aqui, vou ficar por aqui mesmo”. –Eu queria mais, estudava e trabalhava muito”, conseguiu uma bolsa em escola particular, o que lhe possibilitou ampliar os horizontes de possibilidades. Posteriormente, conseguiu apoio para fazer dois intercâmbios no exterior e atualmente trabalha na articulação intercâmbios de pós-graduação entre Brasil e Estados Unidos, e deseja mudar-se do Brasil. Para ele, sua diferença em relação aos outros colegas esta na –oportunidade e no desejo de mudança”.

Por outro lado, temos Helena (2018) que possui uma realidade semelhante à imensa maioria dos jovens entrevistados e nos apresenta outros elementos que perpassam a relação jovem pobre e escola. Ela questiona: –como vai fazer faculdade sem dinheiro? Você pode contar no dedo quem faz faculdade aqui no bairro”. Outra jovem pergunta se alguém no grupo havia feito o Enem, ninguém havia feito. Fábio pontua que é importante observar qual a prioridade da pessoa, –às vezes a prioridades é trabalhar, cuidar da família, conseguir dinheiro

---

<sup>33</sup> Os indicadores que serão apresentados referem-se ao primeiro semestre de 2018.

para pagar as contas, ter filhos, ...”. Joana fala que deseja fazer faculdade, mas questiona: “-om que dinheiro, dinheiro não está dando pra nada”.

Leo (2018) elucida a seguinte situação: “já não está fácil conseguir trabalho, se consigo um emprego para ganhar 800,00 reais e pagar faculdade, aí não sobra nada”. Comenta que muitos jovens investem em música (MC, DJ...), pois “você vai estudar e não vai conseguir nada, não vai te dar retorno”.

Em uma pesquisa realizada, Dayrell, Moreira e Stengel (2011) chegaram à conclusão de que o futuro a que se volta o sentido da escola é muito restrito. Constatou-se a falta de perspectivas da maioria dos alunos em relação à continuidade dos estudos em nível superior e ao seu futuro profissional. Muitos alunos manifestaram desesperança na escola como um elo que conecta a uma atividade profissional desejada. Para os alunos pesquisados, são limitadas às oportunidades de ingresso no ensino superior, tanto pelo valor das mensalidades, nas universidades privadas, quanto pela baixa expectativa de serem aprovados nos processos seletivos das universidades públicas.

Os jovens pobres, como analisa Kaztman (2001, p. 23), têm sido seduzidos por uma sociedade de que “só podem participar simbolicamente, não podendo superar, por seus próprios meios os obstáculos para alcançar uma participação material equivalente”. Este cenário nos faz questionar o quanto as expectativas suscitadas nos pobres urbanos são (in)compatíveis com as estruturas de oportunidades disponíveis nos espaços periféricos e segregados da cidade.

Minayo (2011, p. 20) analisa o acesso desigual aos benefícios da globalização:

A socialização desigual orienta, de forma sutil, cada indivíduo para um destino social que, de antemão, já lhe havia sido reservado pela estrutura de classes [...]. Por isso, sempre será diferente a condição juvenil de quem nasce em uma família abastada com acesso a todos os benefícios da globalização econômica, social, educacional e cultural, e a de um jovem pobre de periferia cujos resultantes da globalização são, quase sempre, maiores dificuldades de inserção na sociedade no âmbito tanto dos direitos fundamentais como no de consumo.

A jovem Helena (2018) aponta que o acesso ao ensino superior não constitui uma realidade do morador de comunidade. Para ela,

a realidade da comunidade é essa aí, são poucos que correm atrás, que conseguem fazer uma faculdade. A maioria tem filho cedo, quando não tem filho, quer sair pra divertir, aproveitar a vida. Muita das vezes a gente prefere se divertir que pagar uma faculdade, que é bem mais pesado... meu irmão mesmo fez faculdade de administração e está trabalhando como pedreiro. De que adianta você estudar, gostar

o dinheiro que você poderia estar investindo na sua família. E depois de formar, você não conseguir emprego? Não tem emprego. Faculdade não é uma coisa que é realidade da comunidade... (HELENA, 2018)

Dayrell, Moreira e Stengel (2011) acrescentam que é importante entender que ~~–~~ não bastam os diplomas, sejam escolares ou de cursos profissionalizantes de qualquer espécie: o acesso ao emprego pode ser mais bem oportunizado, mas está muito longe de ser garantido”. A relação entre formação e emprego não é direta, e as ~~–~~ credenciais e a formação atuam de modo diferente segundo redes de pertença social, cultural, familiares ou locais etc”, ou seja, a rede de relações, o capital cultural, os laços de amizade e heranças sociais, resumidas no famoso Q.I., são importantes de serem consideradas.

Boneti (2008) analisa que a questão econômica não é o único desafio do jovem pobre de acessar o ensino superior. Na sua perspectiva há um monopólio das classes dominantes, no que se refere ao ingresso em instituições de ensino superior, aos bens e saberes socialmente construídos. Nas universidades públicas, em especial nos cursos mais concorridos, as trajetórias escolares ao longo dos vários anos de estudo do sujeito são elementos definidores de caminhos.

### **5. 3. 2 Trabalho, renda e drogas**

Quanto ao elemento trabalho<sup>34</sup> e renda, dos 31 adolescentes (15-17 anos) inscritos no Cadastro Único, nenhum informou que trabalhava. Já dos 98 jovens (18 – 29 anos), 28 declararam que haviam trabalhado na semana anterior à entrevista e 70 disseram que não haviam trabalhado. Desses 28 jovens que estavam trabalhando, 14 desempenhavam trabalhos autônomos/“bicos”, 13 trabalhavam de carteira de trabalho assinada e 01 como jovem aprendiz. Assim, pode-se concluir que dos 129 jovens inscritos no CadÚnico, apenas 13 informaram estar trabalhando de carteira assinada, ou seja, apenas 10% dos jovens possuíam registro na carteira, exercendo trabalho protegido e com direitos garantidos.

Em contato com a Secretaria Municipal de Trabalho e Renda para compreender a dinâmica dos jovens com o setor e entender o que eles estão buscando em termos de

---

<sup>34</sup> Trabalho para o CadÚnico é toda atividade, remunerada ou não remunerada. As tarefas domésticas de dona de casa não são consideradas.

qualificação e emprego. Foi apresentado o contexto de crise econômica do país, que segundo os funcionários tem impactado diretamente na oferta de vagas de emprego e constitui a principal dificuldade para acesso a uma oportunidade de trabalho.

Associado a esse fato, o segundo maior desafio encontrado pelos jovens é intitulado pelo funcionário Heitor (2018)<sup>35</sup> como “questão comportamental”, ou seja, as características da personalidade e linguagens juvenis, como cabelo pintado com cores vibrantes e corte com desenhos, *design* de sobrancelha, tatuagens a mostra, falas com gírias e muitos gestos, expressões corporais associadas à desmotivação, modos de sentar, roupas esportivas ligadas a algum time, uso de boné, etc. O funcionário explica que embora entenda que isso seja uma forma de expressão juvenil, as empresas são muito rígidas nesse aspecto e não estão abertas as diferentes configurações de comportamentos e linguagens dos jovens. Então, para que eles não se frustrem ao tentar várias oportunidades de trabalho sem sucesso, Heitor desenvolveu um projeto de orientação a esses jovens quanto às regras do mercado.

A roupa, os gestos, os cortes de cabelo são formas de comunicação e de representação e cada conjunto de jovens vai desenvolver estas formas de linguagem corporal. Tais elementos fazem parte da socialização, dos modos de vida e valores que guiam os comportamentos cotidianos dos jovens. Isso só aparece como um problema, a partir do momento em que o conjunto de característica de um grupo é considerado superior e exigido como um modelo a ser seguido. Aqueles que não seguirem esse modelo estão sujeitos a uma série de prejulgamentos e discriminações.

Por haver um tipo mais valorizado de comportamento, um padrão aceito de se vestir, falar e dizer, aqueles que não se enquadram neste perfil enfrentam um desafio a mais nos processos de seleção para emprego. Assim, além de questões objetivas como baixo nível de escolaridade e outros conhecimentos requisitados pelo mercado como línguas e informática, o jovem, em especial o jovem pobre, enfrenta mais essa dificuldade que está no campo da cultura, dos modos de vida, da imagem e diversificação identitária. Quando conseguem passar pela etapa inicial de análise de currículos, eles enfrentam um obstáculo a mais que é a necessidade de adequarem suas formas de comunicação a um padrão de comportamental que nem sempre lhes familiar.

---

<sup>35</sup> Dados da Entrevista. Pesquisa de campo realizada no Bairro Centro em 21 set. 2018.

Heitor (2018) informa que, específico do bairro Cruzeiro, não possuem uma percepção muito aprofundada das demandas dos jovens, de suas ambições frente ao mercado de trabalho. Mas, relata que eles não procuram muito o setor, quando procuram, a principal demanda é por trabalho. Eles chegam falando que estão dispostos a “fazer qualquer coisa”, mas quando indagados sobre as áreas de interesse, destacam-se os serviços administrativos, comércio e vendas em geral. Na percepção dele, esses jovens estão em situação de vulnerabilidade social, com baixo acesso a recursos financeiros e com um campo de alternativas de trabalho e acesso à renda muito limitado. No setor de Inclusão Produtiva, todos os atendimentos aos jovens do bairro foram motivados pela demanda inicial de encaminhamento para vaga de emprego.

Para Leo (2018), 23 anos, os jovens encontram-se numa histórica encruzilhada na qual o mercado tem exigido cada vez mais experiência e ofertado cada vez menos oportunidade para a primeira experiência de trabalho. Ele relata sua habilidade e saber informal no cuidado com animais, mas como não tem curso na área, pois não consegue financiar e não tem registro na carteira, ele consegue apenas empregos informais como servente de pedreiro e capinas de lotes. Os jovens avaliam que a “crise” impactou muito o acesso a trabalhos, inclusive as atividades sem registro na carteira.

Segundo os dados do IBGE (2018), cresceu o número de jovens, com idade entre 15 e 29 anos, que não estuda e não trabalha. Em 2017 eram 11,2 milhões, um percentual de 23% de jovens nesta condição. Com um número maior de mulheres (28,7% mulheres e 17,4% homens) e de negros e pardos (25,9% pretos e pardos e 18,7 % brancos). Um aumento de 5,9% em relação a 2016.

De acordo com a Secretaria Municipal de Trabalho e Renda quando lhes é ofertado algum curso, os jovens manifestam interesse em fazer na medida em que vislumbram nesses uma oportunidade de conexão com o trabalho, como o curso de informática e manutenção de computadores, por exemplo. No setor de Inclusão Produtiva, a maioria dos jovens do bairro se interessa pelo curso de informática, mas foram registradas também demandas de auxiliar administrativo e idiomas.

Na entrevista em grupo, eles trouxeram muito a questão do curso como uma demanda do mercado e, por isso, disseram ter interesse em fazer cursos que pudessem resultar em acesso ao trabalho. Assim, os cursos de qualificação para o jovem pobre aparecem no nível mais elementar, que o auxilie a suprir uma demanda mais emergencial, que é o acesso a uma

renda básica. Estes jovens não chegaram ainda ao patamar de pensar a qualificação como algo que amplie seus horizontes de conhecimentos, associado ao prazer e crescimento pessoal.

Numa pesquisa realizada por Castro e Abramoway (2002, p. 152) os jovens frisaram a extrema importância de se conseguir um trabalho, como meio de sobrevivência individual e, muitas vezes, de suas famílias, ou mesmo como a forma de atingir a independência financeira necessária para se sentirem participantes do todo social e construírem sua autoestima. Ou seja, como meio de inspirarem respeito em seu contexto comunitário. Também informaram que a remuneração proporcionada pelo trabalho possibilita maior autonomia pessoal e em relação a depender dos recursos dos pais.

Foi consenso no grupo de entrevistados que os jovens do Cruzeiro precisam é de *oportunidade*, em especial uma oportunidade que resulte, diretamente ou indiretamente, em acesso a renda. Alex (2018) adverte que se não for dado espaço para o jovem, ele vai para o caminho das drogas. O desejo dos jovens é trabalhar, ele ambiciona construir suas próprias relações, mas se no plano da legalidade isso não é possível, o tráfico está sempre ali como um caminho. Carrano (2017) assinala que nem todos os jovens seguem o caminho do crime, mas a vida de crime está sempre presente nos territórios populares.

Ao estudar a vida social nos guetos norte-americanos Wacquant (2001, p. 170) aponta que ~~a~~ venda de drogas constitui a fonte de renda mais acessível para os jovens do gueto, rejeitados pela escola e pela economia legal. A expansão do comércio de drogas e o sintoma mais visível de uma espécie de terceiro-mundialização da economia do gueto”.

Alex (2018) ressalta que há diversas pessoas habilidosas no bairro, esperando por uma oportunidade. ~~N~~ão adianta você querer ser MC, costureira, cabelereiro, se não tiver um dinheiro inicial e alguém pra acreditar, você não vai a lugar nenhum”. Leo (2018) analisa que se o jovem não tem condições de comprar material escolar, ele sai da escola e começa a trabalhar, depois ele não consegue mais voltar a estudar. Se ele começa a ~~g~~anhar fácil, nunca mais quer voltar a estudar ou trabalhar, até morrer ou ficar preso”.

Diante da realidade social marcada por um campo limitado de possibilidades, as direções delineadas por esse jovem dividem-se em dois caminhos: ~~s~~er um trabalhador pouco qualificado, com baixíssima remuneração, ou entrar para a vida do tráfico, que apesar de arriscada e sinistra, irá garantir- lhe ganhos bem mais elevados”. Esses ganhos, por sua vez, o possibilitam acessar bens de consumo e serviço que possivelmente ele não acessaria pelas

vias do trabalho. A partir dos relatos dos jovens, observa que sua ~~in~~serção na estrutura do tráfico de drogas ocorre predominantemente por motivos econômicos, além da busca de status, e por problemas pessoais” (MOREIRA, SUCENA, FERNANDES, 2008, p. 160).

Alex (2018) sugere que é preciso analisar o contexto do jovem, ~~m~~uita gente julga, ah fulano é traficante, mas ninguém sabe da história de fulano”, não conhecem sua família, não sabem das condições estruturais que ela teve para educa-lo e conclui seu pensamento com um relato reflexivo de quando trabalhava na limpeza urbana e recebia 70,00 reais por semana e seu colega que ~~ficava na quadra~~<sup>36</sup> recebia 1.000,00 reais por semana. ~~Se~~ você compara, para onde você vai”?

Essa reflexão nos remete ao depoimento de um jovem e seu contexto socioeconômico:

Sou negro já tenho outra barreira para mim, eu sei que eu nunca vou ter uma casa boa para morar, eu sei que eu nunca vou ter um carro como eu gostaria de ter. Mas na minha rua, professora, tem um pessoal que faz aviãozinho, e acho que desse jeito eles têm mais condições. Porque olha, eles têm tênis de marca, eles andam muito arrumados. E eu que fico lá, meu pai falando que é importante ser honesto, ser isso, ser aquilo, eu não tenho nada. Então eu preciso ficar muito firme com minha cabeça para eu não ir desse lado, porque eu sei que o meu pai mora nessa favela há quinze anos, não conseguiu sair. Tudo o que a gente conseguiu fazer foi um cômodo de alvenaria. Então, para esse rapaz, o futuro é ter uma casa para morar, um carro, um emprego. E ele, de antemão, já está vendo que vai ser impossível com a sociedade que está aí. Uma sociedade seletiva, discriminatória, então ele está sentindo que ele não vai conseguir, e ele também está vendo o outro lado. (CASTRO, ABRAMOVAY, 2002, p. 160).

#### 5.4 Lazer e cultura juvenil

Alex (2018) destaca que os jovens do Cruzeiro precisam de oportunidades de trabalho, primeiramente, mas também de lazer. ~~A~~ gente quer acordar cedo pra trabalhar, mas divertir também”. Fala que rememora a música de Arnaldo Antunes ~~a~~ gente não quer só comida, a gente quer comida diversão e arte; a gente não quer só comida a gente quer saída para qualquer parte, a gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão, balé [...]”.

O lazer foi um dos temas abordados na entrevista em grupo. Foi possível perceber uma diferença de gostos e valores entre os jovens com idade inferior a 25 anos, aproximadamente,

---

<sup>36</sup> A quadra é um ponto de encontro, de práticas esportivas, festas, mas também de venda e consumo de drogas. As pessoas que passam grande parte de seu dia na quadra, são associadas às drogas seja para consumo ou comércio. Isso que foi possível compreender, a partir da conversa com os moradores.

e os jovens com idade superior. Havia um julgamento por parte dos jovens de maior idade quanto aos gostos dos jovens de menor idade –só querem beber e escutar funk” e associam esse comportamento –negativo” a uma desmotivação com a escola, por exemplo. Por outro lado, os de menor idade defendiam que eles estavam no tempo de –eurtir” e avaliavam que alguns entretenimentos eram –coisa de velho”: –aqui eles fazem muito forró, mas forró, me ajuda ai, né” pontua uma jovem.

Entre os de menor idade, houve um certo consenso de que Nova Lima –não tem nada pro jovem fazer” e que a cidade precisa de espaço de entretenimento que fale a linguagem juvenil. Devido a isso, as pessoas que têm condições financeiras vão para as cidades vizinhas para os bailes funk/duelos de MC’s em Raposos ou bares/shows em Belo Horizonte. Quando indagados sobre o que gostavam de ouvir, em um único coro responderam –funk” e com alguma frequência, sertanejo, rap e pagode. Para as meninas o funk é –mais divertido, animado, você conhece pessoas” e facilita a interação, os jogos de sedução. Já meninos falaram que –eurtem de tudo”, mas que gostam do pagode para –ver as gatinhas”. Em geral, os jovens falaram que gostam de sair para beber e interagir. Fazem um –chama-chama”<sup>37</sup> para beberem antes de ir para as festas, de modo a não gastarem muito dinheiro.

Numa entrevista individual, ao falar sobre o funk, uma jovem analisa que o gosto pelo estilo musical vem da escola e dos vídeos nas mídias. Há uma compreensão de que usar shorts curtos, colar de prata, dançar –quadrado”, beber, etc, desperta a atração do outro e favorece as estratégias de conquista. –As meninas acham que elas têm que ser assim para os homens gostarem delas, elas tentam melhorar para os meninos verem elas [...] bebida, elas acham maravilha, por causa dos meninos...”. Por outro lado –os meninos acham lindo beber, ficar tonto, \_é assim que eu conquisto, é assim que eu falo”. Sophia (2018) acrescenta que os jovens não prestam atenção nas letras do funk e que tem algumas músicas que ela não gosta devido a forma como a mulher é apresentada. Mas, ela conclui dizendo que –não tenho preconceito, eu até gosto”.

A representação da mulher no funk é algo que tem sido debatido nos grupos de funk de Nova Lima. Mano Julin, artista do bairro, lançou uma música em 2014 chamada –Musa do Instagram” que, segundo ele, –veio com uma ideia diferente, em vez de menosprezar a mulher, eu quis aumentar o ego delas, porque toda mulher deve ser respeitada e valorizada”.

---

<sup>37</sup> Chama-chama é uma expressão usada na cidade no sentido de alguns jovens mobilizarem um grupo para um determinado evento ou ação.

Ou quando o Dj Sloth, funkeiro de Nova Lima conhecido por suas músicas eróticas, inicia seus shows estabelecendo regras do seu baile em que o não da mulher deve ser respeitado, “não é não”, destaca.

Assim, em termos de lazer, o que se percebe entre esses jovens é desejo pela curtição, afinal “a gente tá na idade de curtir mesmo”, como afirma uma jovem, e também o interesse por elementos que favoreçam a interação seja pela música, dança ou mesmo a bebida. Já para os jovens de maior idade, a cidade tem espaços de lazer, mas “o pessoal que não sabe se divertir”. Entre esses havia uma identificação maior com diversão da cidade, como ir para os bares para encontrar com amigos, jogar futebol, fazer “hurrasco com a turma”, ir para shows de pagode em outros pontos de encontro em Nova Lima.

Helena Abramo (1994) aponta o lazer como uma das dimensões mais significativas na vida dos jovens, sendo este um espaço importante para a sociabilidade e estruturação de identidades individuais e coletivas. Pereira (2007) indica o quanto os momentos de lazer e descontração são importantes para os jovens e que isso gera conflitos na família pela percepção dos responsáveis familiares de que o trabalho duro é um caminho contra os riscos do ócio e a rua.

No geral os jovens disseram que o mais interessante no Cruzeiro são as conversas de rua, “ficar na rua batendo papo”. Na interação sujeito-espaço, os pontos mais destacados foram se encontrar na rua do “Buraco Quente”, ficar conversando na pracinha do cruzeiro, encontrar com os amigos em casa, etc. Sobre sociabilidades, Simmel (1983, p. 176) pontua que “uma conversa puramente sociável, o assunto é simplesmente o meio indispensável para a viva troca de palavras revelar seus encontros”. O essencial na sociabilidade, definida pelo autor como “forma autônoma ou lúdica de sociação”, é a interação por ela mesma.

Outro elemento presente nas entrevistas foram as novas formas de comunicação pelas mídias sociais, “a tecnologia tomou conta das relações”, exclamou uma jovem. Os entrevistados em grupo falaram que as redes sociais são espaços de lazer e entretenimento. Valorizam-se estas atividades como forma de estabelecer comunicação e ao mesmo tempo promover sociabilidades. As interações são pautadas pelo vídeo no youtube, uma foto no instagram, as curtidas, etc, e assim são estabelecidas as novas formas de comunicação. Neste sentido, é preciso estar conectado com esse novo universo ao se pensar linguagens juvenis, ao invés de uma nostalgia aos tempos em que as interações se davam por intermédio de outros elementos.

Dayrell, Moreira e Stengel (2011, p. 14) contextualiza que estamos vivendo uma era de intensas transformações econômicas e sociais que interferem na capacidade de socialização das instituições tradicionais como a família e a escola. Diante disso ganham destaque os –grupos de pares, a indústria cultural, os meios audiovisuais e as tecnologias digitais, dentre outros, que facilitam o acesso à vozes múltiplas e a construção de mundos próprios e identidades compartilhadas”.

Como resultado desse conjunto de mudanças, crescem simultaneamente a força dos grupos juvenis e a sociabilidade entre eles, ambas envolvidas com a cultura das mídias. Todo um novo universo de regras, normas, valores e marcadores hierárquicos passam a comandar e permear as relações internas entre os grupos juvenis. Todos sabem como se comportar, como se vestir, o quê escutar ou assistir, sob pena de se sentirem marginalizados da cultura jovem. [...] O importante é estar sintonizado com o grupo. (SETTON, 2011, p. 76)

O tempo da juventude é o tempo do presente, do lazer, da diversão das angústias, das incertezas, de buscas, em suas mais diversas formas de expressão. Nas entrevistas em grupo fica evidente que não é possível falar em um tipo de jovem, mas de sujeitos com histórias, desejos e valores singulares, mesmo entre aqueles que possuem trajetórias semelhantes. O caminho da qualificação e preparação para o mercado de trabalho é apenas um possível caminho para as juventudes, existe uma infinidade de vivências e re-existências possíveis e que dependem, dentre inúmeras questões externas, do que o jovem considera que seja importante para ele.

É principalmente nos momentos de lazer que os jovens constroem seus modos de vida –suas próprias formas e expressões culturais, seus ritos, suas simbologias de ser, que os diferenciam do denominado mundo adulto”. Nestes contextos, onde há uma maior liberdade dos jovens, que se constroem suas identidades em torno das culturas juvenis. Há, contudo, uma tendência adultocêntrica de enxergar nestes espaços –traços de marginalidade, um tempo social potencialmente negativo e em geral, pensado em oposição ao trabalho, este entendido como tempo de positividade, naquilo que se refere a formação humana” (Brenner, Dayrell e Carrano, 2008, p. 30).

Os autores acrescentam que, em contraposição a esse pensamento, é preciso considerar o lazer como –tempo sociológico”, no qual a liberdade de escolha é elemento preponderante e se constitui na fase da juventude, como campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais. As práticas de lazer são, portanto, espaços de construção de sociabilidades e identidades.

Durante o período da pesquisa de campo, ao participar de um evento em comemoração ao dia da juventude observo o comportamento juvenil. Embora houvesse espaço para prática de esportes como skate, basquete e atividades artísticas com tintas, a imensa maioria dos jovens estava dançando, conversando, bebendo e desenvolvendo seus jogos de sedução. Esse comportamento está em consonância com os relatos dos jovens nas entrevistas individuais e grupal.

Havia uma diferença de comportamentos por gênero. A maioria das mulheres estava dançando e os homens conversando e circulando pela festa. Quanto às formas de comunicação visual, haviam modelos diferenciados: as meninas vestiam shorts jeans curtos, blusas de alças com decotes, cabelos longos e lisos, maquiagem nos olhos e boca, tênis ou sandália. Já os meninos usavam tênis, sobrancelha marcada, cabelos com cortes desenhados, tênis, calça jeans, *piercing* na sobrancelha, alguns com boné, colar e relógio. Para Carrano (2001, p. 16) –as mercadorias culturais são, simultaneamente, processo de alienação e pertencimento social. Elas estabelecem vínculos sócio-afetivos que funcionam como resposta à fragmentação social dos territórios da cidade”.

Pelos relatos dos servidores públicos do Trabalho/Renda e Segurança, as características descritas acima possuem uma conotação negativa. Contudo, se fitamos nosso olhar a partir da perspectiva do jovem, esses mesmos elementos considerados “negativos” possuem significado oposto. São signos que os identificam, transmitem a mensagem de conexão com seu grupo, “chama atenção das meninas”, ou seja transmitem uma mensagem positiva dentro de um coletivo que valoriza esses símbolos. Assim, tais comportamentos não possuem apenas um foco de visão e sentido.

Nesse evento, em diálogo com um funcionário público, ele falou que os jovens do Cruzeiro estavam de cabelos e blusas verdes, em distinção aos demais jovens. O funcionário informa que essa é uma marca desse grupo, que eles mudam as cores do cabelo e das roupas nos eventos da cidade e fazem isso para se destacarem na multidão de jovens: “Fazem isso pra chamar atenção”.

Para Leo (2018) ser jovem no Cruzeiro é “pra feira de bonde”. Ele conta que o “povo aqui é muito unido mesmo, até pra ir pra sair, vai a tropa. Causando, tocando o terror, colocando bastante medo”. Formam o “bonde” através das redes sociais “a gente manda mensagem no WhatsApp e um vai falando com outro e combina. Fazem um grupo de três -

cinco jovens que têm amizades” e fazem um ~~e~~hama-chama na turma”. As meninas pontuam que sair em grupo é mais divertido durante as festas e seguro no retorno para a casa.

Diógenes (2011, p. 223) avalia que existe um sentido nesta forma de interação juvenil, ~~zoar~~ na cidade, enfrentar tretas entre galeras rivais nos terminais, provocar os canas” podem ser lidos como expressão de resistência. ~~O~~ sentido comum de estar de galera é o requisito para que se possa pactuar outro corpo, que assim se refaz, por não aguentar mais”.

Os corpos juvenis produzem signos urbanos que ultrapassam os limites geográficos interpostos entre centro e periferia, entre ordem e desordem, entre segurança e medo. A cidade torna-se um lugar de produção e recriação de signos. Não basta morar em um bairro, pertencer a uma turma, seguir uma tendência cultural, integrar-se à torcida de um time, é preciso mais que isso, vale evidenciar e fazer desfilar pela cidade todos os símbolos que representam um leque diversificado de escolhas. (DIÓGENES, 2011, p. 216).

A juventude movimenta-se na cidade, ~~aviva~~ sua exposição em locais de intensa visibilidade pública e tenta, desse modo, romper os muros da indiferença”. Assim o fazem produzindo ~~signos urbanos~~” que ultrapassam as linhas de demarcação simbólica entre centro e periferia. ~~Não~~ basta morar em um bairro, pertencer a uma turma, seguir uma tendência cultural, integrar-se à torcida de um time, é preciso mais que isso, vale evidenciar e fazer desfilar pela cidade todos os símbolos que representam um leque diversificado de escolhas”. (DIÓGENES, 2011, p. 216).

Na percepção de Urresti (2011, p. 48, tradução nossa) os ~~grupos~~ de pares”, de amigos, ~~tratam-se~~ de verdadeiras redes de apoio afetivo e representam espaços de autonomia, busca de independência e circulação de informação fundamental para a vida cotidiana”. São nestes grupos que os jovens tecem diálogos sobre sexo, amor, amizade, estudos, problemas, modos e cultura, o que possibilita ~~uma~~ tomada de consciência sobre o lugar que se ocupa na escala social”, avalia.

Clotilde (2018), uma liderança comunitária do Cruzeiro, faz uma leitura sobre os jovens e os descrevem a partir de três grandes conjuntos de características e fluxos: a) jovem estudante-trabalhador aquele trabalha durante o dia, estuda a noite e mantém relações e encontros em Belo Horizonte; b) jovem ligado a grupos religiosos, que buscam estabelecer vínculos e desenvolver atividades fora do bairro - no bairro não há grupos religiosos de jovens e o c) jovem com envolvimento com tráfico, que começa a usar algum tipo de droga ainda criança e que circulam mais dentro do próprio território, devido, entre outras coisas, rixas entre bairros.

Embora tenha se destacado o conjunto de características apresentados por Clotilde (2018), não se tem a pretensão de enquadrar os jovens do bairro nestes três grupos, como se fossem grupos estanques. Esses elementos são apresentados no sentido de descrever algumas possibilidades dessa juventude. O jovem trabalhador pode também estar vinculado a algum grupo religioso, o jovem do tráfico pode circular mais pelas cidades vizinhas, entre tantas outras possibilidades. É importante reforçar que, mesmo entre os jovens do bairro que apresentem histórias de vida semelhantes, compartilham vivências cotidianas comuns, realidades sociais e econômicas similares, cada sujeito possui a sua forma de olhar para seu contexto e construir sua própria história.

Num contexto de globalização das relações e dos fluxos, onde o mundo está cada vez mais conectado e as pessoas circulam por diversos lugares, tanto fisicamente quanto nas redes sociais, *–as identidades são múltiplas”*. *–De qualquer maneira, ou mais fechado num grupo de referência ou transitando entre vários, fazer parte de grupos é fundamental para a constituição da vida dos jovens”*. (CARRANO, 2017, p. 184).

Em meio às tensões dos jovens do Cruzeiro, é preciso considerar o estigma de território. Um elemento que apareceu em todas as entrevistas realizadas, tanto com moradores, quanto com não moradores. Elemento esse que, como será apresentado no próximo capítulo, tem impactos diversos na vida dos jovens e, por sua vez, produz reações diversas também.

## 6 PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DOS JOVENS DO CRUZEIRO SOBRE O ESTIGMA TERRITORIAL

Neste capítulo serão abordadas as percepções dos jovens sobre ser um morador do Cruzeiro, os aspectos negativos e positivos associados ao local de moradia, bem como as estratégias utilizadas para lidar com esses elementos. Para tanto, serão apresentadas as falas dos jovens que nos permitem entender as particularidades do estigma ligado ao Cruzeiro.

### 6.1 Como tudo começou

Como visto no capítulo 2, a formação do bairro se deu por meio da “doação” de um lote territorial - o morro do Cruzeiro - às famílias pobres da cidade. Aos poucos, o bairro foi crescendo, diferentes moradores foram chegando e com isso o Cruzeiro foi tornando-se um espaço de acolhida às pessoas em situação de vulnerabilidades<sup>38</sup> diversas, seja por questões econômicas ou por motivo de exclusão ligado a vícios ou discriminações no campo da moralidade.

A partir da configuração inicial do bairro, diversos imaginários sobre o bairro foram se propagando e marcando seus moradores de forma negativa, estigmatizada. Assim, manifestou-se nesse território de Nova Lima situação semelhante ao que tem sido identificado por muitos estudiosos em outras cidades brasileiras e do mundo. Além de conviverem com condições estruturais degradantes e precária rede de oportunidades, os estigmatizados enfrentam a aversão das pessoas pelo fato de morarem em áreas percebidas como regiões a serem evitadas, “no go areas”. Vistas como zonas “profusas em crimes, em marginalidade e em degeneração moral, onde se pressupõe que habitem apenas membros inferiores da sociedade” (WACQUANT, 2001, p. 32).

---

<sup>38</sup> Na década de 1990, o desenvolvimento dos marcos “ativos-vulnerabilidad” tornou-se um importante elemento nos estudos da pobreza nas sociedades contemporâneas, em especial para os países periféricos. Esse novo olhar esteve orientado por uma tentativa de mostrar os recursos que podem ser acionados nos diferentes territórios. Para Filgueira (2001) vulnerabilidade social deveria ser observada como resultado da relação entre a disponibilidade de recursos (estrutura de oportunidades) e a capacidade dos sujeitos em movimentá-los. Neste sentido, algumas pessoas estarão mais suscetíveis às adversidades que outras, pois diferentes pessoas possuem diferentes oportunidades<sup>38</sup> e capacidades de respostas frente às situações adversas.

De acordo com as entrevistas, diversos foram os elementos utilizados para a propagação de um imaginário negativo sobre o bairro, a saber: a) o fato do terreno ter sido adquirido via “doação”; b) o bairro ter sido constituído por pessoas pobres; c) precária infraestrutura no período de sua formação; d) ter sido recanto e acolhida a “mães solteiras” e pessoas com vícios; e) por motivo de “brigas e confusões”- histórias difundidas pela cidade; f) devido aos imaginários de criminalidade e medo propagado em relação aos moradores do bairro, entre outras questões.

Estes são alguns dos elementos que apareceram com maior frequência nas entrevistas realizadas e, como visto em Goffman, o estigma está relacionado com *perspectivas* geradas a partir de encontros. São discursos propagados que passam a ser incorporados como verdades. Assim, o histórico do bairro traz em sua memória coletiva a marca do estigma ligado ao território.

Tejedor (2002, p. 184, tradução nossa) interpreta que questões de vulnerabilidades econômicas, de trabalho, entre outras certamente impactam na dinâmica do bairro, mas tais “deficiências econômicas e culturais” não explicam o estigma automaticamente. Estas situações coexistem com uma multiplicidade de fatores reproduzidos em *níveis discursivos*, em interpretações no “processo de identificação e produção de sentidos”.

Maxwell (2018) relata que havia muito preconceito com os moradores do Cruzeiro, pelo fato deles não serem trabalhadores da empresa Morro Velho, atual AngloGold Ashanti, e também em decorrência da aquisição do terreno não ter sido pela compra direta. Associado a isso, na medida em que o bairro crescia, outros rótulos iam se formando. Discursos ligados à pobreza, “confusão/violência” devido a “embriagues, brigas, assassinatos e as primeiras formas de comercialização de drogas de Nova Lima”. Ele conta que as pessoas com histórico de abandono e exclusão, como mulheres solteiras que engravidavam, pessoas com vícios, prostitutas, entre outros, sentiam-se acolhidas no bairro. Maxwell (2018) conclui avaliando que a raiz destas questões está vinculada a pobreza, “que gera os problemas sociais”.

Outra característica do bairro, apresentada na incorporação do estigma, refere-se à questão geográfica. As primeiras habitações foram feitas de forma precária e improvisada, ocupando parte das ruas e formando “becos e vielas, facilitando o comércio de drogas e a mobilidade dos bandidos”, analisa o segurança público Enzo (2018). De acordo com ele, o fato do Cruzeiro estar localizado em um dos morros mais altos da cidade, tornou-se um ponto estratégico para o tráfico, pois proporciona uma visão geral sobre as pessoas que entram e

saem do bairro, bem como possibilita “rotas de fuga” em caso de necessidade. Contudo, essa é uma característica presente em outros bairros da cidade, o que efetivamente difere o Cruzeiro de outros bairros —sã seus moradores e seu poder econômico”.

Associado a essa visão da composição geográfica, os moradores jovens do bairro relatam o preconceito com uma rua conhecida como “Buraco Quente”. “Fem gente que fala: como é que vou passar no buraco quente?!” , eles acham que lá é a “\_boça do trem”, que o pau vai quebrar, que é onde tá a funduca toda”. Relatam que há pessoas que alteram seus fluxos para não transitarem nessa rua. Clotilde (2018) conta que o nome surgiu devido a conflitos que haviam na rua, em especial por conta de uma “prostituta que andava de faca e arrumava briga”.

Há uma lenda urbana, muito conhecida na cidade, chamada “Noiva do Boqueirão” que conta a história de uma noiva que perambulava por uma rua do bairro conhecida como Boqueirão. Conta a lenda que uma jovem mulher engravidou-se e foi “abandonada” na porta do altar, “naquela época era inadmissível uma mãe solteira, e seus pais a expulsaram de casa. Ela então, veio morar no bairro Cruzeiro, onde teve uma filha [...]”<sup>39</sup>. A filha também desejava casar-se, mas no dia do casamento o noivo não compareceu, ela chegou a falecer e a mãe passou a vagar pela cidade com depressão.

Essa lenda expressa outro elemento formador do estigma no bairro: ser abrigo para pessoas moralmente excluídas da sociedade nova limense: “mães solteiras”, prostitutas, pessoas com vício e “violentas”. O bairro poderia ser interpretado como uma “região moral”, nos termos de Park (1987, p. 65), ou seja, “ambientes isolados nos quais os impulsos, as paixões os ideais vagos e reprimidos se emancipam da ordem moral dominante, é necessário referir-se ao fato ou teoria dos impulsos latentes dos homens”, onde há uma prevalência de um “código moral divergente”.

Para o autor, as causas que levam o surgimento das “regiões morais” “são devidas, em partes, às restrições que a vida urbana impõe e, em parte, a permissibilidade que essas mesmas condições oferecem”. “A associação com os outros de sua laia, proporciona não apenas um estímulo, mas também um suporte moral para os traços que tem em comum, suporte que não encontrariam em uma sociedade menos selecionada”. (PARK, 1987, p. 65).

<sup>39</sup> História extraída do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kijdaAYVC2E>. Acesso em 01 de outubro de 2018.

Em contextos urbanos os desordeiros, que não seguem as regras sociais, recebem atributos diversos. Para Elias e Scotson (2000, p. 27) “anomalia talvez seja a censura mais frequente a lhes ser feita; repetidamente, constata-se que *outsiders* são vistos pelo grupo estabelecido como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros”. Os desviantes: prostitutas, viciados, malandros, entre outros “são essas as pessoas consideradas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social”. Eles são vistos como pessoas que não aproveitam as oportunidades disponibilizadas pela sociedade, “mostram um desrespeito evidente por seus superiores, falta-lhes moralidade. Eles representam defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade”. (GOFFMAN, 2004, p. 121)

Os “desviantes sociais” são tolerados na medida em que se restrinjam às “fronteiras ecológicas” de sua comunidade, como por exemplo, os guetos raciais. Nesses agrupamentos sentem-se protegidos e livres. “Os desviantes sociais também fornecem modelos de vida para os normais inquietos, obtendo não só a sua simpatia, mas também adeptos”. (GOFFMAN, 2004, p. 122).

A participação em grupos considerados socialmente superiores é a “recompensa pela submissão às normas específicas do grupo”, a sujeição de sua conduta pessoal a “padrões e específicos de controle dos afetos”. O orgulho de participar desse grupo está diretamente ligado à disposição de seus membros de se submeterem as regras, às obrigações impostas à pertença. “Os membros dos grupos *outsiders* são tidos como não observantes dessas normas e restrições. Essa é a imagem preponderante entre os membros dos grupos estabelecidos. [...] Os *outsiders*, são vistos — coletiva e individualmente — como anômicos”. (ELIAS, 2000, p. 26).

Em aproximação com as análises dos sociólogos mencionados, podemos afirmar que os moradores do Cruzeiro, tiveram sua imagem historicamente associada à estigmas de pobreza, violência e promiscuidade. Os jovens relatam que ouviram histórias antigas de brigas violentas, de homens que não permitiam outros homens entrarem no Cruzeiro para namorar as jovens do bairro, de “amarrar os outros no pau”, “mas isso é o que falam, e foi antigamente, hoje em dia num tem mais isso não”.

Em análise de um caso semelhante na Espanha, Tejedor (2002) pontua que apesar das mudanças ocorridas na situação econômica dos habitantes do povoado pesquisado, a maioria das pessoas das regiões circundantes continuava associando seus vizinhos aos antigos “Cábolistas”, como eram chamados pejorativamente os antigos moradores, em associação a

um lugar degradado econômica e socialmente. Em comparação a esse contexto, embora o do bairro Cruzeiro tenha se alterado significativamente, as pessoas continuavam associando o bairro a suas problemáticas iniciais e não somente isso, mas atribuindo novos significados à essas questões.

Ao descrever histórias sobre o bairro, um funcionário público relata que o Cruzeiro foi ~~a~~ primeira favela de Nova Lima” e que atualmente o ~~b~~airro disputa bocas de fumo com outras cidades da região metropolitana de BH”. Ele avalia que a violência e uso de drogas está mais generalizado atualmente, o que faz com que outros bairros também vivenciem essa realidade, e não seja dada ênfase somente no Cruzeiro. Mas o bairro é ~~um~~ meio violento”, destaca.

O bairro é visto pelos ~~de~~ fora” como ~~a~~ favela de Nova Lima”. Esse termo favela é usado por pessoas que não possuem vínculo com o território em associação a um lugar violento e profuso em crime, principalmente o tráfico. O bairro é tido como um contraste à ideia de segurança e tranquilidade da cidade. Ou, nos termos de Saravi (2004), como um ~~enclave~~ de pobreza estrutural” e criminalidade. Contudo, vale pontuar que o fato dos territórios populares possuírem elevados indicadores de vulnerabilidades sociais e violência, não nos permite fazer uma associação direta e automática entre pobreza e criminalidade ou de concluir que de forma generalizada os pobres são mais propensos a práticas de crimes.

Os adolescentes entrevistados no diagnóstico do Instituto da Criança e do Adolescente- Ica (2016) apontaram que Nova Lima é uma cidade segura, mas que ~~depende~~ do bairro”. E neste caso, o Cruzeiro foi citado como um dos quatro bairros mais ~~perigosos~~” devido a assaltos e o tráfico. Por fim, os pesquisadores do Ica (2016) apontaram que no trabalho de campo algumas regiões da cidade apresentaram mais demandas por serviços públicos, como o Cruzeiro, onde se percebe um número elevado de adolescentes envolvidos com o tráfico de drogas.

O diagnóstico do Ica (2016) apontou também alguns indicadores de vulnerabilidade social presentes no bairro, a saber: rivalidade e conflitos entre o Cruzeiro e um bairro vizinho em especial quanto a uso de um equipamento público – ~~Quadra~~ do Cruzeiro”. Ele está entre as quatro regiões com maior número de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas e foi apontado como o mais violento, juntamente com outros três pontos específicos na cidade de acordo com os dados do Conselho Tutelar.

Ao ser indagado sobre o Cruzeiro, Enzo (2018) exclama: “complicado”! Ele visualiza o bairro com vários problemas, ninguém disposto a contribuir efetivamente e ainda com interesses políticos atravessados. Na sua interpretação, a “má fama do bairro e o conjunto de precariedades, [...] privilegia alguém”. O Cruzeiro “é um dos piores bairros de Nova Lima” devido a “alta incidência do tráfico”. “O bairro é mal visto, é tido como perigoso”, analisa.

Em conversas informais com dois funcionários públicos da área de transporte, que circulam diariamente pelos bairros da cidade, foram relatadas as seguintes visões sobre o Cruzeiro: o primeiro, dialogando sobre segurança na cidade, pergunto onde ele avaliava ser perigoso em Nova Lima? “Ah, lá no Cruzeiro né, na Chácara. Lá no Cruzeiro era uma favela, igual aquelas favelas de BH, que você tem que pedir autorização para entrar. Era muita violência, drogas. Nem a Cemig entrava, era tudo gato... Mas isso foi há uns dez anos”.

Embora em seu relato ele apresente fatos antigos, de 10 anos atrás, permanece em seu imaginário a associação do bairro à insegurança, tanto que quando perguntado sobre lugar perigoso, ele logo responde: o Cruzeiro. Com o outro funcionário a expressão foi mais sutil, percebi que ele havia ficado receoso de falar sobre o Cruzeiro e quando indagado o motivo, ele responde: “Ah, porque o pessoal fala que lá é favela, né?!”, demonstrando receio em abordar certos temas ligados ao bairro.

Em entrevista, Sophia (2018) - uma jovem do bairro - relata que o Cruzeiro “tinha o nome de favela, de perigoso e tudo” e que isso contribuiu para propagar os discursos negativos que foram construídos em torno do bairro: “O Cruzeiro é muito mal falado, neh?”! O povo fala que é favela, conclui. O jovem José (2018) relata que na escola, principalmente, tinha sempre alguém que falava “olha, ele é do Cruzeiro” e associava o pessoal do Cruzeiro a ser morador de favela. Na interpretação dele, essa associação era devido à arquitetura das moradias “parece uma favela, no morro, as casas tudo junto”.

Alex narra que em seus fluxos pela cidade, ouvia as pessoas comentarem: “olha lá a pessoa lá do Cruzeiro, o favelado”. Segundo ele “o pessoal acha que por conta das casas não terem reboco ou quando uma vez ou outra aparece uma briga, na cidade toda isso vira assunto”. Complementa que muitas pessoas viam o bairro como uma favela, “tinha uma visão de favela, que em toda briga matava os outros lá”.

Helena (2018), jovem ex-moradora do bairro, relata que a visão “dos outros”, os não-moradores, é de que o Cruzeiro é de fato uma favela.

Fui nascida e criada aqui e quando eu falo pros meus vizinhos lá do Centro, eles pensam que aqui tem os piores traficantes, prostituta; lá em cima só tem puta, assassino, gente fumando maconha o dia inteirinho... essa é a visão que todo mundo tem do bairro, infelizmente é essa. Falam isso até aqui dentro do bairro mesmo. Tem gente que fuma maconha mesmo, num horário desse tem mãe de família fumando na quadra, eu não menosprezo quem faz isso não, cada um sabe da sua vida... (HELENA, 2018)

O estereótipo da favela como território de desordem, vícios e criminalidade é um lugar comum na sociedade brasileira. Alba Zaluar (1994, p. 10) contextualiza que historicamente as favelas cariocas eram vistas como “foco, menção a limpeza”, uma patologia social, poluição. No início do século XX as favelas eram vistas como “locais perigosos e refúgio de criminosos”. A favela criava sérios problemas sob o ponto de vista da “ordem social” da estética, da higiene e segurança. Com isso, os estereótipos foram constituindo-se em torno da favela: foco de doenças, sítio dos malandros e criminosos, inimigos do trabalho duro e honesto, “montado promíscuo de população sem moral”, etc.

Na interpretação dos entrevistados em Nova Lima, “favela” é uma expressão que congrega um conjunto de elementos negativos, resumidos na fala da Helena (2018) acima. Embora essa pesquisa, parta da compreensão do termo favela a partir de uma perspectiva sociológica, buscou-se registrar a fala dos sujeitos com os sentidos que elas transmitem, pois como afirma Becker (2008, p. 176) é preciso registrar as interpretações dos entrevistados “da forma como eles a veem”, sejam eles estigmatizados ou estigmatizadores.

O autor acrescenta que “embora pareça que estamos concordando com o traficante que fala que não há ilegalidades no crime, por exemplo, precisamos registrar a fala dele. Assim como precisamos registrar a fala do policial que fala que o traficante precisa morrer”. Desse modo, apresenta-se a visão dos sujeitos pesquisados, a “realidade que eles criam por meio de suas interpretações de sua experiência e em termos da qual agem. Se não conseguirmos apresentar essa realidade não teremos alcançado a compreensão sociológica do fenômeno que buscamos explicar”, analisa Becker.

Quando indagado ao segurança público como ele percebe a juventude do Cruzeiro, ele responde: “são discriminados” devido à cultura do medo e a visão de outros moradores como um lugar perigoso. “Mexe com ele não, que ele é lá do Cruzeiro”, é o que as pessoas dizem, principalmente nas escolas. Segundo ele, os meninos desde muito jovens, 12 - 14 anos já começam a ser recrutados para o crime: tráfico e roubo.

Um funcionário público que atuou como professor em Nova Lima mencionou em entrevista que tem uma ~~im~~agem negativa sobre o bairro, não sei o porquê, [...] não sei se é associado ao tráfico...”. Relata que quando acontecia um problema na escola envolvendo algum jovem do Cruzeiro, alguém sempre concluía: ~~mas~~ esses meninos do Cruzeiro... tinha que ser do Cruzeiro mesmo!” Como se já fosse esperado um comportamento ~~des~~viante” por parte desses jovens, ou uma predisposição ao não seguimento de normas gerais de comportamento e convivência. Neste sentido, o segurança Enzo (2018) observa que as mulheres jovens do bairro são rotuladas na escola como ~~barra~~queiras” e os homens como ~~band~~idos”. ~~A~~ diretora nem gosta de se envolver quando as brigas envolvem alunos do Cruzeiro”, conclui.

Em sintonia com essa entrevista, no diálogo com uma funcionária da educação, pergunto como é a relação dos jovens do Cruzeiro com a escola? Ela informou que cada aluno possui um comportamento único. Entre eles há várias formas de se relacionarem, de se comunicarem e para isso criam marcas em cada grupo como forma de diferenciação. Observa que quando acontece algo envolvendo um jovem do Cruzeiro, os alunos dizem ~~ah~~, tinha que ser do Cruzeiro”. Questionada sobre o sentido dessa frase, ela avalia que seja discriminação pelo local de moradia, simplesmente por eles morarem no bairro, conclui.

Tanto pelos relatos dos jovens, como os de funcionários públicos das políticas de educação e segurança na cidade, há um consenso de que o ambiente escolar tem sido um espaço de destaque na reprodução de estigmas. Spósito (2009, p. 69) ressalta que os jovens moradores de territórios considerados violentos, ~~ten~~dem a ser estigmatizados na escola”. As brigas que acontecem na escola são mecanismos de demarcação de poder, formas de se colocar frente a colegas e professores pelas vias do medo. Não se trata, portanto, de uma violência escolar no sentido de ~~rea~~ção a instituição escolar”, mas de demarcação de espaço.

Nesta perspectiva, Enzo (2018) analisa que ~~alg~~uns moradores sustentam a ideia do bairro ser uma favela, pois isso também é um mecanismo de poder, de inibir as pessoas, de colocar medo e também de dizer de uma cultura do morro“”, fazendo menção a um imaginário ligado ao ~~tra~~ficante favelado que é temido”, que exerce o poder e o medo. Ele observa que, diferente de outros bairros, no Cruzeiro há grupos de jovens entre 14 – 16 anos que reforçam sua imagem associada ao morador da favela. ~~E~~les gostam de passar a impressão de que moram na favela”.

Para Enzo (2018), o tráfico tem suas várias facetas e estímulos, o poder e o glamour são alguns deles. “Os meninos que conseguem dinheiro, tem respeito de seus colegas, ninguém mexe com ele, são temidos... há excitação em quebrar as regras, infringir as leis...”. O estilo das roupas e acessórios associadas ao tráfico remetem ao poder, excitação, *glamour*, “chama a atenção das meninas”, analisa.

Apesar da visão negativa, resultado do contexto de violência ao qual estão expostos, os jovens possuem uma “convivência rotineira e natural” com o tráfico de drogas. As funções exercidas garantiam-lhes rendimentos consideravelmente superiores aos que conseguiram arrecadar em “atividades laborais não criminalizadas” (MOREIRA, SUCENA, FERNANDES, 2008, p. 163)

Neste sentido, pode se interpretar que o fato de alguns jovens se espelharem no traficante é uma forma de obter status, sucesso e algum respeito, elementos esses desejados por muitos jovens, mas acessível para poucos. Para o jovem de setores populares, o campo de possibilidades para se atingir o sucesso e obter status é ainda mais limitado e muitas das vezes a figura do traficante é a imagem concreta de sucesso mais próxima de sua realidade.

Enzo (2018) aponta que tem sido crescente o envolvimento de mulheres com homens ligados ao tráfico. “As meninas não querem o menino de igreja”, tem tido uma “inversão de valores”, as meninas não se interessam por esses tipos de rapazes. Ele avalia que as mulheres tem um “instinto” de querer proteção, ter segurança e isso tende a levá-las a se envolverem com pessoas que elas acreditam que possam dar esse tipo de “segurança”. Envolve-se com traficantes seduzidas pelo seu poder e pelo simbolismo da proteção que ele pode ofertar, “não mexe com ela, que ela é namorada de fulano”.

Os relatos de Enzo (2018) nos remeteram as narrativas da mãe de um jovem do bairro, atendida na política de Assistência Social. Ela conta que o filho, de 15 anos, não se interessava pela escola e não gostava de ficar estudando ou vestindo roupa de “nerd”. A mãe queria que ele usasse roupas mais sociais, que fosse para igreja, mas ele avaliava que isso não chamava atenção das meninas e que ele seria “zulado” pelos amigos. O que ele queria era andar com “calça caindo, colar de corrente, sobancelha desenhada, cigarro de maconha na mão, ... “andar largado”. Ou seja, ele queria se vestir e se comportar seguindo os modos e signos que o conectavam a seu grupo, à realidade juvenil do seu contexto e não seguir modelos adultocêntricos.

O envolvimento das meninas com traficantes, e até mesmo com o tráfico diretamente, se inicia por volta dos 14 – 18 anos, “depois a ficha vai caindo e muitas mulheres se arrependem, mas ai já é tarde, pois até ela passar a ser vista diferente, não mais como mulher de bandido, isso demora uns 06 a 07 anos”. Neste intervalo de tempo, “ela já tem filhos, já desperdiçou oportunidades de seguir caminhos diferentes”, analisa Enzo (2018).

Ele observa que desde muito cedo, os jovens do Cruzeiro têm algum contato com as drogas. Na sua interpretação faltam caminhos alternativos, os pais reproduzem falas de que eles “não vão conseguir nada mesmo”, não dão estímulo. Muitos têm os sonhos ceifados desde a infância pela família e, em meio ao desalento, o tráfico se apresenta com uma direção e uma forma de garantir a sobrevivência. Ele conclui dizendo que falta aos jovens sonhos e referenciais diferentes para se inspirarem.

A respeito dessa forma de pensar, Moreira, Sucena e Fernandes (2008, p. 166) questionam: “em vez da indagação sobre como enfrentar o tráfico de drogas e a violência por ele causada, e necessário questionar: que sociedade é esta que permite que o tráfico de drogas se torne uma opção e uma possibilidade de vida ou sobrevivência para os jovens?”

## 6.2 A propagação dos imaginários sobre o bairro

O jovem Alex (2018) avalia que há uma tendência das pessoas, em especial da imprensa, atribuírem ao Cruzeiro acontecimentos negativos que acontecem nas vilas limítrofes. Ele conta que “um cara matou o outro em um bairro abaixo do Cruzeiro, mas como era próximo do Cruzeiro, a mídia preferiu jogar a notícia pro Cruzeiro”. Caso semelhante foi um diálogo com um guarda municipal sobre as regiões de maior criminalidade no município. Ele aponta “Vietnã e Cruzeiro”, questiono onde no Cruzeiro e ele fala o nome de uma rua que pertence a um bairro próximo.

Enzo (2018) observa que atualmente a natureza dos registros de ocorrência policial no bairro são comuns à outros bairros, mas que “o Cruzeiro sempre leva a fama”. Na entrevista em grupo, uma jovem moradora do bairro Cristais pondera que a droga está presente em outras regiões também e Helena (2018) ressalta que o Cruzeiro é mais visado:

igual morar no Rio de Janeiro e falar que mora na Rocinha, Cruzeiro é visto como pior bairro, o povo só fala daqui. Num pode falar Cruzeiro que o povo já começa a falar mal. Quando você fala do Cruzeiro, o povo pensa que vai entrar aqui e ter

gente armado, que vai ser roubado, um neguim segurando um revolver... é muito triste... Noiado em qualquer lugar tem...

Frente a esses relatos, decidimos fazer buscas em todas as notícias disponibilizadas on line em dois jornais de grande circulação na cidade, de modo a conhecer como a imagem do Cruzeiro tem sido veiculada nestas mídias. Optamos por apresentar os dados de dois bairros vizinhos para que fosse possível estabelecer comparações.

#### Quadro 4 - Noticiários por bairro: Cruzeiro na imprensa

BAIRRO	NOTÍCIAS JORNAL - A	NOTÍCIAS JORNAL - B
NSra. Fátima	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Polícia efetua várias prisões;</li> <li>• Acidente envolvendo moto e carro;</li> <li>• Criminosos arrombam UBS do bairro;</li> <li>• Interdição da MG 030.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acidente de moto;</li> <li>• Criança e baleada;</li> <li>• Mulher é espancada.</li> </ul>
Cruzeiro	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ação da polícia, violência e crime (tráfico, assassinato, briga e tentativa de rapto uma criança);</li> <li>• Artista do bairro;</li> <li>• Lenda urbana da Noiva do Boqueirão;</li> <li>• Ações de um vereador;</li> <li>• Acidente.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assassinato no bairro;</li> <li>• Ações de um vereador.</li> </ul>
Bonfim	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Show e cultura;</li> <li>• Briga;</li> <li>• Moradores de rua;</li> <li>• Acidente entre moto e ônibus.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acidente;</li> <li>• Assassinato de um jovem.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos dos jornais Sempre Nova Lima<sup>40</sup> e A Banqueta<sup>41</sup>, 2018

Em relação ao bairro Nossa Senhora de Fátima, o jornal A, registrou 05 reportagens, sendo 01 sobre ação da polícia na região - incluindo ação no bairro, 03 sobre acidentes envolvendo moto e carro, 01 sobre arrombamento da Unidade Básica de Saúde e 01 sobre a interdição da rodovia MG 030. No Jornal B foram encontradas 03 notícias: 01 acidente de moto, 01 sobre criança baleada e 01 mulher espancada.

Já no bairro Bonfim, o Jornal A divulgou 05 notícias. Destas, 01 era sobre Cavallhada de São Jorge, 01 briga entre homens e mulheres, 01 retirada de moradores da rua, 01 acidente entre moto e ônibus e 01 venda de ingressos para shows. E no Jornal B, aparecem duas notícias 01 sobre acidente e outra sobre assassinato de um jovem.

<sup>40</sup> SEMPRE NOVA LIMA. *Jornal de Nova Lima*. Disponível em < <http://www.semprenovalima.com/>>. Acesso em 12 dez. 2018.

<sup>41</sup> A BANQUETA DE NOTÍCIAS. *Jornal de Nova Lima*. Disponível em < <http://tvbanqueta.com.br/>>. Acesso em 12 dez. 2018.

Os noticiários acerca desses dois bairros, embora estejam focalizados em situações trágicas como situações de violência e acidentes, há uma diversificação de notícias e um certo equilíbrio percentual entre estes elementos. Essa diversificação contribui para não sedimentação de imaginários únicos sobre o lugar. Quando o noticiário retrata o bairro focado apenas em uma visão, ele contribui para reforçar essa imagem ao lugar.

Quanto ao Cruzeiro, no Jornal A, foram encontradas 12 notícias. Destas, 04 referem-se ao mesmo fato - assassinato de um jovem, 01 sobre Operação Monte Santo da polícia militar; 01 ação efetuando prisões; 01 sobre mulheres que bateram em um adolescente, após terem sido chamadas de ~~no~~“noíadas”; 02 a respeito de um vereador ex- morador do bairro; 01 sobre a lenda da Noiva do Boqueirão; 01 sobre um jovem do Cruzeiro que é destaque como fotógrafo e 01 motorista embriagado atropela pedestre. Portanto, aproximadamente 67% das notícias do Jornal A propagavam fatos ligados ao estigma do bairro, não registrando, por exemplo, a feira que passou a acontecer no bairro ou a tradicional festa de Nossa Senhora das Mercês. Já no Jornal B, aparecem 04 noticiários, sendo 03 falando das ~~boas~~”ações de um vereador e 01 sobre o assassinato de um jovem.

Essa notícia do assassinato do jovem foi registrada por outras mídias do Estado, os títulos das notícias diziam assim: ~~Cruzeiro~~ vive clima de medo e tensão após o último assassinato”, ~~Natal~~ em Nova Lima é marcado por incêndio e tiro”, ~~Polícia~~ prende suspeito de assassinar um homem no Cruzeiro no ano passado”, ~~Homem~~ é assassinado a tiros e pedradas”.

A operação Monte Santo foi noticiada como a ~~maior~~ operação” da polícia na cidade e região, na qual foram presas 26 pessoas e envolveu um contingente policial de mais de 150 pessoas. Embora a ação tenha ocorrido em vários bairros de Nova Lima e em cidades vizinhas, o Jornal A e um jornal de outra cidade citam o nome do Cruzeiro - o único bairro citado. A justificativa era de que um dos principais articuladores dos crimes residia no bairro. Em uma destas reportagens o apresentador comenta que ~~embora~~ o bairro seja habitado e frequentado por pessoas de muito caráter e decência, é um bairro que vem dando muito problema pra polícia, um bairro violento, um bairro com histórico de tráfico de drogas muito grande”.

Foi realizada pesquisa sobre o Cruzeiro no ~~google~~” e em vídeos do ~~youtube~~”. A intenção dessa busca era conhecer como sítios de acesso popular tem veiculado a imagem do bairro. Nestes espaços virtuais, apareceram a lenda da noiva, operação contra o tráfico e o

vídeo paródia com os bairros de Nova Lima. Na música, o Cruzeiro é representado com o seguinte refrão: —nois bandido, vida loca ...”.

A mídia é um elemento importante nas construções discursivas sobre imaginários populares, ela tem um papel relevante na propagação de estigmas. Cornejo (2012, p. 195 - 196) destaca a função da mídia em comunicar e reproduzir estigma territorial, que muitas das vezes —não apenas descrevem os fatos, mas também o naturalizam sem maiores esforços para romper com esse esquema”.

De alguma maneira, os acontecimentos de violência que são mostrados através dos meios de comunicação e que integram ao imaginário social, parecem justificar o estigma. Inviabilizam tanto os fatos sobre a diversidade social dos sujeitos em condição de pobreza, quanto o fato de que a qualificação sob os termos do estigma (e sua reprodução) é um fato violento. [...]. No âmbito dos meios de comunicação, reconhecemos um campo aberto à exploração da criação e reprodução das identidades sociais, particularmente dos estigmas sociais.

A —estigmatização midiática” não impacta somente as pessoas que não possuem vínculos com o território, mas também entre seus próprios moradores. (KESSLER, 2012, p. 168). Dessa forma as pessoas passam a dar mais visibilidade para os fatos noticiados e aumenta-se a sensação de insegurança, por exemplo.

Pelo fato da criminalidade ser um elemento muito presente nos discursos e imaginários coletivos sobre o bairro, foi feito levantamento do número de Registros de Evento Social – Reds, popularmente conhecido como Boletim de Ocorrência (BO) no Cruzeiro e também em outros dois bairros limítrofes: Nossa Senhora de Fátima e Bonfim. A título de ilustração, na terceira parte da primeira tabela, foi feito o cálculo de porcentagem do número de ocorrências em relação ao tamanho do bairro.

**Tabela 6 - Número de Registros de Evento Social por bairro – Nova Lima**

Bairro	Número de Reds	Reds por bairro (%)	Natureza das Reds
• N. Sra. Fátima (1329 moradores)	77 Reds	5,7%	Acidente, tráfico de drogas, atrito verbal, ameaça.
• Cruzeiro (967 moradores)	33 Reds	3,4%	Ameaça, acidente, furto, cumprimento de prisão, agressão, tráfico de drogas, atrito verbal.
• Bonfim (754 moradores)	47 Reds	6,2%	Tráfico de drogas, acidente, furto, ameaça.

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos da Polícia Militar de Nova Lima, 2018

Na primeira tabela é possível perceber que proporcionalmente o Cruzeiro é bairro que possui o menor registro de ocorrências em relação ao número de moradores. Quanto à natureza das ocorrências, o Cruzeiro possui o cenário semelhante a outros bairros vizinhos em termos de registros de criminalidade. Além disso, verificou-se que, entre os três bairros, o Cruzeiro possui o menor número de registro de ocorrências ligadas ao tráfico de drogas.

Enzo (2018) analisa que o medo das pessoas em relação ao bairro, —em partes é por conta do tráfico”, mas pondera que registros semelhantes em bairros vizinhos não ganham a mesma repercussão que no Cruzeiro. Exemplifica o caso de dois homicídios em um bairro vizinho que não resultou na propagação de uma imagem negativa sobre o bairro. Ele avalia que a segurança pública tem atuado muito no Cruzeiro e acredita que isso pode resultar em mudanças ao longo do tempo, —isso se alguém decidir investir no bairro”, destaca.

A cerca das discrepâncias entre os fatos reais e os sentidos que são atribuídos a esses fatos, os discursos que são propagados, Elias e Scotson (2000, p. 118) fazem a seguinte observação à propósito dos moradores de uma pequena cidade da Inglaterra por ele estudados:

Na verdade, podia-se visitar em casa um bom número de pessoas de lá e constatar que nem seus padrões de higiene nem de conduta eram marcadamente diferentes dos das pessoas da Zona 2. Os aposentos eram ligeiramente menores e os aluguéis, um pouco mais baixos que os das meias-águas da "aldeia". Mas a imagem feita por esta sugeria que o loteamento era uma espécie de favela, habitada por uma gente rude que vivia barulhentosamente, com suas multidões de filhos incontroláveis, em casas malcuidadas. O que de fato se encontrava ali, a "realidade 1", diferia consideravelmente dessa imagem. Foi preciso algum tempo para determinar com clareza como e por que a imagem que a "aldeia" tinha do loteamento distorcia dos fatos. E, à medida que a pesquisa avançou, foi ficando cada vez mais claro que essas discrepâncias entre a imagem e a realidade eram de importância considerável para entender a relação entre as partes antigas e a parte mais nova de Winston Parva.

Wacquant (2006, p. 29), por sua vez, pondera que, sejam esses lugares perigosos ou não, que estejam —deteriorados” ou não, que a população tenha em sua composição pessoas pobres e grupos estrangeiros, —isso tem pouca importância, no final das contas: a crença preconceituosa de que assim são, basta para engendrar consequências socialmente nocivas”.

Esse cenário remete à clássica conclusão a que chegou de W. I. Thomas: —se os homens definem situações como reais, elas são reais em suas consequências”. Embora as situações de pobreza generalizada e inexistente infraestrutura do Cruzeiro sejam reais apenas na memória do bairro, ou que os eventos de criminalidade sejam também comuns a outros bairros, os efeitos desses imaginários tem impacto na vida cotidiana de seus moradores.

Não se trata de negar que no bairro Cruzeiro existem problemáticas reais ligadas à pobreza, violência e criminalidade. Contudo, chama-se a atenção nesse capítulo quanto aos modos de reprodução dos estigmas territoriais e a como a sociedade se apropria deles ao propagar discursos que generalizam dadas situações e que desconsideram a diversidade de vivências presentes nos setores populares.

### **6.3 A marca negativa de territórios e pessoas**

Neste item, serão retomados os principais argumentos dos autores que analisaram a associação entre estigma, lugar e grupos/indivíduos, e que inspiraram esse estudo. Em constante diálogo com essas análises, serão apresentados os relatos dos jovens do bairro Cruzeiro.

Quando se fala em estigma territorial, faz-se referência ao processo de associação direta de um espaço à atributos negativos. Contudo, se o peso desse estigma recai sobre todos os habitantes do lugar, ele não se expressa igualmente em todas as pessoas ou grupos, nem todos o vivenciam da mesma maneira. “Os jovens estão particularmente mais expostos a este tipo de discriminação e sofrem as suas consequências em diferentes âmbitos, como no trabalho, na educação, nos seus vínculos sociais, entre outros”, afirma Kessler e Dimarco (2013, p. 227, tradução nossa).

O jovem morador de regiões populares sofre duplamente, seja pelas interpretações equivocadas que são lançadas à juventude como uma fase problemática, quanto pelos efeitos do lugar de moradia, que recaem mais fortemente sobre ele. Essa compreensão contribui para reforçar o foco da pesquisa, ou seja, a relação entre juventude, território e estigma. As manifestações de estigma territorial que serão apresentadas nas páginas seguintes são relatos de vivências juvenis em um território historicamente segregado por sua imagem associada à pobreza, violência e crime.

Os indivíduos de um determinado bairro acabam sendo identificados, por efeito da incorporação do estigma às características do lugar: se você reside na periferia, logo você é violento e perigoso. Se por outro lado, você mora em áreas nobres, você tem um status superior, é trabalhador e honesto. Assim, em algumas circunstâncias os atributos associados ao lugar de moradia se confundem com a identidade de seus moradores. —Θ comportamento

da pessoa é reduzido às supostas características do tipo”, conclui Toro e Naranjo (2009, p. 121, tradução nossa).

A opinião pública estigmatiza esses bairros segregados como espaços onde se concentram as chamadas “elasses perigosas”. A esse respeito Kaztman (2001, p. 183, tradução nossa) elucida alguns efeitos da estigmatização: a) os moradores, especialmente os jovens, são vítimas da “discriminação estadística” em virtude da qual o simples fato de morarem em determinadas áreas é suficiente para rejeitarem seus currículos; b) as pessoas da vizinhança, que teriam condições de alterar isso, mudam-se para outros bairros, privando assim o contato da comunidade com pessoas que “têm voz” e que poderiam ter servido como transmissores dos padrões normativos da sociedade global e contatos e informações úteis para a obtenção de empregos, acesso a serviços ou ambos ao mesmo tempo”; c) as pessoas de fora evitam o contato com essa vizinhança, o que por sua vez limita o contato e reduz o leque de oportunidades. Dessa forma, o estigma interfere diretamente no acesso à oportunidades e na aquisição de potencialidades.

Devido à imagem negativa do bairro, que aos poucos foi se propagando, muitos moradores do Cruzeiro não conseguiam trabalho na cidade. Havia uma desconfiança por parte dos empreendedores em contratar essas pessoas, “achavam que iam roubar alguma coisa no espaço de trabalho”. Além disso, as empresas tinham receio de estabelecerem seus empreendimentos no bairro por preconceito, medo e insegurança, relata Maxwell (2018). “A violência urbana acirra as diferenças e, por sua vez, aumenta as distâncias sociais ao criar uma cultura do medo que criminaliza os mais pobres e incentiva um comportamento defensivo e segregacionista”. (ANDRADE, SILVEIRA, 2013, p. 384).

Enzo (2018) relata que se os moradores acionarem os serviços médicos de urgência no período noturno, as equipes de saúde solicitam escolta policial para entrarem no bairro. Segundo ele, as pessoas desempenham um comportamento diferente frente aos moradores do Cruzeiro, o trabalhador da empresa de energia e saúde tem medo de acontecer algum problema na prestação do serviço e sofrerem retaliações depois. Os funcionários da empresa de energia elétrica tem medo de cortar as instalações elétricas clandestinas e os da saúde de não ofertar atestado médico ou não conseguir atender algum morador, assevera.

Nas palavras de Wacquant (2001, p. 139), o estigma territorial afeta os moradores em diversos aspectos: na relação com os empregadores, com a polícia, com os sistemas de justiça, com os serviços de bem estar social, “os quais são capazes de modificar o comportamento e

os procedimentos quando lidam com um residente de uma *cit * deteriorada [...], pois morar na *cit * já carrega a suspeita de atividades ilícitas ou mesmo de culpa por alguma infração”.

Em seu relato o jovem José (2018) demonstra que o medo é difundido também internamente, entre os próprios moradores do bairro, o sentimento de insegurança não é somente entre “os outros”. Conta que se mudou recentemente, mas quando morava no Cruzeiro, “a gente ficava com uma insegurança muito grande, as polícias passavam toda hora, falavam fulano foi preso... em casa a gente falava: tranca o portão, não sai pra rua...”. Devido a esse contexto e a propaga o do medo, “minha mãe nunca deixou a gente ficar passeando pelo Cruzeiro, ter contato com outros meninos, sentia que era perigoso”. Situa o diferente ele observa no atual bairro, onde se sente mais seguro, embora avalia ser prudente andar atento.

A obsessão pelos sentimentos provocados através da experiência do medo, da sensa o iminente do perigo altera processos de mudança, define relacionamentos, conduz o traçado das ruas e modifica a arquitetura das cidades. “Sentimentos intensos embalam e dinamizam as práticas juvenis na cidade”. (DIOG NES, 2011, p. 221)

Dissemina-se a no o de que o perigo espreita todos os lugares e de que os *perigosos* trafegam por todos os lados. O medo não tem mais lugar para ficar, o outro lado é o mesmo. Todos estão imersos na angústia de não ter um refúgio seguro, sendo mobilizados pela necessidade de se proteger e/ou de se armar. Ricos e pobres compartilham feixes diversificados de insegurança simbólica e situam-se no cerne dos descompassos da segurança pública. (DIOG NES, 2011, p. 212).

O medo em dos elementos do processo de criminaliza o da juventude pobre.   exemplo do que ocorre em Santiago, no Chile “reconhecemos a configura o de estigmas, identidades deterioradas de caráter que são impostas em certos bairros da cidade, considerada a partir da sociedade maior como redutos do crime e da pobreza” (CORNEJO, 2012, p. 179). Os segmentos pobres são vistos pelos mais abastados como redutos de criminalidade e violência.

No debate em grupos, os jovens apresentaram as seguintes falas: “as pessoas deixam de entrar no bairro para se divertir, porque acha que vai dar problema, mas será que eles num vêm que quando tem alguma festa na quadra num da nada de errado?” questiona. “Mas eles pensam assim: Ah, num vou lá não, o pau vai quebrar l ”. Outra jovem complementa: “as pessoas pensam que quando entrar no Cruzeiro vai ter um cara armado l . Pensam que a bolsa vai ser roubada”. Outro jovem reafirma: “falam isso mesmo! Falam que na quadra tem um tanto de neguim na entrada do cruzeiro, mal encarado. É muito triste s ”!

Sophia (2018) conta que o bairro “era muito mal falado”, que atualmente a situação está um pouco diferente, pois o imaginário de perigo está mais generalizado e passou a ganhar visibilidade em outros bairros. Mas ressalta que “sempre tem aquele receio. Você fala do Cruzeiro e a pessoa fica diferente, a postura dela muda, até meus amigos que são de outros bairros têm medo”. Relata que passou por diversas situações de preconceito com o bairro na escola. “Ah, você mora em favela, mora no morro, onde é a boca, eles ficavam zoando, mas no fundo tinha uma verdade”.

Para Sophia (2018) o Cruzeiro que ela conhece não é expressão desse imaginário difundido, ela tenta enfrentar estas situações não dando tanto peso aos discursos estigmatizantes e valorizar as coisas boas do bairro como a solidariedade, os laços comunitários e de amizades. Conclui dizendo que “eles ficavam zoando, mas no fundo dava uma certa tristeza... as aparências enganam”!

Alex (2018) exemplifica uma situação para tentar descrever os efeitos do estigma que já sofreu. Imagina que eu tenha um amigo que não mora no bairro, certo dia vou visitá-lo e falo com a mãe dele que mora no Cruzeiro, “de primeira ela vai ficar desconfiada, porque o Cruzeiro o pessoal só fala mal”. Conta que muitas vezes essa visão negativa já o atingiu, “ainda mais nós que saímos para todo lado”. Tenho amigos que disseram ter entrado no bairro através do time de futebol do Xerém, que passaram a participar de eventos no bairro e a perceber que “não tinha briga”. “Se não fosse o time não tinham entrado no Cruzeiro nunca”, relembra a fala de um amigo.

Ele expõe a proposta de realização de um evento no bairro, mas fala que sente-se desmotivado, pois ao comentar sobre o evento, as pessoas falavam: “ah, mas lá no Cruzeiro... e desanimam”. “Eles falam assim, vou pagar essa quantia lá no Cruzeiro, vou passar no Buraco Quente, vou passar no Sr. Moacir, ah não, Cruzeiro num da não... Ah isso estressa a gente” revolta-se!

Mas Alex assim como Sophia busca destacar sempre os elementos positivos do bairro, “eles julgam como favela, mas aqui tem coisas que nos outros bairros não tem” e cita as pessoas que trabalham com costura, preparação de alimentos, farmácia, mercados, lanchonete, restaurante, bares, serviços públicos de saúde e educação, cabelereiro, maquiador, manicure, vendedor, grupos de futebol masculino e feminino, aulas de Zumba, academia para idosos, etc.

Clotilde (2018), moradora mais antiga, relata uma situação em que ela foi a uma festa com namorado, em outro bairro de Nova Lima. Na ocasião, ela observa os comentários dos convidados:

davam a entender que achavam que só tinha negro, marginal e pessoas de menor valor moral no bairro. Ao convidar essas pessoas para irem à sua casa, uma questiona: mas eles vão roubar meu carro se eu deixar na rua?. Indignada, Clotilde responde: no bairro ninguém rouba ninguém não.

Castro e Abramovay (2002, p. 158) analisam que a “percepção sobre determinados bairros, como violentos, leva a exclusões imediatas”, reduzindo o campo de contatos e de oportunidades. A esse respeito Kessler (2012, p. 172) pontua que o “processo de rotulagem” é produzido pela escolha de certas características, associadas a atributos negativos, que são lançadas a todos os moradores, produzindo dessa forma, uma separação imaginária ou real entre “nós” e “eles”.

Enzo (2018) fala que existe uma etiquetagem com os jovens do bairro, “eles são tratados de forma diferentes pelos comerciantes. São rotulados porque moram no Cruzeiro”. Para ele, os jovens do Cruzeiro precisam ser duas vezes melhores que os outros jovens, eles precisam provar o tempo todo que não são bandidos, que não tem ligação com o tráfico, ou que não têm parentes ou namorados bandidos. Enzo (2018) relata que alguns comerciantes, ao receberem currículos de moradores do Cruzeiro, ligam para ele para saber se já tem alguma ocorrência, se a pessoa tem vínculo com a criminalidade, e que ele não vê isso acontecer com os currículos de pessoas de outros bairros.

Para Wacquant (2001, p. 134, tradução nossa) “a discriminação residencial obstaculiza a busca por trabalho e contribui para reforçar o desemprego local”. Em decorrência disso, os moradores entrevistados em sua pesquisa, informavam endereços diferentes, como estratégia de enfrentamento a situação.

Se um policial se depara com um “moleque” do Cruzeiro na rua, ele “precisa se justificar”. Enzo (2018) observa que esses jovens são discriminados pelos órgãos de segurança e justiça, como a Polícia, Guarda Municipal, Ministério Público, “o tratamento muda depois que se descobre de onde a pessoa é”. Para ele, há uma imagem construída do que é um “jovem suspeito”, como mencionado no capítulo anterior. E, se esse jovem é visto pela polícia na rua, “perguntam para onde ele está indo, de onde ele é, se já foi preso. Se falar que é do Cruzeiro a gente pergunta o que ele está fazendo ali, se ele fala que está vindo da casa de um amigo, a gente vai até a casa desse amigo para confirmar a informação”. Mas, em sua

percepção, esses jovens não se misturam muito devido às rixas entre as pessoas ligadas ao tráfico em outros bairros.

No final da fala, Enzo (2018) destaca que o Cruzeiro, enquanto local de moradia –desperta suspeitas”. A respeito de pensamentos similares ao de Enzo, Michel Misse analisa:

a sujeição criminal<sup>42</sup> é um processo de criminalização de sujeitos, e não de cursos de ação. Trata-se de um sujeito que ‘carrega’ o crime em sua própria alma; não é alguém que comete crimes, mas que sempre cometerá crimes, um bandido, um sujeito perigoso, um sujeito irrecuperável. (MISSE, 2010, p. 21)

Os jovens são apontados como os primeiros a serem responsabilizados pelas desordens sociais, propensos às abordagens policiais e a “levarem baculejos”, são os que estão na mira de frente - os “suspeitos sociais”, pondera Takeuti (2002). Ao analisar os jovens pobres no Ceará, Silva (2014) argumenta que os pequenos delitos diários estão mais associados a esses sujeitos, gerando assim uma criminalização dessa juventude. Um cenário que coloca o jovem pobre como uma “encarnação de mal absoluto” e que se tornou um estigma para os jovens das regiões segregadas.

Na percepção de Kessler e Dimarco (2013, p. 227, tradução nossa) –a construção social dos jovens de setores populares como perigosos, não requer elemento de prova, seus comportamentos coletivos no espaço público, suas formas de ócio e sociabilidade parecem funcionar como confirmação dos piores temores”. –A distinção entre ser honesto ou marginal é simplificada e está relacionada ao local de moradia, de maneira que uma sociedade excludente classifica como ‘marginais’ os pobres”, analisa Castro e Abramovay (2002, p. 158).

Os atos de violência atribuídos aos jovens trazem junto o medo. Através de seus corpos e de suas ações, os jovens expressam a dura realidade que enfrentam na invisibilidade cotidiana. As respostas à condição de invisibilidade do jovem pobre morador de periferia podem se manifestar de diversas formas: a violência e criminalidade é uma delas. Estes elementos atravessam a vida desses jovens de diversas formas, eles fazem parte de seu cotidiano e de suas relações familiares e de vizinhança.

Os jovens fazem usos diversos de seus corpos e comportamentos dentro dos espaços que se inserem, como uma estratégia de romper a condição de invisibilidade à qual estão

---

<sup>42</sup> De acordo com Misse, 2010, o conceito de sujeição criminal engloba processos de rotulação, estigmatização e tipificação numa única identidade social, especificamente ligada ao processo de incriminação e não como um caso particular de desvio.

submetidos, em decorrência principalmente do preconceito e da busca por um distanciamento em relação a eles. —A juventude pobre que mora em bairros populares que mais passa a protagonizar cenas coletivas de recusa”, formação de grupos constituídos para depredar bens públicos, negar e enfrentar a autoridade policial e as leis. A reação por meio da violência pode ser interpretada como uma resposta a sua condição de vida. (DIOGÉNES, 2011, p. 214).

Nos debates promovidos no Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira, realizado em 2010, chegou-se a um entendimento de que a violência juvenil, paradoxalmente, muitas vezes representa uma resposta às questões sociais e culturais às quais ele está submetido e que resultam em exclusões diversas. A juventude movimenta-se na cidade, —causando<sup>43</sup>, se expõe em locais de intensa visibilidade, de modo a romper —os muros da indiferença”.

São sinais emitidos na tentativa de serem vistos e ouvidos, expressão das violências socioeconômica e simbólica que se veem submetidos. Diógenes (2011, p. 226) sugere que um caminho de enfrentamento a essa questão é fazer uma leitura mais humanizada da juventude, neste caso em especial, da juventude pobre —eu será mais cômodo continuarmos erguendo muros, multiplicando cercas elétricas, ampliando o contingente policial, armas, viaturas e nossos opacos espelhos?”, questiona.

#### **6.4 Reações aos efeitos do local de moradia**

Frente ao que foi apresentado a cerca do preconceito racial e estigmas ligados ao território, como as vítimas desse tipo de segregação reagem? Quais são seus efeitos? Como lidam com essas situações presentes nas interações sociais cotidianas? Na tentativa de responder a essas questões, serão apresentados os relatos e as respostas dos jovens sobre essas situações no bairro.

Kessler e Dimarco (2013) expõem as considerações de Hasting (2004) a respeito dos discursos dos jovens frente ao estigma territorial na Grã-Betanha. Ela chega a três tipos de discursos: patológico, normalizador e desafiador. Nos dois primeiros os jovens não só concordam com as imagens externas que associam o lugar ao perigo e violência, como

---

<sup>43</sup> Expressão utilizada pelos jovens que esta associada a chamar atenção, fazer alguma coisa fora dos padrões viventes, impactar com um tipo de comportamento, etc.

sentem-se envergonhados de residirem no bairro e buscam uma distinção em relação a seu ambiente, estabelecendo relações com pessoas de outras localidades.

Aqueles que aderem ao primeiro discurso tendem a concordar com imagens externas de associação do local de moradia ao perigo,

seus discursos voltam-se facilmente para falar sobre violência, drogas, conflitos entre gangues como o que caracteriza a vizinhança acima de qualquer outra coisa. Nesse caso, os mesmos jovens concordam com as denúncias contra grupos de jovens violentos, que incomodam os vizinhos e causam insegurança na vizinhança. Viver no bairro lhes dá vergonha, medo e leva a uma busca por distinções em relação a esse ambiente, estabelecendo ligações com pessoas que não pertencem ao bairro ou que escolhem escolas que não são da área, por exemplo, restringindo ao máximo o contato social local. [...] Assim, se o estigma opera dentro de relações de poder e dominação, um de seus efeitos é que o estigmatizado não só conhece os estereótipos que circulam sobre eles, mas eles também podem começar a participar deles (Kessler e Dimarco, 2013, p. 229).

Discurso semelhante apresentou o jovem José, recém ex-morador do Cruzeiro. Quando indagado sobre suas percepções sobre ser jovem no bairro, ele responde: “perigoso”! Ser jovem no Cruzeiro, “não foi fácil”, embora ele passasse pouco tempo no bairro devido ao trabalho e ao estudo. “A percepção que tenho é que a maioria dos jovens estaria envolvida com a criminalidade, com o tráfico de drogas. É isso que percebo!” Quando indagado sobre os pontos negativos do bairro, José (2018) responde: insegurança e criminalidade, mas acredita que com a atuação da polícia o bairro, tende a torná-lo mais seguro: “a polícia tem intervindo mais e com isso tem ficado mais tranquilo”. Em relação aos pontos positivos, “não consigo ver”, responde.

José teve percursos de vida consideravelmente diferentes dos demais jovens do bairro. Ele buscou estabelecer relações externas, construir seus projetos de vida ancorados na educação e avalia que “muitos jovens não querem passar por este desafio”. O discurso de José busca uma não vinculação de sua imagem atual às dos moradores do bairro, numa tentativa de diferenciação e afastamento. Comportamento similar apresentou os sujeitos das pesquisas realizadas por Goffman e Wacquant.

Ao longo da entrevista, José buscou desviar-se dos diálogos que o remetiam à imagem de morador do Cruzeiro, que em seu discurso é uma imagem carregada elementos negativos. Comportamento diferente de quando o assunto eram suas trajetórias externas ao bairro, que na sua percepção remetiam a uma imagem de superação, mérito e de valores mais reconhecidos socialmente. Em uma interpretação semelhante Goffman (2011, p. 115) observa os pequenos sinais comportamentais nas interações sociais e conclui que “quando essa definição do eu é

ameaçada, o indivíduo tipicamente retrai a atenção da interação num esforço apressado para corrigir o incidente que ocorreu”.

Saravi (2004, p. 39) analisa que a “distinção social entre nós e eles se sobrepõe a uma diferenciação espacial” e que em um mesmo espaço surgem distinções internas. Há moradores que buscam se diferenciar dos outros moradores, há aqueles que manifestam intenção de mudar-se para outra região. A esse respeito, Clotilde (2018) pontua que “preconceito tem muito, tem gente de dentro do bairro que fala assim: um dia eu saio deste lugar, este lugar não é lugar de gente morar”.

Coura (2009, p. 85), em um estudo semelhante em um conjunto habitacional de Belo Horizonte, observa que as imagens negativas propagadas pelos “de fora” “retroalimentam as imagens que alguns moradores têm sobre o Conjunto que, por sua vez, as reproduzem para fora do lugar”. Para ela, a “forma negativa” ao se falar do bairro, pode se constituir “um desvio do estigma territorial, uma estratégia de diferenciação e distanciamento”,

As estratégias de distinção para o autor podem tomar três formas principais: a) “evitação mútua”; b) “reconstituição” e, c) “elaboração de infra-diferenças ou micro hierarquias e o desvio do opróbio público” que acabam construindo bodes expiatórios como “famílias problemáticas, os estrangeiros, os vendedores de drogas e as mães solteiras”. Segundo o autor, os moradores resistem em se vincularem ao bairro como “uma rede de conhecimentos e intercâmbios mútuos” e acabam reforçando a má reputação do bairro.

Alex (2018) e Helena (2018) relatam situações de divisões internas entre “Cruzeiro de Cima e Cruzeiro de Baixo”: “mesmo morando no bairro, pode ter o que for aqui que eles não sobem [...]. Eles falam assim: Ah num vou subir o Cruzeiro não, mas eles moram no Cruzeiro”. Helena (2018) analisa que “eles pensam que o povo de cima é uma coisa e o povo de baixo é outra”. Há ainda situações de bairros próximos que não participam de eventos no Cruzeiro por medo de brigas e violências. Com essas várias subdivisões criam-se universos individuais que não se conectam. Park (1987, p. 62) analisa que “os processos de segregação estabelecem distancias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram”.

Em diálogo com uma senhora do bairro, pergunto sobre o que os jovens do bairro costumam fazer, ela responde: “usar drogas. Tem briga no bairro por conta disso. Outro dia chegaram e mataram um jovem na esquina”. Assim, a primeira mensagem que ela transmite

sobre a juventude é ligada ao crime e violência. A forma como foi apresentado esse crime transmitiu a mensagem de ser algo rotineiro no bairro, embora tenha sido algo completamente atípico.

Para Wacquant (2001, p. 144) os moradores da *Cité* e do Gueto, “formam uma cidade do impossível, perpetuamente divididos entre si”, eles negam a natureza coletiva de seus problemas e, conseqüentemente, “se inclinam a implantar estratégias de distanciamento e ‘sáda’, que tendem a confirmar as percepções externas negativas e alimentam uma mortal profecia através da qual a mancha pública e o opróbio público e coletivo produzem”. Por fim, conclui o autor, “que eles simplesmente pretendem registrar: o atomismo social, a ‘desorganização’ da comunidade e a anomia cultural”.

Clotilde (2018) observa que, ao “falarem mal do Cruzeiro”, as pessoas querem de alguma forma sentirem-se superiores, melhores. Ao atribuímos ao outro uma marca negativa, afirmo minha normalidade através da diferença, por isso, a necessidade de apontá-la, como interpretou Goffman (2004). Para Elias e Scotson (2000, p. 24) “afixar o rótulo de ‘valor humano inferior’ a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social”.

Para Marcel Mauss toda sociedade possui um sistema de classificações, um conjunto de elementos com os quais os sujeitos se identificam e se diferenciam de outros sujeitos. Grimson e Baeza (2011, p. 354) analisam que “uma parte decisiva dos conflitos sociais é uma disputa sobre o sentido das categorias classificatórias”.

Como exposto acima, Kessler e Dimarco (2013, p. 229) apresentam três discursos em relação ao estigma, um deles é o discurso desafiador. Diferente dos discursos patológico e normalizador, o discurso desafiador é aquele que enfrenta de frente o estigma, discutindo os termos discriminatórios e buscando desmontar as imagens construídas historicamente. É “aquele que confronta o estigma”, como por exemplo, “discutir designações discriminatórias que nomeia ou tentando desmontar argumentos históricos e sociais com as coisas que são ditas”. Esse tipo de discurso é encontrado principalmente em pessoas vinculadas a política.

O discurso desafiador remete aos relatos de Alex - jovem liderança comunitária. Ele tem leitura ampla sobre o bairro e dos moradores, visualiza com muita precisão o contexto social, político, econômico e cultural do seu território. Em uma entrevista relativamente breve, ele apresenta verbalmente uma cartografia social do bairro. Ao longo da entrevista ele

relata situações de discriminação que vivencia por ser morador do Cruzeiro, mas com um discurso sempre muito otimista, realista e propositivo, fala de sua experiência como articulador do grupo de futebol Xerém. Alex (2018) analisa que uma das formas de se lidar com o estigma de território é ampliando as possibilidades de pessoas de outras regiões conhecerem o bairro, a partir de outras vivências, outros olhares.

Fala da experiência do grupo de futebol, “que mudou muito a cara do bairro”, pois muitos jogadores tinham medo de entrar no Cruzeiro. Por meio do futebol os jogadores e, posteriormente, suas famílias passaram a frequentar o bairro em ocasiões diversas, possibilitando assim visualizarem os fatos reais e construírem novas visões sobre o território.

A partir dessa análise, ele decidiu começar a se articular com alguns moradores e propor a realização de uma feira no bairro, como forma de geração de oportunidade para os moradores apresentarem suas habilidades e potencializar a entrada no bairro para acesso a serviços. “O intuito é também trazer pessoas que não são do Cruzeiro para mostrar que no bairro tem pessoas de bem, que levanta cedo para trabalhar, ... mudar aquela visão das pessoas, que falam sem conhecer”. Sophia (2018) ao relatar suas vivências do estigma territorial, faz questão de frisar que embora sinta tristeza, “não sinto vergonha de falar que moro lá, minha infância foi muito boa, minha família é muito companheira e meus vizinhos são ótimos”.

Cornejo (2012, p. 193), em seus trabalhos, analisa que se trata de reconstruir novos significados de reconhecimento social, que é parcialmente negado quando se é estigmatizado. Dentro dessa perspectiva, entendemos que a “internalização do estigma não é uma questão passiva, pois implica em resistências, investimentos de sentido por parte dos sujeitos estigmatizados”. Além disso, ela reconhece a tensão entre a “identidade territorial configurada sob conteúdos de violência, delinquência e pobreza” e a necessidade de configurar uma nova identidade que dê “sentido e valor” a vida desses sujeitos.

Alex (2018) avalia que o bairro tem muitas potencialidades, mas que falta investimento. Por conhecer as relações políticas locais, mostra-se descrente com o poder público. Ele acredita que isso tenha que “vir do povo”, com o apoio de pessoas que decidam verdadeiramente “acreditar” no bairro.



## 7 CONCLUSÃO

As desigualdades sociais na sociedade capitalista possuem uma raiz comum: a relação capital e trabalho, da qual deriva e intensifica outras formas de desigualdades. Contudo, é preciso um olhar atento às suas diversas manifestações de modo a compreender suas particularidades e pensar ações de enfrentamento mais efetivas e conectadas com a realidade dos sujeitos.

De acordo com os dados do IBGE e CadÚnico, apresentados nesta dissertação, o Cruzeiro é um bairro que possui uma realidade bastante diversa daquela do seu surgimento e convive com vulnerabilidades múltiplas. A fotografia do bairro em 2018 mostra a ampliação do acesso à educação básica para imensa maioria da população; regularização das habitações (seja por escritura cartorial, seja por contrato de compra e venda); totalidade das moradias com infraestrutura básica de rede esgoto, luz, água, acesso a uma ampla rede de serviços públicos e privado, entre outras coisas.

A estrutura do bairro mudou, mas ainda convive com vulnerabilidades que se materializam em outros formatos, como as dificuldades de garantir a permanência dos moradores na escola; necessidade de fazer a manutenção e a ampliação da infraestrutura buscando melhorias e a garantia da equidade na mobilidade; políticas para lidar com elementos simbólicos de violência, como estigma territorial e preconceito racial e; criação de áreas e atividades de lazer que promovam encontros diversos no bairro, favorecendo a construção de novos imaginários sobre a região e seus moradores.

Além disso, a pesquisa apontou alguns outros avanços de natureza imaterial em relação às questões de gênero e étnico raciais, demonstrando uma sintonia dos moradores com movimentos nacionais. O acesso de jovens mulheres do Cruzeiro ao ensino superior em 2018 foi significativamente maior que o de homens e o número de mulheres como responsáveis familiares foi proporcional ao número de homens. Além disso, o discurso das mulheres entrevistadas é marcado por empoderamento feminino e participação mais ativa no curso de suas vidas. Contudo, essa realidade ainda enfrenta desafios no campo material, como o acesso a renda, pois, como mostraram os dados, elas ganhavam consideravelmente menos que os homens.

As declarações de raça/cor demonstraram que aproximadamente 75% da população do Cruzeiro se reconheciam como parda ou preta, com a maioria se identificando como parda.

Entre os dados coletados mais recentemente, os jovens expressaram uma maior identificação como negro e com a luta por igualdade racial. Além disso, na entrevista em grupo eles relataram vivências de resistência, embora ainda tenham que lidar com diversas manifestações de preconceito e discriminação.

Em relação ao público jovem, aproximadamente 80% dos inscritos no CadÚnico se declararam negros ou pardos e cerca de 79% informaram rendam inferior a ½ salário mínimo. Dados esses que evidenciam o que as pesquisas têm mostrado acerca da relação raça/cor e nível de renda, ou seja, que a pobreza está mais concentrada entre a população negra e parda. Para além dessas violências, o preconceito resulta em mortes físicas como os casos de “juenicídio” negro que continuam manchando de sangue nossa história e colocando os negros em cenários de guerra.

As incertezas juvenis, aqui enfatizados na relação com a escola e com o trabalho, apresentam a dura realidade do jovem pobre morador do Cruzeiro. O percurso entre sua inserção na escola à conclusão dos estudos é atravessado por diversos desafios, entre eles as dificuldades financeiras, necessidade de trabalhar, maternidade e paternidade, envolvimento com drogas, etc. Nem sempre o jovem consegue enfrentar todas essas situações e ainda se manter na escola, que muita das vezes por sua incerteza de retorno futuro, gera desestímulo para o jovem de setores populares. Além disso, a educação também perpassa por questões de prioridades e interesse de cada jovem, como mencionado no grupo de entrevistados. Embora seja importante oportunizar aos jovens acesso real à educação, é preciso considerar que nem todos seguirão esse caminho.

A não vinculação à escola acaba tendo repercussão em outros âmbitos na vida do jovem do Cruzeiro, que enfrenta o mercado de trabalho cada vez mais celetista e a exigência de escolaridade mínima. A ausência de trabalho foi um elemento que apareceu em todas as entrevistas com os jovens. Nos setores de inclusão produtiva essa foi a primeira e principal demanda dos jovens. Com a crise econômica enfrentada pelo país e o município, os jovens mais atingidos são aqueles menos qualificados para as demandas do mercado, entre esses estão os jovens do Cruzeiro.

Os relatos do jovem desempregado, com baixa escolaridade, negro, morador de um bairro estigmatizado, pobre e com uma rede de contatos pouco diversificada - em termos de oportunidades diversas, conduzem o leitor a um caminho angustiante e desesperador no sentido de não se encontrar portas de saída nesse quarto escuro que é o desemprego. A

palavra que fica das narrativas juvenis é oportunidade, oportunidade de se conseguir dinheiro, pelas vias do trabalho, e garantir sua sobrevivência e vivências.

A associação direta e generalizada das pessoas a elementos negativos de seu espaço de moradia impacta em diversos âmbitos da vida social do jovem: no acesso a oportunidades, na liberdade dos fluxos e na diversidade de experiências. Neste sentido, a violência como uma vivência diária, passa a se expressar de diferentes formas, não mais se restringindo à atos físicos de crimes violentos ou aos contextos domésticos de violência familiar, mas também como uma violência invisível imposta pelo estigma territorial, enquanto identidades coletivas e imaginárias.

O estigma territorial rotula o morador desde muito cedo nas suas interações escolares e recai mais fortemente sobre o público jovem. O fato desse estigma estar relacionado ao local de moradia, espaço formador de identidades e onde os sujeitos estão em constante interação, lhe confere características especiais em relação a alguns outros estigmas, tornando-se onipresente e de difícil separação em relação a identidade dos seus moradores. A reprodução irrefletida do estigma implica na naturalização dessas relações desiguais. Para Bourdieu, a naturalização dos processos sociais tira o peso da responsabilidade da sociedade de se haver com preconceitos e exclusões.

O estigma territorial é uma forma de desigualdade que extrapola elementos objetivos, como a renda, por exemplo. É uma marca que classifica e segrega pessoas por meio de características socialmente construídas, é um rótulo que diferencia as pessoas nas interações sociais, como se esses sujeitos carregassem o “sino do leproso”, nos termos de Goffman. Trata-se de uma forma de segregação por meio da propagação de uma imagem coletivamente aceita por meio de um discurso.

Ao longo da pesquisa foi possível perceber que um traço distintivo para a reprodução do estigma no Cruzeiro está relacionado ao vínculo com o bairro, seja um vínculo de morador ou não morador. Se a pessoa mantém relações de amizade e encontros no bairro, embora ela reconheça os aspectos problemáticos do território, são relatadas características positivas e feitas leituras reflexivas sobre o contexto social e estrutural dos sujeitos envolvidos com a criminalidade, além de reconhecerem que violência e as drogas não são um traço exclusivo do Cruzeiro. Já aqueles que, mesmo morando no bairro, não mantem vínculos sociais com o território, acabam reforçando os estereótipos de violência e medo, além de não conseguirem visualizar as outras faces desse espaço.

Múltiplos discursos se desenvolveram em torno do Cruzeiro ao longo de sua formação. Entre esses foram destacados os seguintes: a) moradores de fora que não possuem vínculos com o bairro e que o veem como um lugar de medo e violência; b) moradores de outros bairros que possuem vínculo e vivências com o território e que reconhecem as redes de solidariedade, festividade e amizade da população local; c) moradores que vivem no bairro, mas possuem vínculos de amizade externos e reforçam os estigmas e d) moradores que possuem vínculos internos, as vezes também externos, que veem os problemas do bairro, porém que possuem laços de afeto com o território, relações de solidariedade fortalecidas e lutam por melhorias para o seu local de moradia.

Os discursos dessas pessoas refletem de diversas formas na vida dos moradores e por sua vez despertam diferentes reações. Um desses reflexos é a interferência na oferta dos serviços como os de saúde, que durante a noite demandam escolta policial para adentrar no bairro; os serviços de segurança pública, que dão baixa credibilidade às denúncias feitas pelos moradores e; os desafios para conseguir emprego na cidade devido a desconfiança em relação aos moradores. Além disso, o estigma interfere na limitação de fluxos e vivências com pessoas de realidades sócio culturais diversas - nas relações de amizades, namoro, na interação de pessoas de outras regiões com o bairro - e até mesmo no sentimento de pertença e na solidariedade grupal.

Alguns moradores do Cruzeiro internalizam e reproduzem a sensação de medo contínuo, em razão do imaginário de alta criminalidade, e utilizam esse rótulo como justificativa para estabelecer um distanciamento de “segurança”, constituindo relações sociais externas. Há entre esses moradores o desejo de mudar-se do bairro, como uma única saída para lidar com os elementos negativos do território.

Por outro lado, há moradores que fazem uso do rótulo do Cruzeiro como um lugar perigoso para obter respeito pelas vias do medo. Essa é também uma estratégia de exercer o poder e obter status em determinados contextos, pelo próprio glamour em torno daquele que é temido: “ah não mexe com ele, ele é lá do Cruzeiro”. Ser associado a essa imagem pode representar maior segurança para uns, pois algumas pessoas evitam conflito com esses moradores, mas ao mesmo tempo pode expressar insegurança em relação a grupos de outros bairros.

Como analisa Goffman, o estigma em si não é honroso nem desonroso, é apenas uma perspectiva gerada a partir de interações sociais. Há vários sentidos e usos dessa construção

discursiva, não permitindo, portanto uma única forma de interpretação. Apresentar outras facetas do estigma territorial não é desconsiderá-lo como uma violência, mas compreender que na vida concreta, pela própria heterogeneidade do social, os sujeitos recriam suas vivências de múltiplas formas.

Por fim, foram identificados discursos de resistência em relação ao estigma e enfrentamento diário de suas consequências. A maioria dos moradores entrevistados reconheceram as vulnerabilidades e as dificuldades vivenciadas no cotidiano do território. Mas essas observações foram sempre acrescidas de elementos positivos como a solidariedade, amizade, festividade e alegria dos moradores. Os relatos expressaram a vivacidade *barrial* das interações da rua, dos laços de fraternidade e dos conflitos (que também dizem das interações territoriais).

Esses moradores reagiram às manifestações de estigma territorial de forma crítica e com resistência. Através de uma leitura contextualizada e refletida sobre esses elementos, manifestaram dor frente às experiências de exclusão vivenciadas, mas trouxeram novos elementos aos diálogos, propondo caminhos alternativos para lidar com os rótulos.

Os entrevistados apresentaram a importância de se pensar oportunidades de geração de renda para o desenvolvimento local, contudo destacaram necessidade de se criar espaços e oportunizar e encontros no bairro. Um caminho visualizado por um jovem morador, que avalio ser bastante adequada a esses objetivos, é a de criação de uma feira no bairro. Essa feira geraria oportunidade de renda para os moradores com habilidades diversas e possibilitaria encontros com pessoas de outras regiões. Por meio desses encontros, as pessoas teriam a possibilidade de visualizar o bairro a partir de outras lentes e de construir seus próprios discursos, para além de uma reprodução irrefletida de imaginários coletivos. Essa proposta revela que os moradores do Cruzeiro reconhecem a experiência do estigma do território e buscam formas, dentro da dinâmica de interação e convivência na vida urbana, de contorná-lo ou enfrentá-lo.



## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis, punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Escrita, 1994.
- ALMEIDA, Elmir; NAKANO Marilena. Jovens, territórios e práticas educativas. **Revista Teias**, Rio de Janeiro. v. 12, n. 26, p. 115-130, set./dez. 2011.
- ANDRADE, Luciana Teixeira. **Os condomínios fechados e as novas dinâmicas metropolitanas**. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 10. 2005, São Paulo. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. p. 837 – 852.
- ANDRADE, Luciana Teixeira; SILVEIRA, Leonardo Souza. Efeito-território: Explorações em torno de um conceito sociológico. **Civitas**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 381 - 402, maio – ago. 2013.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL: **Perfil da sua localidade**. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/>>. Acesso em: 16 set. 2018.
- BARBOT, Janine. Conduzir uma entrevista de face a face. In: PAUGAM, Serge (Org.). **A pesquisa sociológica**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BECKER, Howard Saul. O estudo do desvio: problemas e simpatias. In: BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, Cap. 9, p. 170 – 179.
- BONETI, Lindomar Wessler. Jovem pobre, pobre jovem: a condição de acesso ao ensino superior no Brasil. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Editora do Ministério da Saúde. Brasília, 2008. Cap. 3, p. 107 – 119.
- BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre. et al. **A miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 159-175.
- BRASIL. Estatuto da Juventude (2013). **Estatuto da Juventude**. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>>. Acesso em 28 fev. 2018.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Sagi**. Brasília: MDS, 2018. Disponível em:< <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/portal/index.php?grupo=165>> Acesso em 10 out. 2018.
- BRENNER, Ana Karina; Carrano, Paulo; Dayrell, Juarez. Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008, Cap. 2, p. 29 – 45.
- CALDEIRA, Tereza. Enclaves Fortificados: a nova segregação urbana. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 47, p. 155 – 176, mar. 1997.
- CARRANO, Paulo . **Territórios juvenis**. Disponível em: <[http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/territorios\\_juvenis.pdf](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/territorios_juvenis.pdf)>. Acesso em 25 fev. 2018.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Jovens na cidade. **Trabalho e Sociedade**, Rio de Janeiro. Ano 1, n. 1, p. 15-22, ago. 2001.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Reportagem: **crece número de jovens que nem estudam, nem trabalham no Brasil**. 19 de maio de 2018. Disponível em: <<https://paulocarrano.blog/2018/05/19/crece-numero-de-jovens-que-nem-estudam-nem-trabalham-no-brasil/>>. Acesso em: 19 de maio de 2018.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. O Jovem, seu boné e a escola. **Revista Veras**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 183-202, jul/dez, 2017.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: Elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283 – 2003, jul. 2003.

CASTRO, Lucia Rabelo de. Jovens pobres no Rio de Janeiro: dificuldades e recursos frente às adversidades. In: BRASIL, Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Editora do Ministério da Saúde. Brasília, 2008, Cap. 3, p. 119 – 133.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY Miriam. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Cadernos de Pesquisa FCC**, São Paulo, n. 116, p. 143-176, jul. 2002.

COLOGNESE, Silvio Antonio; MELO José Luiz Bica de. A Técnica de Entrevista na Pesquisa Social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, vol. 9, p. 143 – 159, 1998.

CORNEJO, Andrea Catalina. Estigma territorial como forma de violencia barrial. El caso del sector El Castillo. **Revista Invi**, Santiago de Chile, v. 27, n. 76, p. 177 – 200, nov. 2012.

COURA, Claudinéia Aparecida Pereira. **Juventude e segregação urbana em Belo Horizonte**: um estudo de trajetórias e representações sociais no Conjunto Taquaril. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

COUTO, Cintia. **Entrevista**: Cintia Couto. Entrevista concedida a Cristina Xavier Cordeiro. Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de Nova Lima em 25 out. 2018.

DAYRELL, Juarez, MOREIRA; Maria Ignez Costa; STENGEL, Marcia. Introdução. In: DAYRELL, Juarez, MOREIRA; Maria Ignez Costa; STENGEL, Marcia (Org.). **Juventudes Contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2011, p. 12 - 43

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40 – 52, set /out /nov /dez 2003.

DIÓGENES, Glória. Enigmas do medo: juventude, afetos e violência. In: DAYRELL, Juarez, MOREIRA; Maria Ignez Costa; STENGEL, Marcia (Org.). **Juventudes Contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 2011. p. 209-299.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. Contribuição para o estudo das representações coletivas (1903). In: MAUSS, M. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2005, Cap. 10 p. 399 - 475.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Estabelecidos e Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FILGUEIRA, Carlos H. **Estrutura de oportunidades y vulnerabilidad social**: Aproximaciones conceptuales recientes. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Las diferentes expresiones de la vulnerabilidad social en América Latina y el Caribe. Promovido pela Comissão Econômica para América Latina Y Caribe (CEPAL), realizado em 20 e 21 de Junho de 2001 em Santiago de Chile.

FREITAS, Maria Virginia de (Org.). **Juventude e Adolescência no Brasil**: Referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Tradução Mathias Lambert. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de Interação**: Ensaio sobre o comportamento face a face. Tradução de Fabio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOMES, Elmo. **A história do bairro Cruzeiro**. (<http://historianovalima.no.comunidades.net/a-origem-do-bairro-cruzeiro>). Acesso em 25 de Abril de 2018. Acesso em 20 Out. 2018.

GOMES, Victor. **Fotos de Nova Lima**. Disponível em: <<http://historianovalima.no.comunidades.net/fotos-antigas-download-x>>. Acesso em 20 Out. 2018.

GRIMSON, Alejandro; BAEZA, Brígida. Desajustes entre nível de renda e hierarquias simbólicas em Comodoro Rivadavia. Sobre as legitimidades da desigualdade social. **Mana**, Rio de Janeiro. n. 17, p. 337 – 363, set. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Perfil das cidades**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=314480>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Setor Censitário Região Cruzeiro Nova Lima (Minas Gerais)**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

INSTITUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. UNESCO (Org.). **Criança e adolescente**: prioridade absoluta. Belo Horizonte - PUC Minas, Brasília: UNESCO, 2007.

JACCOUD, Mylene; MAYER, Robert. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In: Poupard, Jean. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 254 – 294.

KAZTMAN, Rében. Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos. **Revista de La Cepal**, Santiago. n. 75, p. 171-189, dez. 2001.

KAZTMAN, Rubén; FILGUEIRA, Fernando. Las normas como bien público y como bien privado: reflexiones en las fronteras del enfoque AVEO. **IPES**. Montevideo: Universidad Católica del Uruguay, Serie Documentos de Trabajo del Ipes – Colección Aportes Conceptuales, n. 4, 2006.

KESSLER, Gabriel. Las consecuencias de la estigmatización territorial. Reflexiones a partir de un caso particular. **Espacios em Branco** – Serie indagaciones, Buenos Aires, n. 22, p. 165-197, jan. – jun. 2012.

KESSLER, Gabriel; DIMARCO, Sabrina. Jovenes, policia y estigmatización territorial em la periferia de Buenos Aires. **Espacio Abierto**, Venezuela, v. 22, n. 2, p. 221 – 243. abr/jun, 2013.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativas e identidade. In: ABRAÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.) **A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LEMONS, Alexander. **Entrevista**: Alexander Lemos. Entrevista concedida a Cristina Xavier Cordeiro. Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de Nova Lima em 25 set. 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, São Paulo. v. 17, n. 2, p. 173-205, nov. 2005.

MARTINS, Cristiane. **Entrevista**: Cristiane Martins. Entrevista concedida a Cristina Xavier Cordeiro. Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de Nova Lima em 08 nov. 2018.

MAY, Tim. Entrevistas métodos e processos. In: **Pesquisa social; questões, métodos e processos**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, Cap. 6, p. 145 - 172

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”, **Lua Nova**, São Paulo, n. 79, p. 15-38. 2010.

MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei; FERNANDES, Fernando Manuel Bessa. Juventude e criminalidade urbana Juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro. In. BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, p. 151 – 170, 2008.

OLIVEIRA, W. **Fotos de Nova Lima**. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/9121413@N08/8950538876/in/photostream/>>. Acesso em 20 Out. 2018.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da Juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v. 25, p. 139 – 165, 1990.

PAIS, José Machado. Nas rotas do quotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Lisboa, n. 37, p. 105 – 115, jun. 1993.

PARK, Robert, Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Tradução de Sergio Magalhães Santeiro. In: VELHO, Otávio (Org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, Cap. 2, p. 26 – 68.

PEREIRA, Alexandre Barbosa Pereira. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais. **Ponto Urbe** [Online] 30 de julho de 2007. Disponível em: <

<http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Artigo-Alexandre-Barbosa-Pereira.pdf>>. Acesso em 14 de junho de 2018.

PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL DE NOVA LIMA (MG).

**Mapas:** Administrações Regionais de Nova Lima. Disponível em:

<<http://www.jorgewilheim.com.br/legado/Projeto/visualizar/1671>>. Acesso em: 01 out. 2018.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: Poupart, Jean. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Proximidade Territorial e Distância Social: reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano. **Revista Vera Cidade**, Salvador, ano 3, n. 3, maio, 2008.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. Segregação residencial e segmentação social: o —feito vizinhança” na reprodução da pobreza nas metrópoles brasileiras. **Cadernos MetrÓpole**. São Paulo, n. 13, p. 47-70, 2005.

SABATINI, Francisco; CÁCERES, Gonzalo; CERDA, Jorge. Segregación residencial en las principales ciudades chilenas: Tendencias de las tres ultimas decadas y posibles cursos de acción. **Eure**. Santiago, v. 27, n. 82, 2001.

SARAVI, Gonzalo Andres. Mundos aislados: segregación urbana y desigualdade en la ciudad de Mexico. **Eure**. Cidade do México, n. 103, p. 93 – 110, dez. 2008.

SARAVI, Gonzalo Andres. Segregación urbana y espacio publico: los jovens en enclaves de pobreza estructural. **Revista de la Cepal**. Santiago, n. 83, p. 144 – 157, ago. 2004.

SAWAIA, Bader Burihan. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 9. n. 2, p. 20 – 24, 1995

SILVA, Héli da Lopes da Silva. **Percepções do ser jovem no Titanzinho**: uma análise da autoimagem em Fortaleza/CE. 2014. 122 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

SIMMEL, George. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org). **Georg Simmel**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983, Cap. 11, p. 165 – 182.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. Da segregação à fragmentação socioespacial. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora Unesp, 2013, Cap. 11, p. 273-301

SPÓSITO, Marília (Org.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

TAKEITI, Beatriz Akemi, VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. **Periferias (in)visíveis**: o território-vivo da Brasilândia na perspectiva de jovens moradores. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.23925/2176-2724.2017v29i1p144-157>>. Acesso em 20 dez. 2017.

TEJEDOR, Alberto del Campo. Investigar y desconstruir el estigma en barrios marginales: un estudio de caso. **Zainak**. Servilha, n. 24, 2003, p. 803-817.

TELLES, Vera da Silva; CABANES, Robert (Orgs). **Nas tramas da cidade**: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo : Associação Editorial Humanitas, 2006.

TORO, Natalia Quiceno; NARANJO, Paula Sanín. Estigmas territoriales y distinciones sociales: configuraciones espaciales en la ciudad de Medellín. **Anagramas**, Medellín, v. 7, n. 14, p. 115 – 132, jan - jun, 2009.

WACQUANT, Loic ; SLATER, Tom; PEREIRA, Virgílio Borges. Estigmatización territorial en acción. **Revista Invi**. Santiago de Chile, n. 82, v. 29, p. 219 – 197, nov. 2014.

WACQUANT, Loic. **A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada**. Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4618.pdf>>. Acesso em 28 fev. 2006.

WACQUANT, Loic. **Os condenados da cidade**: estudos sobre marginalidade avançada. Tradução João Roberto Martins Filho et al. Rio de Janeiro: Revan FASE, 2001.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e a Revolta**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2 ed. 1994.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PESSOAS IDOSAS/ADULTOS MORADORES DO BAIRRO CRUZEIRO

##### A) Memórias do Tempo de Formação e desenvolvimento do Bairro:

- 1) História do entrevistado com o bairro (*chegada ao bairro, relatos de vivências atuais...*)
- 2) História de formação do bairro (*processo de formação e urbanização, chegada dos primeiros moradores e de instituições/comercio, modo de aquisição da terra, formas de construção das casas, histórias que marcaram...*)
- 3) Principais problemas enfrentados;
- 4) Principais potencialidades;
- 5) Percepções sobre juventude no Cruzeiro;
- 6) Vida cultural e associativa;
- 7) Interação dos moradores com a cidade;
- 8) Relação com os representantes políticos;
- 9) Percepção geral sobre a vivência no bairro.

##### B) Relatos atuais do bairro

- 1) Vivências cotidianas;
- 2) Lazer e entretenimento;
- 3) Associativismo e redes de solidariedade;
- 4) Relação dos moradores com a cidade;
- 5) O contexto político do bairro (relação dos moradores com a política e com os políticos)
- 6) Vulnerabilidades
- 7) Potencialidades
- 8) Sentimento de pertença ao bairro
- 1) Percepções sobre a Juventude

##### C) Análise das vivências do passado e do presente

- 2) Como era morar no bairro no período de formação e morar hoje?
- 3) Como você analisa a juventude de antes e a juventude de agora?

## APÊNDICE B

### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM REPRESENTANTES DO PODER PÚBLICO E LIDERANÇAS LOCAIS

1. Informações sobre o bairro Cruzeiro (*imaginário popular sobre o bairro, indicadores e dados quantitativos/estatísticos*);
2. Potencialidades;
3. Vulnerabilidades
4. Percepções sobre os moradores do bairro;
5. Percepções sobre a juventude do bairro;
6. Percepções sobre o bairro em relação à cidade (*fluxos, semelhanças e diferenças do bairro em relação a outros bairros...*)

## APÊNDICE C

### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM JOVENS

1. Memórias da infância
2. Relações familiares (*moram com os pais? Tem filhos? Conflitos e solidariedade, sentidos da família...*);
3. Atividades de lazer (*quais? Por que? São dentro ou fora do bairro...*)
4. Relações escolares (*sentidos da escola,...*);
5. Relações laborais (trabalhos realizados, desafios, percepções sobre o mundo do trabalho, ...);
6. Projetos de vida;
7. Participação em projetos /-Meninos de Projeto”?
8. Vida associativa/rede de solidariedade e contatos (*grupos culturais, religiosos, esportivos, diversidade de círculos sociais, ...*);
9. Fluxos (*movimentos cotidianos, interações com a cidade e lugares externos ao bairro, liberdade de trânsitos, ...*);
10. Relação com o bairro (*percepções sobre potencialidades, vulnerabilidades, conflitos, hierarquias sociais, sentimento de pertença...*)
11. Relação com poder público;

12. *Percepções sobre gênero e raça/cor (observação sobre diferenças de gênero, auto declaração de gênero e raça/cor, noções de racismo...);*
13. *Ser jovem no Cruzeiro (pontos positivos e negativos de ser um jovem no cruzeiro, situações positivas ou negativas que ocorreram com o entrevistado por ser morador do Cruzeiro...);*
14. *Vivências cotidianas (atividades diárias, interações na/com a rua, percepções sobre: ser morador do cruzeiro tem impacto sobre as vivências diárias?...).*